

Apocalipse

Ronald E. Watterson

Edições Cristãs

© Edições Cristãs – Editora Ltda.

Apocalipse

Ronald E. Watterson

1ª edição: **julho de 1987**

2ª edição: **agosto de 2001**

3ª edição: **julho de 2011**

Nova impressão: **novembro de 2015**

Capa: **Daniel de Almeida Jané**

ISBN: **978-85-7558-087-5**

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: edicoescristas.com.br

UMA APRESENTAÇÃO

Sentimo-nos honrados em poder entregar ao público cristão esta obra. Muitos se têm proposto explicar o livro do Apocalipse e afirmações as mais extravagantes têm sido feitas com base nele. Isto porque, para uns, tudo deve girar em torno de Israel; para outros, a interpretação deve ser em função da Igreja;...

Creemos que Aquele que está à destra do Pai, honrado na Igreja e glorificado no céu, é a chave para a interpretação das Escrituras em geral e do Apocalipse em particular. “*As Escrituras... testificam de Mim*” (João 5:39). Este livro foi escrito partindo-se deste ponto de vista.

Trata-se de uma obra:

- Cristocêntrica;
- prática;
- doutrinária.

Talvez alguma afirmação contida nele possa nos chocar. Estudemos os versículos nos quais está baseada e acabaremos concordando.

O Autor é um verdadeiro doutor da Palavra. Trata-se de um vaso escolhido pelo Espírito para que, pelo seu ministério bíblico, nós sejamos mais semelhantes a Cristo.

Que assim seja com todos os leitores deste livro!

Os Editores

INTRODUÇÃO

O Apocalipse é muito negligenciado e, conseqüentemente, pouco conhecido. Muitos cristãos, que nunca deixam de ler a sua Bíblia, não leem este livro e, entre aqueles que o leem, poucos o estudam.

Talvez a razão desta omissão seja a ideia que o Apocalipse é um livro obscuro e difícil de entender. Sendo um livro de muitos símbolos, é considerado misterioso.

Creio, porém, que o Apocalipse não é um livro que não possa ser entendido. Muito pelo contrário. É uma revelação. A primeira palavra no texto grego e “*Apokalupsis*” (que significa “revelação”), indicando que o conteúdo deste livro não está oculto; é uma revelação.

Além disso, aprendemos no primeiro versículo que esta revelação foi dada *“para mostrar”*. Não pode ser um livro selado e impossível de entender; não foi dado para ocultar, e sim, para mostrar.

Neste mesmo versículo, porém, descobrimos porque muitos ainda não entendem o Apocalipse. É uma revelação dada para *“para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer”*. A revelação não é dada a todos; é dada somente aos Seus servos. Sendo uma revelação, é algo que não se aprende pela própria inteligência ou esforço; Deus revela.

Portanto, se lemos o Apocalipse como curiosos que querem saber o que vai acontecer, este livro permanecerá fechado. Se o lemos, apenas como estudantes, querendo analisar o seu texto e aumentar o nosso conhecimento, nada aprenderemos. Se, porém, nos aproximamos deste livro como servos do Soberano Deus, então Ele mesmo revelará aos nossos corações as coisas que devem acontecer, Compare com Mateus 11:25 e 1 Coríntios 2:9-15.

PECULIARIDADES DO APOCALIPSE

1) Este é o único livro profético em o Novo Testamento. Outros livros, como Mateus e Romanos, contêm muitas profecias, mas não são inteiramente proféticos, como é o Apocalipse.

2) Somente este livro traz uma promessa específica de bênção para aquele que lê e para aquele que guarda as suas palavras (1:3). Qualquer parte da Bíblia traz bênção para aquele que lê, ouve e guarda as suas palavras, mas é significativo que este livro traz uma promessa específica de bênção.

3) É o último livro da Bíblia, O que teve origem em Gênesis, chega à sua conclusão ou perfeição no Apocalipse. As semelhanças e os contrastes entre os primeiros e os últimos capítulos da Bíblia são impressionantes. O Apocalipse encerra a revelação de Deus ao homem.

ANÁLISE DO APOCALIPSE

À primeira vista, o livro parece complexo e, portanto, difícil de analisar. O próprio Deus, porém, tem fornecido uma análise logo no primeiro capítulo (veja 1:19). Ele mandou que João escrevesse *“as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de*

acontecer”. Nesta ordem, o Senhor deu três tarefas a João, as quais dividem o livro em três partes.

No primeiro capítulo, João ouviu uma grande voz que dizia: “*O que vês, escreve-o num livro*” (1:11). Ele virou-se para ver e o resto do capítulo conta o que ele viu. Este capítulo é, portanto, a primeira parte do livro, ou seja, “*as coisas que tens visto*”.

Deixando, por enquanto, a segunda parte, notamos que o Senhor mandou João escrever “*as coisas que depois destas hão de acontecer*”. Uma expressão quase idêntica aparece no capítulo quatro, quando a mesma voz que João ouvira no primeiro capítulo disse: “*Sobe aqui e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer*” (4:1). A partir deste ponto, o livro relata estas coisas futuras. A terceira divisão, portanto, começa no início do capítulo quatro.

A segunda parte, obviamente, tem que ser os capítulos dois e três. Nestes dois capítulos encontramos sete cartas dirigidas a sete igrejas na Ásia, cartas estas que falam da condição e do testemunho destas igrejas. Nisto vemos “*as coisas que são*”, ou seja, as experiências de igrejas locais na terra; é a segunda parte do livro.

A análise do livro, fornecida pelo Senhor, é:

- 1) As coisas que João viu — capítulo 1;
- 2) As coisas que são — capítulos 2 e 3;
- 3) As coisas que depois destas hão de acontecer — capítulos 4

a 22.

Cada uma destas partes poderá ser analisada com mais detalhes e faremos isto na introdução ao comentário sobre cada uma.

.oOo.

PRIMEIRA PARTE

“As coisas que João viu”

Capítulo 1:1-20

O primeiro capítulo do Apocalipse é, ao mesmo tempo, a introdução e a base do livro. É a introdução porque apresenta a Pessoa do Senhor Jesus Cristo, a Figura central do livro; é a base porque O apresenta em Sua glória e soberania, que são os temas que o livro desenvolve.

.oOo.

CAPÍTULO 1

ANÁLISE

- 1) Introdução — vs. 1-3.
- 2) Saudação e doxologia — vs. 4-6.
- 3) Testemunho — vs. 7-8.
- 4) Introdução à visão — vs. 9-11.
- 5) A visão — vs. 12-16.
- 6) A comissão — vs. 17-20.

COMENTÁRIO

1) Introdução – vs. 1-3.

V. 1 — Revelação de Jesus Cristo. a qual Deus lhe deu, para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo Seu anjo as enviou, e as notificou a João Seu servo;

Nas primeiras palavras deste versículo temos o título do livro — a Revelação de Jesus Cristo. Não é simplesmente a revelação de coisas futuras, mas sim, de uma Pessoa.

Acontecimentos futuros são revelados, mas somente na medida necessária para revelar Jesus Cristo como Aquele em Quem todos os propósitos de Deus serão realizados.

Sendo uma revelação, trata de coisas que não se aprendem pela mera capacidade humana; Deus as revela.

Note a ordem dos nomes: Jesus Cristo. Jesus, o humilde nazareno, o rejeitado. Cristo, o Ungido, o Exaltado. O livro vai revelar a glória e domínio dAquele que antes fora desprezado e rejeitado pelos homens. Esta revelação foi dada pelo Pai. O Senhor Jesus tomou a posição de servo (veja Isaías 42:1).

Embora sendo Deus, Onisciente, igual ao Pai, Ele tomou o lugar de servo (Filipenses 2:6-7). O servo não sabe o que faz o seu senhor (João 15:15) e o nosso Senhor verdadeiramente Se fez servo. Embora sabendo tudo (João 21:17), Ele “soube” apenas o que o Pai Lhe revelou.

A revelação foi dada para mostrar aos Seus servos as coisas que hão de acontecer. A palavra traduzida “servos” é literalmente “escravos”. Somos, porém, escravos privilegiados, pois o Senhor quer revelar a nós o que vai fazer. Compare com Gênesis 18:17.

Estas coisas reveladas hão de acontecer; são inevitáveis. Esta é a força da palavra “*devem*”. João não escreveu que aconteceriam brevemente, como parece nas nossas versões portuguesas, mas que aconteceriam com rapidez. A ideia é que, uma vez começando a acontecer, tudo se dará rapidamente.

Um anjo foi enviado para trazê-las. Anjos ocupam um lugar destacado neste livro. A palavra traduzida “*anjo*” significa “mensageiro”.

A ordem das palavras no texto grego deixa claro que foi Deus (e não o anjo) que as notificou a João. O verbo traduzido “*notificou*” indica que a revelação seria dada por meio de sinais ou símbolos.

V. 2 — O qual testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto.

Note as expressões neste versículo:

- 1) A Palavra de Deus;
- 2) O testemunho de Jesus Cristo;
- 3) Tudo o que tem visto.

São três descrições da mesma coisa. A revelação veio de Deus; portanto, é a palavra dEle. Foi dada ao Senhor Jesus Cristo e, por Ele, aos Seus servos; portanto, é o testemunho de Jesus Cristo. João viu tudo isto em símbolos (veja comentário sobre “*notificou*” no v. 1); portanto, é o que ele viu.

V. 3 — Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas porque o tempo está próximo.

Há sete bem-aventuranças no Apocalipse (veja 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7, 14). Veja comentário sobre os números no v. 4.

Note o singular “*lê*”, seguido pelo plural “*ouvem*”. Isto indica uma leitura pública. O terceiro verbo, “*guardam*”, qualifica ambos. Ler e ouvir, sem guardar, não trará bênção alguma. Não há pronome precedendo o verbo “*guardam*”; isto indica que qualifica os anteriores e não está introduzindo um terceiro grupo. Compare a expressão repetida sete vezes nos capítulos 2 e 3: “*Quem tem ouvidos, ouça*”.

A palavra traduzida “*tempo*” (*kairos*) não indica “duração” e sim, as características de um período ou época. A dispensação caracterizada pelas coisas reveladas neste livro está próxima.

2) Saudação e doxologia – vs. 4-6.

A saudação ocupa o versículo 4 e a primeira parte do versículo 5. No meio deste versículo, porém, notamos uma mudança abrupta; parece que João não pôde mais se conter diante da grandeza da visão e seu coração transbordou em adoração. Esta doxologia ocupa o resto deste parágrafo.

V. 4 — *João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte dAquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do Seu trono;*

No evangelho que escreveu, João usou várias expressões referentes a si mesmo, mas o seu nome mesmo não aparece. No Apocalipse, porém, João usou o seu próprio nome quatro vezes. Veja 1:1, 4, 9 e 22:8 (algumas versões têm o seu nome próprio também em 21:2, mas ele não consta no texto grego).

João escreveu a sete igrejas; não a sete denominações. Denominações não existiam naquele tempo. Eram igrejas de Deus, locais e autônomas. João escreveu a cada uma, pois não havia uma sede ou cúpula onde estes assuntos poderiam ser tratados.

Números são importantes no Apocalipse e, entre eles, o sete é um dos mais destacados. Indica algo que é perfeito ou completo. Havia muitas igrejas locais na Ásia quando João escreveu este livro (historiadores dizem que havia quase mil), mas Deus escolheu sete porque vemos nelas uma vista panorâmica da experiência de igrejas durante esta dispensação.

“Ásia” não se refere ao continente que hoje tem este nome; era uma província no antigo Império Romano, no país que hoje chamamos Turquia.

Na saudação, João lhes desejou “*graça e paz*”. Estavam passando por perseguições e João queria que tivessem graça, para suportar isto (compare com 2 Coríntios 12:9), e paz, mesmo no meio das tribulações (compare com João 14:27). A graça conhecida e provada produz uma paz que não depende de circunstâncias.

Esta saudação, porém, não era simplesmente a de João; era do Deus Triúno. Em primeiro lugar, lemos do Pai. A descrição “*que é, que era, e que há de vir*” é uma paráfrase do nome Jeová, o Grande Eu Sou. Note a ordem; não começa no passado, e sim, no presente, destacando a imutabilidade de Deus.

Depois vemos o Espírito Santo, não na unidade da Sua Pessoa (como em Efésios 4:4), mas na diversidade e plenitude das Suas operações. A carta aos Efésios, que mostra a unidade do corpo, unindo judeu e gentio em Cristo, mostra que o Espírito Santo é um só, mas no Apocalipse vamos contemplar as operações do Espírito e, por esta razão, Ele é apresentado sob esta figura — os sete espíritos. O número sete indica a plenitude, bem como a diversidade destas operações (veja comentário acima sobre os números). Compare com 3:1, 4:5 e 5:6. O Espírito está diante do trono, como se aguardasse ordens. A vontade de Deus, o Soberano, será executada.

V. 5 — E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra. Aquele que nos ama, e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados,

No versículo anterior, tivemos uma descrição tripla do Pai; agora temos uma descrição tripla do Filho. Como a fiel testemunha, Ele andou aqui na terra representando fielmente a Seu Pai. Como o primogênito dos mortos, Ele vive por nós hoje, ressurreto. Como o príncipe dos reis da terra, Ele virá um dia para assumir o governo do mundo inteiro. Nestas três expressões, vemos o Senhor Jesus supremo, no passado, no presente e no futuro.

Ao contemplar o Pai na Sua imutabilidade, o Espírito Santo na plenitude e diversidade das Suas operações e o Senhor Jesus na Sua graça e glória, João foi levado a adorar. Que cada leitor deste livro veja o mesmo Deus e também seja levado a adorá-IO.

Note bem o tempo do verbo: “*ama*”, O presente indica constância. Não diz que Ele nos amou; Ele nos ama, seja qual for a nossa condição. A igreja em Êfeso havia deixado o seu primeiro amor (2:4), mas o amor do Senhor Jesus é imutável.

Ele nos “*libertou*” (e não apenas “*lavou*”, como na Versão Corrigida). Além de remover a mancha causada pelo pecado, Ele quebrou o seu domínio, dando-nos a possibilidade de vivermos para a Sua glória. Compare com Romanos 6:14.

Note os pronomes: “*Seu sangue*” — “*nossos pecados*”. Veja isto no seu contexto. Ele, a fiel testemunha, o primogênito dos mortos, o príncipe dos reis da terra, Ele derramou o Seu sangue pelos nossos pecados.

V. 6 — E nos fez reis e sacerdotes para Deus e Seu Pai: a Ele glória e poder para todo o sempre. Amém.

Vemos agora mais resultados do amor do Senhor Jesus Cristo. Não só nos soltou dos nossos pecados, mas também nos fez reino e sacerdotes. A palavra “*basileia*” significa “*reino*” e não reis. Como reino, estamos debaixo do Seu governo e proteção; como sacerdotes, representamos o nosso Deus perante os homens e intercedemos por eles na presença de Deus. Compare com o plano de Deus para Israel (Êxodo 19:6). Aquilo que Israel não desfrutou, devido à sua desobediência, nos é dado gratuitamente. Todos quantos foram libertados dos seus pecados formam parte deste reino e deste sacerdócio. Hoje, portanto, não pode existir uma distinção entre clero e leigo.

A ordem das palavras no texto grego indica que o pronome “*Seu*” está ligado aos dois substantivos — Deus e Pai, o Soberano é o Deus e também o Pai de nosso Senhor.

O fim do versículo não é uma oração pedindo que glória e poder sejam dados a Ele; é uma expressão de adoração, reconhecendo a Sua dignidade de receber glória e poder. A palavra traduzida “*poder*” vem de uma raiz que significa “aperfeiçoar” ou “completar”.

A última palavra nesta doxologia é “*Amém*”. É uma palavra hebraica que foi transliterada para o grego e também para o português. Quando usada no começo de uma frase, é uma afirmação solene da veracidade daquilo que será dito (veja João 3:3, onde é traduzida “*na verdade*”). Quando usada no fim de uma frase, é uma confirmação daquilo que foi falado. É usada como título do Senhor Jesus (3:14), pois Ele é a confirmação de todas as promessas de Deus.

3) Testemunho – vs. 7-8.

De adoração passamos agora para testemunho. A ordem é sugestiva. A causa da adoração no parágrafo anterior foi a Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Agora, em testemunho, o assunto continua sendo o Senhor Jesus Cristo. Ele é tudo para os salvos. Apresentamo-LO a Deus em adoração; apresentamo-LO aos homens em testemunho.

V. 7 — Eis que vem com as nuvens e todo o olho O verá, até os mesmos que O traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele. Sim. Amém.

Não confunda isto com o arrebatamento (1 Tessalonicenses 4:17), que acontecerá num abrir e fechar de olhos (1 Coríntios 15:52). O arrebatamento será tão rápido que, mesmo se soubéssemos a hora em que há de acontecer, nada perceberíamos. Aqui, porém, lemos da segunda vinda do Senhor Jesus à terra quando todo o olho verá a Sua glória e Seu poder (compare com o v. 6). Veja Mateus 24:30. As nuvens são símbolo da ira de Deus (Salmos 18:12; 97:2). A forma plural (“*nuvens*”) não permite relacionar isto com a nuvem da glória de Deus (Êxodo 40:34 e Mateus 17:5).

Na Sua vinda, o Senhor será visto por toda a população da terra, inclusive pelo povo de Israel, que O crucificou. Não as mesmas pessoas que O crucificaram, mas os seus descendentes. Veja Mateus 27:25; João 19:37 e Zacarias 12:10.

As tribos da terra são as nações gentílicas. Estas se lamentarão; o mesmo verbo é traduzido “*bater no peito*” (Lucas 23:27) e “*prantear*” (Lucas 8:52).

A confirmação dupla no fim do versículo reforça a interpretação dada, referente ao povo de Israel e às nações gentílicas, pois a primeira confirmação (“*sim*”) é uma palavra grega e a segunda (“*amém*”) é uma palavra hebraica.

V. 8 — Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso.

A frase “*o princípio e o fim*” não consta no texto grego.

No versículo anterior tivemos o testemunho de João; agora o Pai autentica o testemunho dado.

Alfa e Ômega são, respectivamente, a primeira e a última letras do alfabeto grego. Deus está dizendo, portanto, que é o primeiro e o último; tudo se originou nEle e terá a sua consumação nEle. Ele é eterno e imutável. Compare com o v. 4 e com Filipenses 1:6. O próprio livro do Apocalipse ilustra esta verdade, pois vemos aperfeiçoadas e completadas neste livro as coisas que tiveram o seu início em Gênesis.

“*Todo-Poderoso*” ocorre dez vezes em o Novo Testamento e nove destas ocorrências se encontram no Apocalipse (1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7, 14; 19:6, 15; 21:22). A única ocorrência fora do Apocalipse é 2 Coríntios 6:18.

4) Introdução à visão – vs. 9-11.

Vejamos agora as circunstâncias nas quais João recebeu a visão.

V. 9 — Eu, João. que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no reino, e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo.

Veja comentário sobre o nome João, no v. 4 e compare com Daniel 9:2 e 10:2.

João se apresenta aqui, não como apóstolo, mas sim, como irmão e coparticipante. Estava passando pelas mesmas circunstâncias. Note as três palavras que descrevem estas circunstâncias: “*aflição*”, “*reino*” e “*paciência*” (ou perseverança). Parece estranho ver a aflição e a perseverança ligadas ao reino, mas, enquanto o Rei está rejeitado, os súditos fiéis terão aflição e necessitarão de perseverança. Tudo isto, porém, será mudado quando o Rei vier com as nuvens (v. 7).

Historiadores nos dizem que João foi banido à ilha de Patmos pelo Imperador Domiciano e teve que trabalhar nas minas. Esta ilha pequena era um lugar desagradável, sem rios e praticamente sem vegetação. Confinado fisicamente neste lugar inóspito, João “viajou” através dos séculos e viu o desenrolar dos eventos nos céus e nos quatro cantos da terra. O que parecia ser uma grande vitória do inimigo (prender João em Patmos), resultou em grande progresso nos propósitos de Deus. Compare com Filipenses 1:12-18.

A preposição grega “*dia*” (“*por causa da*”) qualifica as duas expressões — a “*Palavra de Deus*” e o “*testemunho de Jesus*”. Isto indica que as duas expressões apresentam dois aspectos da mesma ideia. A Palavra de Deus, neste caso, é o testemunho de Jesus. Veja o v. 2.

Duas vezes neste versículo lemos de Jesus (a palavra “*Cristo*” não consta no texto grego). É o nome humano, apresentando Aquele que foi

desprezado e perseguido, mas que suportou até morte. Prova também a divindade do homem Jesus, pois o testemunho de Jesus é a Palavra de Deus.

V. 10 — *Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta,*

A tradução literal do começo do versículo é: “*Eu vim a estar em Espírito no dia senhoril*”. João não foi arrebatado, mas esteve “*em Espírito*”. É uma expressão diferente da de 1 Coríntios 5:3 e Colossenses 2:5, onde o sentido é de estar fisicamente ausente, mas presente em espírito.

Aqui a referência é ao Espírito Santo. O Espírito está EM cada um que crê e o crente deve estar cheio do Espírito Santo, mas aqui João estava tão controlado pelo Espírito que as coisas que Este lhe revelou pareciam tão reais como se estivessem acontecendo diante dos seus olhos. Esta expressão ocorre quatro vezes no Apocalipse:

1) Em Patmos, vendo a presença do Senhor entre as Suas igrejas — 1:10;

2) No céu, vendo os propósitos de Deus em relação à terra — 4:2;

3) No deserto, vendo o destino da igreja falsa — 17:3;

4) No monte, vendo o destino da Igreja verdadeira — 21:10.

O dia senhoril não deve ser confundido com o “*dia do Senhor*” de que falaram os profetas. As duas expressões são diferentes na língua grega. O “*dia do Senhor*” (1 Tessalonicenses 5:2; 2 Pedro 3:10 etc.) é um período de muitos séculos, começando com a Grande Tribulação e continuando até passarem os céus e a terra, depois do Milênio.

João não estava em espírito naquele período, como alguns dizem, pois a primeira coisa que ele viu foi o Senhor no meio dos candeeiros, que representam igrejas na terra, e não haverá igrejas na terra durante o dia do Senhor. A palavra “*senhoril*” só aparece aqui e em 1 Coríntios 11:20, onde lemos da Ceia do Senhor (“*senhoril*”). Este dia só pode ser o primeiro dia da semana, o dia em que se celebra a Ceia do Senhor.

Quando João ouviu a voz do Senhor, ele estava “*em Espírito*”; é uma condição indispensável. Não podemos ouvir a Sua voz, a não ser na medida em que permitimos que o Espírito Santo nos controle.

A voz era grande, como de trombeta. No deserto, o povo de Deus recebia instruções através de trombetas (veja Números 10:1-10).

Mas esta voz estava detrás dele. João estava olhando na direção errada. Para ouvir o que o Senhor tinha a dizer e ver o que o Senhor queria lhe revelar, João precisou virar-se.

Quantas “visões” de Cristo, quantas instruções, perdemos por estarmos olhando na direção errada! (Compare com Êxodo 3:3-4 e com João 20:14.

V. 11 — *Que dizia: O que vês, escreve-o num livro, e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Smirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardo, e a Filadelfia e a Laodiceia.*

O Senhor mandou que João escrevesse o que viu; não lhe cabia explicar ou interpretar; simplesmente escrever e enviar às sete igrejas que o Senhor mesmo indicou. Veja comentário sobre o número sete no v. 4.

Os nomes destas igrejas são significativos:

Éfeso significa “desejado” ou “desejável”.

Smirna (ou Esmirna – ARA) é derivado de “mirra”, símbolo de sofrimento e tristeza.

Pérgamo significa “casamento” ou “mistura”.

Tiatira significa “incenso” ou “sacrifício contínuo”.

Sardo (Sardes - ARA) significa “remanescente”.

Filadélfia significa “amor fraternal”.

Laodiceia significa “o direito do povo”.

5) A visão – vs. 12-16.

Nestes versículos João descreve a Pessoa que viu. Não é uma descrição literal; um pintor não poderia usar esta descrição para pintar um quadro do Senhor. É uma descrição figurativa e cada figura fala eloquentemente ao coração daquele que “*se vira*” da contemplação das coisas terrenas para ver o Senhor.

V. 12 — *E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro;*

Antes de ver quem falava, João viu sete candeeiros de ouro. Observe bem a figura usada aqui; são candeeiros (*luchnia*, no grego). Esta palavra grega indica um candeeiro, não um castiçal. O castiçal é um utensílio com bocal, para nele colocar uma vela. O candeeiro é um utensílio com pavio e bico e nele se põe óleo ou outra substância inflamável.

A vela, no castiçal, ilumina, consumindo-se a si mesma; a cera se derrete para fornecer a luz. A luz do candeeiro é mantida pelo óleo e não por si próprio. A igreja local não pode ser mantida na energia da carne, pelo esforço humano; ela depende de uma fonte que não é dela mesma; é mantida pelo poder do Espírito Santo.

Observe também que não são candelabros, como aquele que havia no Tabernáculo, que tinha sete lâmpadas (Êxodo 37:17-24), ou como aquele que Zacarias viu, que também tinha sete lâmpadas (Zacarias 4:2). As sete lâmpadas destes candelabros estavam ligadas à mesma peça, mas João viu sete candeeiros, separados uns dos outros. Esta figura indica a autonomia de cada igreja local; as igrejas de Deus não se

organizam para formar uma denominação ou aliança; são absolutamente autônomas.

Os candeeiros eram de ouro. O ouro é precioso. Uma igreja local, separada das denominações e organizações religiosas, sendo mantida unicamente por energia espiritual, pode ser desprezada pelo mundo chamado cristão, mas, aos olhos de Deus, é preciosa.

O ouro simboliza o que é divino. A igreja local não pertence a este mundo; pertence a Deus.

V. 13 — E no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro.

A Figura central da visão estava no meio dos candeeiros. Isto mostra a Sua imparcialidade; não estava mais perto de Éfeso do que de Laodiceia.

No texto grego não há artigo qualificando Filho do homem; devemos ler: “*semelhante a filho de homem*”. Esta correção é importante. Aquele que João viu não era semelhante ao Filho do homem, mas era o próprio Filho do homem; foi Aquele mesmo Homem que ele vira agonizando no Jardim do Getsêmani e sofrendo no Calvário. Este versículo destaca a Sua humanidade.

Mas como Ele é diferente agora! Não está mais vestido com a túnica curta e o manto comprido, característicos do operário galileu, mas sim, com um vestido que simboliza a Sua dignidade e o Seu poder.

O trabalhador usava um cinto nos lombos; o cinto nos peitos faz lembrar o sacerdote. Veja Êxodo 39:20-21. Os Seus afetos, porém, não estão restritos com este cinto; a figura indica que estão em harmonia perfeita com a justiça divina.

V. 14 — E a Sua cabeça e cabelos eram brancos com a lã branca, como a neve, e os Seus olhos como chama de fogo;

Não apenas os cabelos, mas também a cabeça são brancos; isto não indica senilidade, e sim, maturidade e pureza. Compare com o Ancião de Dias (Daniel 7:9-10). Esta figura mostra como Ele age na dignidade sacerdotal e possui atributos divinos.

Os olhos indicam percepção; fogo, quando usado simbolicamente nas Escrituras, representa aquilo que prova (veja 1 Coríntios 3:13). Nestes olhos como chama de fogo, João viu o olhar que percebe e prova. Compare com Salmos 11:4. Ele é onisciente. Lemos dos Seus olhos como chama de fogo três vezes no Apocalipse; veja também 2:18 e 19:12.

V. 15 — E os Seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a Sua voz como a voz de muitas águas.

Latão reluzente traduz uma única palavra no texto grego, mas é uma palavra composta; a primeira parte é uma palavra grega que significa “cobre” ou “bronze”; a segunda parte é uma palavra hebraica que significa “branco”. Veja comentário sobre o v. 7, onde lemos outro exemplo de palavras grega e hebraica juntas; é uma característica do Apocalipse. O bronze na Bíblia, como símbolo, indica a justiça de Deus.

Veja o altar de bronze (Êxodo 27:1-2); a pia de bronze (Êxodo 30:17-21); a serpente de bronze (Números 21:9). Mas este bronze que João viu era branco. Quando é elevado a altas temperaturas, o bronze fica reluzente e a figura aqui é de justiça inflexível que nunca poderá ser contaminada.

Neste versículo temos a segunda referência à voz do Senhor (veja v. 10). Como “*trombeta*” (v. 10), desperta e instrui; como “*muitas águas*”, há uma variedade de sons que se harmonizam, mostrando como o Senhor fala de várias maneiras, porém, sempre de acordo com o Seu propósito imutável. Compare com Ezequiel 1:24; 43:2; Apocalipse 14:2; 19:6.

V. 16 — E Ele tinha na Sua destra sete estrelas; e da Sua boca saía uma aguda espada de dois fios; e o Seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece.

A mão direita simboliza poder e autoridade (veja Gênesis 48:17-19). As estrelas são interpretadas pelo Senhor; são os anjos das igrejas (v. 20). O fato de estarem na destra do Senhor indica que pertencem a Ele e que Ele lhes dá poder e autoridade.

A espada que saía da Sua boca simboliza a Sua Palavra. Veja Isaías 11:4; João 12:48; 2 Tessalonicenses 2:8; Hebreus 4:12. Com esta espada, o Senhor batalhará contra aqueles que corrompem as Suas igrejas locais (Apocalipse 2:16) e ferirá as nações (Apocalipse 19:15).

O Seu rosto, como o sol, demonstra a Sua glória. Compare com Mateus 17:2. Aquele rosto, que uma vez foi desfigurado mais do que outro qualquer (Isaías 52:14), no qual homens perversos bateram (Lamentações 3:30; Miqueias 5:1; Mateus 26:67, 68) e cuspiram (Mateus 26:67; 27:30), agora resplandece em glória.

O sol ilumina de dia; as estrelas e os candeeiros, de noite.

6) A comissão – vs. 17-20.

Vendo esta visão, João caiu como morto aos pés do Senhor. Veja o contraste em João 13:25. O resto do capítulo relata as palavras que ele ouviu do Senhor; são palavras de consolação (vs. 17 e 18), de comissão (v. 19) e de revelação (v. 20).

V. 17— E eu, quando O vi, caí a Seus pés como morto; e Ele pôs sobre mim a Sua destra, dizendo-me: Não temas Eu sou o primeiro e o último;

Não foi simplesmente admiração, nem adoração que levou João a cair como morto; foi medo (“*não temas*”). E não é de estranhar. Veja os serafins (Isaías 6:2) e o profeta Isaías (Isaías 6:5). Compare com Daniel 10:8. Convém que haja reverência em todas as nossas relações com o Senhor, evitando toda a aparência de familiaridade e leviandade.

O Soberano da glória, porém, é o mesmo Senhor do cenáculo! Se a visão da Sua majestade encheu João de medo, o toque da Sua destra e a palavra da Sua boca dissiparam aquele medo. Compare a experiência que o mesmo João teve no Monte da Transfiguração (Mateus 17:6-7). Veja 1 João 4:18-19.

A mesma destra que sustenta as estrelas (v. 16) conforta o servo do Senhor. A mão onipotente é também compassiva. A boca, da qual saía uma espada aguda, também profere palavras consoladoras para aquele que teme. Quantas vezes os discípulos ouviram o Senhor dizer: “*Não temas!*” Veja Mateus 14:27; 17:7; 28:10;...

Agora, porém, estas mesmas palavras trazem ainda mais conforto, pois o Senhor que as pronuncia já triunfou, tendo passado pela perseguição e pela morte.

Veja João em várias posições neste livro:

- 1) Aos pés do Senhor para aprender princípios de testemunho — 1:17;
- 2) Perante o trono para aprender os propósitos do Soberano — 4:2;
- 3) Na praia para ver o progresso da iniquidade — 13:1;
- 4) No deserto para ver o poder da apostasia — 17:3;
- 5) No monte para ver a promessa da glória — 21:10.

A expressão “*Eu sou o primeiro e o último*” ocorre três vezes no Apocalipse (veja também 2:8 e 22:13). Fora do livro do Apocalipse, encontramos esta expressão mais três vezes e todas elas estão em Isaías (veja 41:4; 44:6; 48:12). As três referências no Apocalipse referem-se, indiscutivelmente, ao Senhor Jesus Cristo, e as três de Isaías, com igual clareza, referem-se a Jeová.

Portanto, em dizer “*Eu sou o primeiro e o último*”, o Senhor Jesus está dizendo que é Jeová. Ele é o primeiro, por ser Ele a causa de tudo; é o último, porque tudo se congregará nEle. Vemos nisto a Sua eternidade, pois não teve princípio de dias (veja Hebreus 7:3; Miqueias 5:2; Colossenses 1:17).

V. 18 — E o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno.

Este versículo estabelece a identidade de Quem fala. “*O primeiro e o último*” é Aquele que foi morto e ressuscitou. Note a ordem; Ele se apresenta como Aquele que vive. Esta afirmação, logo no começo do

livro, veio para consolar e assegurar. Ele já passou pela morte e venceu; a Sua vitória jamais poderá ser posta em dúvida.

As chaves são símbolos de administração e de autoridade (Isaias 22:22). O Senhor Jesus tem as chaves da morte (que recebe o corpo) e do Hades (que recebe o espírito e a alma). A palavra grega “*Hades*” não significa inferno; não tem equivalência em português, mas a palavra que mais se aproxima do seu sentido é “o além”. Na morte, o corpo vai para o pó até o dia da ressurreição. Neste intervalo (entre a morte e a ressurreição), a alma e o espírito continuam a sua existência, em plena consciência, fora do corpo; estão no além; estão no Hades. Hades não especifica o lugar onde estarão — se o céu ou o inferno —, simplesmente indica o estado intermediário entre a morte e a ressurreição.

O Senhor Jesus tem autoridade absoluta de administração, tanto da morte como do Hades. Como isto consola, antes de ver as revelações deste livro! Ele tem autoridade para dizer: “*Não temas!*”

V. 19 — Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer:

Veja comentário sobre este versículo na introdução ao livro.

V. 20 — O mistério das sete estrelas, que viste na Minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas,

Em o Novo Testamento, um mistério não é algo misterioso, e sim, algo que não fora revelado, nem pode ser conhecido pelos homens, mas que agora é revelado na Palavra de Deus. A palavra “*mistério*” ocorre vinte e sete vezes em o Novo Testamento.

Sendo que isto é um mistério, encontraremos nas sete cartas dos próximos capítulos algo mais do que um ensino prático e doutrinário. Veja a introdução ao capítulo 2.

O Senhor interpretou os símbolos; os “*candeeiros*” são as igrejas e as “*estrelas*” são os anjos das igrejas. Isto teria sido o suficiente, não fosse o caso que a palavra traduzida “*anjo*” pode significar “mensageiro” e isto tem levado a maioria dos comentaristas a dizer que estes “*anjos*” são seres humanos. Alguns os identificam com o “pastor” da igreja, mas é óbvio que tal interpretação está errada, pois nas igrejas daquele tempo não havia um “pastor”.

Outros, reconhecendo isto, e querendo ainda manter o elemento humano na interpretação, dizem que os anjos representam o presbitério da igreja, ou aqueles que ensinam. Mas, com isto, estão fazendo do “*anjo*” um símbolo quando, na realidade, ele é a interpretação de um símbolo.

Quero sugerir que estes anjos não são seres humanos.

Tanto candeeiros como estrelas fornecem luz, mas o candeeiro está na terra e a estrela está no céu. Mantendo o paralelismo na interpretação, vemos igrejas na terra e anjos no céu. Se parece estranho falar de anjos relacionados com coisas na terra, veja Daniel 4:13, 17, 23; 10:13, 20, 21.

A objeção que a carta não poderia ser entregue a um anjo não é válida, pois as cartas foram dirigidas também às igrejas. Sendo recebidas e lidas pelas igrejas locais, seriam entregues como Deus quis.

.oOo.

SEGUNDA PARTE

“As coisas que são”

Capítulos 2 e 3

.oOo.

INTERPRETANDO AS CARTAS

1) Historicamente.

Estudando estas cartas historicamente, vemos condições que existiram nas igrejas às quais João escreveu. Vemos problemas que realmente existiram em igrejas locais no fim do primeiro século e aprendemos como tais problemas foram tratados.

Nisto há lições importantes para nós. Aprendemos como enfrentar estes e outros problemas que podem surgir em igrejas locais até hoje. Estas cartas, portanto, eram de grande proveito prático para as igrejas naquele tempo e continuam sendo-o em nossos dias.

2) Profeticamente.

Estas sete cartas nos fornecem uma visão “panorâmica” do testemunho de igrejas, desde os dias pós-apostólicos até ao arrebatamento. Há várias razões que levam a esta conclusão:

1) Estas cartas são parte integral do Apocalipse e este livro, na sua totalidade, é chamado de “*profecia*” (1:3).

2) A análise dada pelo Senhor (1:19) mostra que os capítulos 2 e 3 apresentam “*as coisas que são*”. Estas cartas, portanto, descrevem condições nesta dispensação.

3) O Senhor falou do mistério das “*estrelas*” e dos “*candeeiros*” (1:20). Isto indica que há algo mais do que o ensino prático nestas cartas.

4) São sete cartas a sete igrejas. Os números são muito importantes neste livro de símbolos; sete indica o que é perfeito ou completo. Vemos nestas cartas a história completa das condições de igrejas até ao arrebatamento.

5) As referências ao Velho Testamento nestas cartas levam à mesma conclusão. Estão em ordem cronológica e se estendem do Jardim do Éden até aos dias de Malaquias. Na primeira carta temos menção da “*árvore da vida*” (veja Gênesis 2:9); na segunda carta vemos sofrimentos que recordam as angústias do povo de Israel no Egito (Êxodo, capítulos 1 a 12); na terceira, vemos referências a Israel no deserto (Balaão e o maná); na quarta carta, a ilustração é tirada do período dos reis (Jezabel).

Nas demais cartas, as referências são do período pós-exílio, pois a quinta carta apresenta uma cena que faz lembrar Zacarias capítulo 3, enquanto a sexta relembra a reconstrução do templo e da cidade nos

dias de Neemias. A última carta mostra a mesma cegueira e complacência que caracterizavam os dias de Malaquias.

6) A única igreja, entre as sete, cuja origem é conhecida é Éfeso; foi plantada por trabalho apostólico. As demais foram plantadas, sem que apareça um apóstolo.

O QUADRO PROFÉTICO APRESENTADO POR ESTAS CARTAS

Temos ainda mais uma razão porque cremos que estas cartas apresentam um quadro profético do testemunho de igrejas até ao arrebatamento. É que a chave se encaixa perfeitamente na fechadura! O que vemos nas cartas é exatamente o que tem acontecido através dos séculos do testemunho de igrejas neste mundo.

Na carta à igreja em Éfeso, vemos os primeiros ataques do inimigo, querendo infiltrar-se na igreja por meio de falsos ensinadores. Estes foram rechaçados, mas, na luta contra os tais “*apóstolos*”, a igreja perdeu o seu primeiro amor. Este esfriamento, por sua vez, abriu a porta para as obras dos “*nicolaítas*”, ou seja, o sistema clerical, no qual o clero domina os leigos.

Na história, este quadro reflete o período pós-apostólico. Em escritos daquele tempo que ainda existem, encontramos menção ao “bispo da igreja local”. Este era um que liderava na igreja, o precursor dos “pastores” e “padres” de hoje. Esta prática constitui um desvio do plano de Deus, pois em o Novo Testamento não há nenhuma menção de tal dirigente; a igreja local é governada por uma pluralidade de presbíteros, constituídos pelo Espírito Santo.

Na carta à igreja em Smirna, vemos uma igreja perseguida. Esta condição caracterizou o período que se estende até o início do quarto século, quando o Imperador Constantino professou a fé cristã. Foi um período de sucessivas ondas de perseguição, mas Deus impôs limites e Satanás, frustrado, finalmente mudou de tática.

Vemos uma grande diferença quando lemos a terceira carta. Ainda lemos de perseguição, mas agora como coisa do passado. As igrejas estavam habitando onde estava o trono de Satanás, isto é, no mundo. Pior ainda, Satanás estava habitando na igreja! Havia também os que sustentavam a doutrina de Balaão (misturar o povo de Deus e o do mundo) e a doutrina dos nicolaítas (cujas obras notamos na primeira carta).

Este quadro representa o período que começou com Constantino, no início do quarto século, quando a perseguição cessou e a igreja professa passou a receber as honras do Império. Foi o “casamento” da igreja com o mundo político e pagão.

Houve igrejas, porém, que mantiveram a sua autonomia e protestaram contra a união ilícita com o mundo; vemo-las na figura de Antipas (que significa “contra todos”). Este período se estendeu até o início do sétimo século, quando o Papismo foi estabelecido.

A quarta carta introduz algumas modificações. Já observamos a mudança na ordem, pois a partir desta carta a promessa ao vencedor precede o apelo ao indivíduo. Notamos também que os períodos representados pelas três primeiras igrejas são sucessivos, mas, a partir desta carta, os períodos, embora começando sucessivamente, continuam paralelamente até ao arrebatamento.

A igreja em Tiatira era caracterizada pelas obras. A influência de Jezabel, porém, levou muitos dos servos de Deus à idolatria. Representa aquele período que começou no sétimo século, com o Papismo, e continua até ao arrebatamento.

Na quinta carta, vemos uma igreja que tinha nome de que vivia, mas estava morta. Havia recebido o Evangelho no poder do Espírito, porém, perdera aquele poder, retendo apenas a profissão.

Nisto vemos um período que teve início no século dezesseis, com o aparecimento do Protestantismo. Sem dúvida alguma, o Evangelho foi pregado no poder do Espírito Santo naqueles dias, mas logo este movimento se acomodou e hoje tem o nome de que vive, mas está morto. Este estado de profissão sem vida também continuará até ao arrebatamento.

Na sexta carta, vemos uma igreja fraca, porém, fiel. Duas coisas a caracterizavam: guardava a Palavra do Senhor e não negava o Seu Nome.

Isto representa grupos de cristãos que, embora fracos, guardam a Palavra de Deus. Não guardam decretos de concílios, nem tradições religiosas, mas somente a Palavra de Deus. Não aceitam nenhum nome denominacional, pois são atraídos ao Nome do Senhor Jesus Cristo (compare com Mateus 18:20); não negam aquele Nome. São igrejas autônomas que recusam filiar-se a qualquer movimento e reconhecem como única regra de fé a Palavra de Deus. Tais igrejas também continuarão até ao arrebatamento.

A última carta mostra uma condição lastimável: uma igreja enganada, que pensa estar rica, quando na realidade está pobre; pensa que não precisa de nada e o Senhor está ao ponto de vomitá-la da Sua boca.

Neste quadro triste vemos a condição característica dos últimos dias; uma atitude de independência que leva igrejas a pensar que podem fazer tudo sem Deus. Esta condição continuará até ao arrebatamento.

.oOo.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE

- 1) A carta à igreja em Éfeso - vs. 1-7.
- 2) A carta à igreja em Smirna (ou Esmirna) - vs. 8-11.
- 3) A carta à igreja em Pérgamo - vs. 12-17.
- 4) A carta à igreja em Tiatira - vs. 18-29.

COMENTÁRIO

1) A carta à igreja em Éfeso – vs. 1-7.

Éfeso ocupa um lugar destacado em o Novo Testamento. É a cidade mais mencionada nas epístolas (depois de Jerusalém) e o lugar onde Paulo permaneceu mais tempo; está relacionada com muitas de suas cartas. Além de Paulo, Apolo ajudou no trabalho nesta cidade; Timóteo ficou algum tempo ali e historiadores nos dizem que o apóstolo João também residiu em Éfeso.

O templo da deusa Diana foi considerado uma das sete maravilhas do mundo e era o orgulho dos efésios.

V. 1 — Escreve ao anjo da igreja que está em Éfeso: Isto diz Aquele que tem na Sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro:

João havia recebido uma ordem clara para escrever às igrejas (1:11); agora a ordem é para escrever a Éfeso. A carta é endereçada ao anjo da igreja (veja comentário sobre 1:20). A responsabilidade pelas condições em Éfeso era, exclusivamente, da igreja em Éfeso; nenhuma outra igreja tinha o direito de interferir nos assuntos internos de Éfeso.

Note as diferenças entre a apresentação do Senhor aqui e a descrição dada em 1:13-16. No primeiro capítulo, Ele tinha sete estrelas na Sua destra (v. 16); agora lemos que Ele segura as sete estrelas na Sua destra. O verbo traduzido “*tem*” neste versículo, não é o mesmo de 1:16; significa “segurar” e dá a ideia de força ou poder.

No primeiro capítulo, portanto, as estrelas Lhe pertencem; aqui vemos que Ele as sustenta. No primeiro capítulo, João viu o Senhor no meio dos candeeiros; agora Ele está andando no meio deles. Ele não está parado; não está indiferente à condição de Suas igrejas. Ele anda como Sacerdote, limpando as lâmpadas, removendo a sujeira e fornecendo o óleo.

V. 2 — Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são, e tu os achaste mentirosos.

O verbo traduzido “*Eu sei*” sugere pleno conhecimento e geralmente indica conhecimento adquirido por observação. É o caso nestas cartas. O Senhor não dorme; Ele anda no meio das Suas igrejas, observando, e nada escapa ao Seu olhar. Ele tem pleno conhecimento de tudo que for feito para Ele, bem como de todas as faltas cometidas.

O Senhor observou, a princípio, três coisas nesta igreja, as quais Lhe agradaram; a saber, suas obras, seu trabalho e sua paciência. Um dicionário de palavras gregas distingue entre as palavras traduzidas “*obras*” e “*trabalho*”, dizendo que “*obra*” refere-se àquilo que é feito, podendo ser fácil e agradável; “*trabalho*” sugere o fazer, o esforço, o cansaço. “*Paciência*” (que seria melhor traduzir por “*perseverança*”) é a qualidade que suporta este trabalho e continua trabalhando.

Compare esta igreja com a de Tessalônica; observe também a diferença. Em Tessalônica, a obra foi de fé, o trabalho de amor e a perseverança de esperança (veja 1 Tessalonicenses 1:3). Em Éfeso, tudo parecia tão belo como o era em Tessalônica, mas o Senhor, andando no meio das Suas igrejas, percebeu em Éfeso a falta das três virtudes que motivaram os tessalonicenses.

Em seguida, o Senhor menciona algo mais que Lhe agradou: a sua fidelidade, “*não podes sofrer os maus*”. Este verbo traduzido “*sofrer*” aparece em Romanos 15:1 (onde é traduzido por “*suportar*”) e em Gálatas 6:2 (onde é traduzido por “*levar*”). Em Romanos e em Gálatas vemos o aspecto positivo: o que devemos suportar; aqui vemos o lado negativo: o que não devemos suportar.

A igreja havia sido avisada a respeito deste mal (Atos 20:29-30). Veja as instruções dadas a Timóteo em relação a Éfeso (1 Timóteo 1:3); compare com 1 João 4:1 e com o exemplo dos bereanos (Atos 17:11).

V. 3 — E sofreste, e tens paciência; e trabalhaste pelo Meu Nome, e não te cansaste.

O verbo “*trabalhaste*” não consta do texto grego.

Note duas palavras importantes que foram usadas no versículo anterior e que agora são repetidas: “*sofreste*” e “*paciência*”. No versículo dois, o Senhor comentou o esforço, a perseverança e a vigilância desta igreja; agora destaca a sua perseverança. Note o tempo dos verbos aqui:

“sofrete” (passado) e “tens paciência” (presente). Esta igreja não suportava os homens maus, mas suportou o peso do trabalho, bem como as consequências provenientes da sua intransigência quanto aos falsos apóstolos. E, tendo suportado tudo, ainda estava perseverando; não se cansou. O verbo traduzido “cansaste” indica a fadiga que resulta de um trabalho árduo.

O Senhor viu este trabalho e a evidente perseverança; viu também o motivo; foi pelo Nome do Senhor.

V. 4 — *Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade.*

Em vez de “caridade” na Versão Corrigida, leia-se “amor”.

Depois dos elogios dos versículos anteriores, é surpreendente esta censura. O Senhor, andando no meio das Suas igrejas, viu tanto as virtudes quanto as faltas. Ele viu a perseverança pelo Seu Nome; viu também que a igreja havia deixado o seu primeiro amor. O tempo do verbo indica que isto acontecera (um fato consumado); não que estava acontecendo. A causa deste esfriamento não é mencionada, mas talvez fosse consequência da luta contra os maus, pois é tão fácil afastar-se do Senhor defendendo a Sua causa!

Esta igreja havia recebido uma carta de Paulo, na qual o verbo “amar” (*agapao*) e o substantivo “amor” (*agape*) aparecem vinte vezes (dez vezes cada).

O último versículo daquela carta diz: “A graça de Cristo em sinceridade. Amém”.

Note a palavra “primeiro”. Não deixaram o seu amor, mas o seu “primeiro amor”. Ainda amavam ao Senhor (não teriam trabalhado e suportado tanto se não O amassem), mas não O amavam como antes. A palavra “primeiro” pode significar o primeiro em tempo (o amor dos primeiros dias da sua fé cristã) ou o primeiro em grau (o seu amor mais ardente). Provavelmente a segunda interpretação seja a correta. Em todo caso, o seu amor havia diminuído e o Senhor sentiu muito. O trabalho da igreja parecia tão bom quanto antes, aos olhos humanos, mas o Senhor percebeu e sentiu a diferença. Compare com 1 Coríntios 13:1-3.

V. 5 — *Lembra-te, pois, donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres.*

Embora trabalhando com afinco e vigiando fielmente, esta igreja é descrita como caída! Que esta palavra fale à nossa consciência! Veja a justiça dAquele que anda no meio das Suas igrejas. Ele elogia quando pode e censura quando precisa. As virtudes que Ele vê não O cegam quanto aos erros, nem tampouco estes erros O levam a desvalorizar as boas qualidades.

Note a ordem dos verbos: “*lembra-te*”, “*arrepende-te*” e “*pratica*”. Uma verdadeira restauração começa no interior (“*lembra-te*” e “*arrepende-te*”) e se manifesta no exterior, na prática de obras. O arrependimento não é um sentimento de remorso e sim, uma mudança de atitude em relação ao pecado.

No seu aspecto negativo, leva a uma renúncia do pecado; no seu aspecto positivo, leva à prática de obras. As obras, neste caso, são chamadas de “*primeiras obras*”. A igreja havia deixado o seu primeiro amor; agora é exortada a praticar as primeiras obras. Somente uma volta ao primeiro amor possibilitaria a prática das primeiras obras. O Senhor não pediu deles uma declaração do primeiro amor, mas a prática das primeiras obras, porque o amor não se expressa em palavras; manifesta-se em obras.

Caso não houvesse arrependimento, o Senhor tiraria o candeeiro. Deus repudia a mera forma sem o correspondente amor. Veja Isaiás 1:10-18. Observe, porém, que Ele mesmo tiraria a igreja do seu lugar; Ele não delegou esta autoridade a ninguém. Note também que Ele não mandou os fiéis separarem-se daquela igreja caída. O lugar certo para cada cristão é na igreja local onde reside, seja qual for a condição daquela igreja. (Mas, note bem, de uma igreja de Deus, não de uma denominação).

Observe a repetição do aviso: “*quando não... se não te arrependeres*”. O Senhor não quer tirar o candeeiro. Duas vezes neste versículo encontramos o verbo “*arrepender-se*”; é o único caminho para a restauração e a garantia para a continuação do testemunho. A palavra “*brevemente*” não consta do texto grego; Deus nunca se apressa em disciplinar.

V. 6 — Tens, porém, isto: que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais Eu também aborreço.

Apesar do aviso solene do versículo anterior, o Senhor volta a elogiar o que havia de bom naquela igreja. Ela odiou as obras dos nicolaítas. Veja bem, não odiou os nicolaítas, mas sim, odiou as suas obras. Nisto estava em plena harmonia com o Senhor.

Aquele que queria ser amado com aquele primeiro amor, elogiou a igreja por odiar as obras que Ele também odeia.

Não há provas da existência, naquela época, de uma seita chamada “*Nicolaítas*”, apesar das tentativas de alguns em buscar tais provas. Creio que devemos entender esta palavra simbolicamente, como no caso de Jezabel (v. 20). Etimologicamente, a palavra significa “*vencedor da laicidade*”. Sendo assim, as obras dos nicolaítas seriam o início do sistema clerical – o domínio do clero sobre o povo de Deus. Esta interpretação é reforçada pelo contexto, pois os maus (v. 2) eram pseudoapóstolos, que queriam exercer autoridade na igreja.

As igrejas plantadas na época apostólica eram governadas por uma pluralidade de anciãos, constituídos pelo Espírito Santo, mas logo este plano divino foi rejeitado e muitas igrejas começaram a ser lideradas por um homem, o precursor dos “pastores” de nossos dias. Este sistema (o de ter um dirigente, responsável na igreja) foi rejeitado pelos efésios e o Senhor também diz que o odeia; que nós também saibamos rejeitá-lo.

*V. 7 — Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas:
Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está
no meio do paraíso de Deus.*

O Senhor agora apela ao indivíduo. A palavra traduzida “ouvidos” é singular. Cada cristão é individualmente responsável perante o Senhor; se a igreja não ouvir e não se arrepender, então aquele que tem ouvido, ouça.

No início da carta vimos que o Senhor estava falando ao anjo; agora lemos que o Espírito está falando às igrejas. Esta carta é uma palavra do Senhor para a igreja em Éfeso; é também uma palavra do Espírito para cada igreja local até os nossos dias.

Cada verdadeiro cristão é um vencedor (1 João 5:4, 5; Apocalipse 12:11), porém, no contexto destas cartas, creio que o vencedor é aquele cristão que supera as condições contrárias, mesmo na igreja local, mantendo fielmente aquilo que o Senhor lhe confiou. A promessa ao vencedor, nesta carta, é o direito de comer da árvore da vida que está no paraíso de Deus. As palavras “meio de” não constam no texto grego.

Em Gênesis não foi a árvore da vida que deu vida a Adão; ele recebeu vida diretamente do Senhor; a árvore da vida era um dos privilégios daquele jardim. Assim também nesta carta, a promessa ao vencedor não é a vida eterna (ela não é recompensa, mas o dom gratuito de Deus), e sim, o privilégio de desfrutar de uma forma mais ampla dos frutos da nova criação.

2) A carta à igreja em Smirna (Esmirna) – vs. 8-11.

O nome Smirna (Esmirna) é derivado da palavra “mirra”, uma resina extraída da planta do mesmo nome. Seu perfume é agradável, porém, é amargo ao paladar. Usada simbolicamente na Bíblia, a mirra indica sofrimento.

A mirra é mencionada três vezes em o Novo Testamento (Mateus 2:11; Marcos 15:23; João 19:39) e está relacionada, respectivamente, com o nascimento, a morte e o sepultamento do Senhor Jesus.

A cidade de Smirna situava-se ao norte de Éfeso e distante mais ou menos 65 quilômetros.

*V. 8 — E ao anjo da igreja que está em Smirna, escreve: Isto diz
o primeiro e o último, que foi morto e reviveu:*

A apresentação do Senhor nesta carta faz lembrar a descrição dEle em 1:17-18. O Senhor, que agora fala à Sua igreja, foi morto e eis que está vivo! A igreja, que estava sendo perseguida (vs. 9-10), podia contemplar Um que foi perseguido até a morte, mas que, pela própria morte, alcançou a vitória. Esta apresentação seria, ao mesmo tempo, um consolo e um incentivo para a igreja. Veja comentário sobre 1.17-18.

V. 9 — Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de Satanás.

No texto grego este versículo começa assim: “*Eu sei a tua tribulação*”; não há menção de obras. O Senhor sabia da grande aflição de Seu povo e mostrou a Sua compaixão e compreensão. Não há nenhuma palavra de censura nesta carta. O Senhor podia compadecer-se, pois Ele próprio havia passado pelas aflições. A palavra traduzida “*tribulação*” significa “ser moído como trigo” ou “ser esmagado como as uvas no lagar”; indica opressão e sofrimento intensos. A mesma palavra é usada em João 16:33, quando o Senhor avisou Seus discípulos que eles teriam aflições, e em Atos 14:22, quando Paulo também avisou os cristãos que teriam muitas tribulações.

A pobreza seria consequência destas tribulações; veja um caso paralelo em Hebreus 10:32-34. O próprio Senhor Jesus se fez pobre, voluntariamente (2 Coríntios 8:9). É impossível ler este versículo sem notar o contraste com a igreja em Laodiceia (Apocalipse 3:17). Como são diferentes a estimativa de Deus e a dos homens! Ele chama de rica a igreja pobre e a rica Ele a chama de pobre! Não confundamos progresso material com crescimento espiritual.

Na carta anterior havia alguns que diziam ser apóstolos e não o eram (v. 2); agora encontramos alguns que dizem ser judeus e não o são. Os primeiros queriam exercer autoridade apostólica; estes queriam misturar o judaísmo e o Evangelho. Seriam judeus segundo a carne, mas não eram verdadeiros israelitas (veja Romanos 2:28; 9:6).

A palavra traduzida “*blasfêmia*” significa “calúnia, difamação”. Estes judeus difamavam os cristãos; compare com Romanos 3:8; 6:1.

O termo “*sinagoga de Satanás*” mostra como aquilo que foi iniciado pelo povo de Deus para a exposição da palavra de Deus foi corrompido por Satanás, ao ponto de servir os seus propósitos diabólicos. Veja também Apocalipse 3:9.

V. 10 — Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida.

O Senhor sabia da aflição do Seu povo (v. 9), mas, em vez de pôr fim àquele sofrimento, Ele fala de mais perseguição. Antes, porém, Ele diz: *“Nada temas”*. Ele não promete remover a aflição, mas incentiva os Seus a confiarem nEle. Talvez não entendessem o porquê de tanto sofrimento, mas Ele disse: *“Eu sei., não temas”*. Precisamos confiar, mesmo quando não compreendemos. Compare com Jó 1:12-22. Jó não sabia o porquê de tanta aflição, mas confiou e adorou.

“O Diabo lançará na prisão”. Na realidade, seriam soldados, cumprindo as ordens das autoridades, que lançariam estes cristãos na prisão; mas o Senhor diz que seria Satanás. As autoridades são constituídas por Deus; são Seus ministros (Romanos 13:1-4), mas aqui vemos como Satanás usurpa esta autoridade e a usa para os seus fins.

Na expressão *“sinagoga de Satanás”* vimos a influência do inimigo na esfera da religião; aqui vemos a sua influência na esfera da política.

Note bem a razão porque Satanás os lançaria na prisão: para serem tentados! Ser tentado em outras circunstâncias não seria tão difícil de suportar, mas Satanás queria lançá-los na prisão porque, na solidão e confinamento, a depressão e o desânimo seriam armas poderosas. Compare com o caso de João Batista (Lucas 7:20). Foi também nas circunstâncias mais desfavoráveis que o Senhor Jesus foi enfrentar Satanás (Mateus 4:1). Ele podia, em verdade, dizer a esta igreja: *“Eu sei”* a tua aflição.

Mas o Senhor é fiel. Veja 1 Coríntios 10:13. Ele põe um limite às perseguições. Se Satanás usurpou a autoridade, Deus não perdeu o controle; o Senhor é o Primeiro e o Último (v. 8). A tribulação seria limitada a dez dias. Alguns interpretam estes dez dias como sendo uma sucessão de dez ondas de perseguição, desde os dias de Nero até a última onda no governo de Deocleciano.

Outros vêm nisto uma referência a esta última perseguição que, a história diz, durou dez anos. Seja qual for a interpretação correta deste detalhe, a lição para a igreja em Smirna, e para nós hoje, é clara: Deus é fiel e não permitirá que o Seu povo seja tentado acima das suas possibilidades de suportar. O Diabo pode agir e atacar, mas nunca ultrapassar os limites impostos pelo Senhor, que sabe das nossas condições e capacidade.

A perseguição pode causar a morte, mas o Senhor promete uma coroa da vida. O pior que o inimigo pode fazer é matar o corpo (Lucas 12:4); o Senhor pode prometer algo para depois, porque Ele foi morto e reviveu (v. 8).

Esta coroa da vida não é a vida eterna (veja comentário sobre a árvore da vida em 2:7). A língua grega distingue entre a coroa real e a do vencedor; este versículo fala da coroa do vencedor.

Veja outras coroas para vencedores em 2 Timóteo 4:8 (da justiça); Tiago 1:12 (da vida); 1 Pedro 5:4 (de glória).

V. 11 — Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte.

Para a primeira parte do versículo, veja comentário sobre 2:7.

A promessa dada ao vencedor nesta carta é o complemento da promessa dada na carta anterior. O vencedor em Éfeso teria direito de comer da árvore da vida, enquanto que aqui o vencedor não sofrerá o dano da segunda morte. É um negativo muito forte; de modo nenhum sofrerá. Poderia sofrer a morte de martírio, mas o inimigo nada mais poderia fazer,

A expressão “segunda morte” é usada somente no Apocalipse (veja 20:6, 14; 21:8); é o lago de fogo. O verbo traduzido “receberá o dano” indica sofrimento e prova que a segunda morte não é cessação de existência; é uma eternidade de separação de Deus, em sofrimentos indescritíveis.

Note três mortes nesta pequena carta:

- 1) A morte que o Senhor Jesus sofreu – v. 8;
- 2) A morte que eles poderiam sofrer – v. 10;
- 3) A morte que eles nunca sofreriam – v. 11;

3) A carta à igreja em Pérgamo – vs. 12-17.

Antes da era romana, Pérgamo era a capital da Ásia e, posteriormente, veio a ser um centro de administração romana. Havia pouco comércio em Pérgamo e as suas principais atrações eram a Biblioteca e os Templos. Dizem que a sua Biblioteca possuía 200.000 livros. Por causa dos muitos templos dedicados a deuses pagãos, havia muita imoralidade. A palavra “Pérgamos” é derivada de “gamos” (casamento) com o prefixo “per”, que a torna mais forte.

V. 12 — E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz Aquele que tem a espada aguda de dois fios:

A maneira de o Senhor se apresentar aqui nos leva outra vez à descrição dada no capítulo um; veja 1:16, Vemos esta espada outra vez em 19:15 e 21, quando o Senhor há de usá-la contra aqueles que corrompem a Sua igreja (v. 16). Compare com Hebreus 4:12, onde uma palavra diferente é traduzida “espada”, mas a ideia é a mesma; a espada é a Palavra de Deus. Veja Efésios 6:17.

Tendo dois fios, talvez indique os dois resultados da Palavra de Deus; para alguns, ela iria convencer e converter (vs. 3 e 17); para outros, ela iria convencer e condenar (vs. 14 e 16).

V. 13 — Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás; e reténs o Meu Nome, e não negaste a Minha

fé, ainda nos dias de Antipas, Minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita.

A palavra “obra” não consta do texto grego. O Senhor disse: “*Eu sei onde habitas*”. Na carta a Éfeso, Ele destacou as suas obras; na carta a Smirna, Ele fez menção de sua aflição; agora Ele indica onde a igreja estava habitando.

O verbo “habitar” (duas vezes neste versículo) indica que a igreja se havia acomodado onde estava o trono de Satanás (isto é, no mundo) e que o próprio Satanás na igreja sentia-se em casa!

A idolatria e a astrologia da antiga Babilônia haviam-se transferido para Pérgamo e um dos seus deuses mais destacados era Esculápio, o deus da Medicina. Este possuía um cajado em volta do qual se enroscava uma cobra; é desta época que vem o culto à serpente. Satanás, a antiga serpente, é o príncipe deste século (João 12:31; 14:30; 16:11).

Apesar de tudo, o Senhor viu nesta igreja duas coisas dignas de louvor: ela reteve o Nome do Senhor e não negou a sua fé.

Em face de tamanha infidelidade (unindo-se com o mundo e com Satanás), só o Senhor poderia ver algum sinal de fidelidade. Compare com Ló, habitando em Sodoma (2 Pedro 2:7-9).

A perseguição havia cessado (veja referência ao passado, quando Antipas foi morto), provavelmente por causa de sua união ilícita com o mundo.

Antipas significa “contra todos”. Isto é sugestivo. Aquele que protestava contra a infidelidade foi cruelmente morto. Foi odiado pelo mundo; morto entre os irmãos; mas o Senhor o chama de “*Minha fiel testemunha*”. O Senhor mesmo é chamado de a “*Fiel testemunha*” (1:5); agora, o Seu servo manifesta as mesmas características.

Antipas deve ser entendido simbolicamente, como os nicolaítas (veja comentário sobre o v. 6).

Satanás habita entre eles! Compare com Mateus 13:22.

V. 14 — Mas umas poucas de coisas tenho contra ti: porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e se prostituíssem.

As falhas que o Senhor vai apontar agora são poucas, relativamente às muitas coisas que esta igreja ainda reteve fielmente. Não são pequenas falhas, mas são poucas.

Primeiramente, Ele censura a igreja por permitir a presença daqueles que sustentam a doutrina de Balaão. A igreja em Éfeso foi elogiada pela sua intolerância (2:2); a igreja em Pérgamo é censurada pela sua tolerância. A lição é óbvia. A igreja local não pode tolerar ensino errado.

O verbo traduzido “*seguem*” vem de uma raiz que significa “forte”. Estes ensinadores foram fortes em promulgar e aplicar o seu erro.

Com a explicação dada pelo Senhor neste versículo, não pode haver dúvida quanto ao ensino. Quando Balaão fracassou na sua tentativa de amaldiçoar o povo de Deus (veja Números, capítulos 22 a 24), ele ensinou a Balaque como derrotar este povo. Seria impossível destruí-lo pelo confronto direto, mas poderia seduzi-lo e, assim, levá-lo à ruína. Veja como Balaque foi bem sucedido (Números 25:9).

Estes ensinadores em Pérgamo apresentaram a mesma doutrina de cooperação e mistura e veja como foram bem sucedidos; a igreja estava habitando onde estava o trono de Satanás e Satanás estava entre eles. Compare “*onde habitas*” (v. 13) com “*Israel deteve-se*” (Números 25:1). Veja também Tiago 4:4 e 2 Coríntios 6:14-18. A igreja de Deus tem que ser uma igreja separada do mundo.

A palavra traduzida “*tropeços*” significa aquela parte da armadilha onde é colocada a isca; é sugestiva da astúcia de Satanás.

V. 15 — Assim tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas: o que Eu aborreço.

Esta palavra “*também*” indica que a doutrina dos nicolaítas não é a mesma que a de Balaão. A doutrina de Balaão (veja v. 14) é a de mistura, destruindo a separação entre a igreja e o mundo; a dos nicolaítas é a do sistema clerical (veja comentário sobre 2:6). Em Éfeso apareceram as obras dos nicolaítas; agora lemos da sua doutrina. A ordem é sugestiva; primeiro as obras, depois a doutrina.

Com Deus é o contrário; é a doutrina que produz as obras. Na religião, porém, obras praticadas se tornam em tradição e passam a ser doutrina. Nunca podemos basear a doutrina em tradição, mas sempre moldar as obras pela doutrina.

A frase “*o que Eu aborreço*” não consta no texto grego; está no v. 6.

V. 16 — Arrepende-te, pois, quando não em breve virei a ti, e contra eles batalharei com a espada da Minha boca.

Compare com 2:5. Observe também dois grupos mencionados neste versículo: “*virei a ti*” (a igreja) e “*batalharei contra eles*” (os que sustentavam a doutrina de Balaão e a dos nicolaítas).

Compare com Números 22:23 e com 31:8.

V. 17 — Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer darei Eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe.

“*Aquele que vencer*”, nesta carta, é aquele que se mantém separado do mundo. Ele não segue a doutrina de Balaão e, conseqüentemente, não come dos sacrifícios da idolatria. Em compensação, ele comerá do maná escondido. Este maná é Cristo. Veja João 6:31-51. Não é, porém,

o maná na areia do deserto; é o maná escondido. Isto é, o maná no vaso de ouro perante o Senhor (Êxodo 16:33; Hebreus 9:4).

O maná era perecível; mas aquele escondido na arca era incorruptível. Este maná estava num vaso de ouro, figura da divindade do Senhor Jesus Cristo. Aquele que pisou a areia do deserto, agora está glorificado na presença do Pai e é o nosso alimento espiritual. O cristão que recusa o que o mundo oferece é mais do que recompensado. Compare com Daniel 1:5,8,19.

O maná era uma recompensa apropriada neste contexto. A igreja em Pérgamo estava “*habitando*” no mundo; não estava peregrinando; o maná foi o alimento no deserto. Veja a vontade de Deus em Oseas 2:14.

A pedra branca tem sido interpretada de várias maneiras. Baseando-se no uso de pedras brancas no mundo daquela época, alguns vêm nesta pedra um símbolo de aprovação ou de absolvição; outros ainda vêm um símbolo de amizade ou de honras conferidas. Creio, porém, que a referência aqui é à pedra que o Sumo Sacerdote usava no peitoral (o Urim e o Tumim), por meio da qual discernia a vontade do Senhor.

Esta interpretação parece mais coerente com a menção do maná. Somente o Sumo Sacerdote tinha acesso ao santuário onde estava o maná escondido e somente ele poderia usar o Urim e o Tumim e saber o que estava escrito nele.

O maná escondido é o alimento espiritual para quem rejeita os alimentos oferecidos pelo mundo; esta pedra, revelando os segredos de Deus, daria orientação àqueles que recusam a orientação dos nicolaítas.

4) A carta à igreja em Tiatira – vs. 18-29.

Tiatira era uma cidade militar, guarnecida por soldados macedônios. O principal deus da cidade era representado por um guerreiro que levava um machado de dois gumes. Veja quão apropriada é a promessa ao vencedor; ele terá poder sobre as nações.

V. 18— E ao anjo da igreja de Tiatira escreve: Isto diz o Filho de Deus, que tem Seus olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao latão reluzente:

No texto grego, estas sete cartas todas começam com as mesmas palavras: “*Ao anjo da igreja em... escreve...*” Não há razão para mudança nesta carta, como acontece na Versão Corrigida.

Veja o comentário sobre os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao latão reluzente em 1:14, 15. Note, porém, uma diferença entre esta apresentação e a descrição do primeiro capítulo. João viu Um como filho de homem (1:13), mas o Senhor se apresenta à igreja em Tiatira como o Filho de Deus. Como Filho de Deus, Ele exerce autoridade sobre toda a Sua casa (Hebreus 3:6). Ele tem autoridade

absoluta na Sua igreja e usa esta autoridade para provar e purificar. Observe também que as figuras dos vs. 26 e 27 são tiradas do segundo Salmo, onde o Senhor aparece como o Filho de Deus.

V. 19 — Eu conheço as tuas obras, e a tua caridade, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras.

O verbo traduzido “conheço” é o mesmo que nas outras cartas foi traduzido “sei”; veja os vs. 2, 9, 13.

A igreja em Tiatira foi caracterizada pelas obras; a palavra “obras” aparece duas vezes neste versículo e ainda há menção do seu serviço. As obras desta igreja estavam aumentando, pois lemos que as últimas são mais do que as primeiras. A palavra traduzida “mais” (*pleiona*) seguida pela forma genitiva indica mais em quantidade. Note o contraste com 2:5.

Além das obras, havia outras qualidades boas nesta igreja. Quatro são mencionadas neste versículo, mas a ordem no texto grego é diferente da ordem da Versão Corrigida; deve ser amor, fé, serviço e paciência. Assim, dividem-se em dois pares:

- 1) Amor, que produz serviço;
- 2) Fé, que produz perseverança.

A palavra traduzida “amor” (*agape*) é a mesma que descreve o amor de Deus; é a fonte de todo o serviço espiritual. Veja 1 Coríntios 13:1-3. Sem o amor, o serviço não tem valor. A fé também é indispensável (Hebreus 11:6). Compare também com João 14:15, 21, 23 e com Tiago 2:14-26.

V. 20 — Mas tenho contra ti que toleras Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os Meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria.

Após elogiar as boas qualidades mencionadas no v. 19, o Senhor começa a censurar a igreja pelas suas grandes faltas. A causa do desvio foi a tolerância. Veja o contraste em 2:2. A igreja em Éfeso não tolerou os pseudoapóstolos e foi elogiada pelo Senhor por tal atitude; a igreja em Tiatira tolerou Jezabel e foi censurada pelo Senhor.

O verbo traduzido “tolerar” é o mesmo que o Senhor usou no Jardim do Getsêmani, quando mandou que os discípulos não resistissem à Sua prisão (Lucas 22:51). A falha da igreja em Tiatira foi de não resistir a Jezabel. A lição é clara: para ser reprovado pelo Senhor, não é preciso ensinar doutrina errada, basta tolerá-la. Veja comentário sobre 2:14.

O texto grego é um pouco diferente das versões de Almeida neste versículo; devemos ler: “*Que toleras a mulher Jezabel, aquela que se diz profetisa, e ensina e engana os Meus servos...*”

O nome Jezabel é simbólico; creio que não havia uma mulher chamada Jezabel, na igreja em Tiatira, que fizesse o que está escrito aqui. Havia, sim, um grupo de pessoas naquela igreja que estava corrompendo os servos de Deus, da mesma maneira que Jezabel corrompeu a Israel nos dias de Elias. Acabe trouxe Jezabel a Israel e ela trouxe consigo a religião corrupta e imoral.

Como ela, este grupo quis dominar a igreja (a doutrina dos nicolaítas) e ensinava o que era realmente uma modificação da doutrina de Balaão. Compare o v. 14 e o v. 20, notando a ordem invertida. Balaão usou a idolatria para conduzir à prostituição; Jezabel usou a prostituição para conduzir à idolatria. Estes termos (“prostituição” e “idolatria”) devem ser entendidos literalmente, pois a menção deles no v. 14 é claramente literal.

V. 21 — E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição; e não se arrependeu.

Deus é paciente; deu tempo a Jezabel (àqueles que estavam enganando os servos de Deus), mas esta estava firme no seu propósito de prosseguir no erro. O verbo no fim do versículo, no grego, está no presente (“*não quer se arrepender*”). Note bem este detalhe. Não é simplesmente que ela não se arrependeu quando o Senhor deu tempo, mas agora, quando ele fala à igreja, ainda “*não quer se arrepender*”.

V. 22 — Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras.

Apesar da paciência de Deus, o castigo vem e não tarda. O tempo do verbo no grego é presente (não “*porei*”, mas “*estou lançando*”). O Senhor está lançando-a numa cama; o verbo indica força, ou até violência. A menção da cama indica que há uma relação óbvia entre o pecado e o castigo. Compare com Mateus 26:52.

O castigo não é limitado a Jezabel; os que adulteram com ela terão grande aflição. Observe, porém, que eles ainda terão espaço para arrepender-se, pois, além de pecadores, são vítimas da astúcia de Jezabel. E o castigo será diferente; terão grande aflição. Eles são descritos como “*Meus servos*” (v. 20) e, conseqüentemente, não terão parte no juízo de Jezabel, mas sofrerão a disciplina do Senhor.

As obras mencionadas no fim do versículo são de Jezabel; uma tradução literal diz: “*se não se arrependerem das obras dela*”. Os servos do Senhor, seduzidos pelo ensino dela, estavam praticando as obras dela, em vez de servir ao seu Senhor.

V. 23 — E ferirei de morte a seus filhos, e todas as igrejas saberão que Eu sou Aquele que sonda os rins e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras.

Mais um grupo de pessoas aparece agora: os seus filhos. A palavra traduzida “seus” é feminina, indicando que são filhos de Jezabel (e não dos servos do Senhor). Estes seriam aqueles que “nasceram” dela, ou seja, que entraram na igreja em consequência de sua doutrina nefasta. Não são servos de Deus, enganados por este ensino, mas as pessoas mundanas que se filiaram à igreja (sem serem salvas), nesta união ilícita promovida pela doutrina de Balaão. O Senhor diz que os matará. Observe outra vez a diferença no castigo administrado.

Este castigo sobre os filhos de Jezabel servirá de lição para as igrejas de Deus. Através disto, saberiam que o Senhor sonda os rins e os corações; Ele não julga pela aparência, mas conhece os intentos do coração e sabe julgar retamente (veja Gênesis 18:25 e 2 Timóteo 2:19).

Ele dará a cada um segundo as suas obras; Ele não erra. Ele sonda e sabe quem engana e quem é enganado; quem corrompe e quem é corrompido. Tanto o castigo como o galardão, serão dados com absoluta justiça.

V. 24 — Mas Eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei.

Aparece agora mais um grupo na igreja em Tiatira. A conjunção “e” não está no texto grego no começo deste versículo; leia-se: “*Mas Eu vos digo a vós, os restantes*”. Não são, portanto, dois grupos, mas um só. Não é o dos servos seduzidos, nem o da sedutora Jezabel, nem tampouco o dos filhos dela; são os restantes, os que não foram seduzidos, nem toleram a sua doutrina.

Este remanescente seria desprezado pelos demais na igreja; seriam considerados como ignorantes e atrasados, pois não tiveram “*esta doutrina*” e não “*conheceram as coisas profundas*” de Satanás. Eram cristãos que ainda andavam na simplicidade do modelo deixado pelo Senhor e Seus apóstolos; não “*avançaram*”.

Veja a origem do ensino que seduziu alguns servos do Senhor e produziu tantos filhos em Tiatira; era de Satanás. Compare os versículos 9, 10, 13 e 1 Timóteo 4:1.

O Senhor tem uma palavra confortadora para este remanescente: “*Não estou pondo sobre vós outra carga*”. O verbo está no presente (não no futuro, como nas versões de Almeida). E o mesmo verbo do v. 22 (“*porei*”). A única carga imposta pelo Senhor é aquela que vai mencionar no v. 25.

V. 25 — Mas o que tendes retende-o até que Eu venha.

O Senhor não prometeu que a igreja melhoraria, mas exortou à fidelidade e inflexibilidade até que Ele venha. O verbo traduzido “*retende*” é o mesmo que é traduzido “*seguem*” nos vs. 14 e 15. Como

aqueles estavam sustentando (veja comentário sobre o v. 14) a doutrina de Balaão e a dos nicolaítas, os servos de Deus teriam de ser fortes em sustentar somente a Palavra de Deus.

V. 26 — E ao que vencer, e guardar até ao fim as Minhas obras, Eu lhe darei poder sobre as nações.

Note bem que neste ponto a ordem seguida nas cartas muda; a partir desta carta, a promessa ao vencedor precede a mensagem ao indivíduo (veja a análise da segunda parte do livro).

As obras são destacadas nesta carta. Veja vs. 19 (duas vezes), 22, 23 e 26. Contraste especialmente as obras de Jezabel (as quais deveriam ser abandonadas; v. 22) e as do Senhor (que deverão ser praticadas até ao fim; v. 26). A doutrina é conhecida pelas obras que produz.

Devido à sua fidelidade, estes vencedores eram desprezados (até por irmãos enganados), mas serão honrados na manifestação do Senhor. Veja introdução a este capítulo.

V. 27 — E com vara de ferro as regerá: e serão quebradas como vaso de oleiro; como também recebi de Meu Pai.

Veja o Salmo 2:9. No Salmo, é o Senhor que regerá e despedaçará; aqui vemos que aquele que pratica as obras do Senhor agora, participará das Suas obras depois. Assim como o castigo de Jezabel estava relacionado com o seu pecado (veja o v. 22), o galardão dos fiéis também estará relacionado com as suas obras.

Como o Senhor recebeu de Seu Pai, assim Ele dá aos Seus servos que são fiéis. Veja João 14:27 e Romanos 11:29.

V. 28 — E dar-te-ei a estrela da manhã.

Receber a Estrela da Manhã é melhor ainda? O vencedor participará com Cristo no Seu reino quando o poder dos homens for quebrado; mas melhor ainda será reunir-se com Ele, antes do raiar daquele dia. A estrela da manhã brilha antes do nascer do sol. Cristo virá ao mundo como o Sol da Justiça, mas, antes disto, virá para os Seus, como a Estrela da Manhã. Veja como o Velho Testamento termina com a vinda do Sol da Justiça (Malaquias 4:2) e o Novo Testamento finda com a chegada da resplandecente Estrela da Manhã (Apocalipse 22:16).

V. 29 — Quem tem ouvidos. ouça o que o Espírito diz às igrejas.
Veja comentário sobre 2:7.

.oOo.

CAPÍTULO

ANÁLISE

- 1) A carta à igreja em Sardos (Sardes) – vs. 1-6.
- 2) A carta à igreja em Filadélfia – vs. 7-13.
- 3) A carta à igreja em Laodiceia – vs. 14-22.

COMENTÁRIO

1) A carta à igreja em Sardos (Sardes) – vs. 1-6.

Sardos era a antiga capital da Lídia; nos dias do seu último rei, Croesus, era uma cidade rica e esplêndida. Sendo construída sobre um monte, parecia segura, e a autoconfiança gerada por esta situação privilegiada levou-a à queda. Quando os exércitos de Ciro, o persa, atacaram, eles não se preocuparam em defender o lado da cidade que dava para o precipício.

Mas aquele precipício era de terra, que permitiu a formação de degraus, pelos quais o exército invasor entrou na cidade. Parecia uma defesa invulnerável, mas a realidade era bem outra. E esta atitude da cidade foi também a atitude da igreja.

V. 1 — E ao anjo da igreja que está em Sardos escreve: Isto diz o que tem os sete Espíritos de Deus, e as sete estrelas: Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto.

Veja comentário sobre os sete Espíritos em 1:4 e sobre as sete estrelas em 1:20.

Apesar de ter nome de que vivia, esta igreja estava morta, mas o Senhor se apresentou como tendo a plenitude e diversidade de poder nas operações do Espírito Santo. Ele vivifica (compare com João 6:63) e dá poder. Ele tem também as estrelas, os anjos das igrejas. Em outras palavras, Ele tem tudo de que a igreja pode precisar.

O Senhor viu o verdadeiro estado da igreja (estava morta), mas a própria igreja não reconheceu isto e tinha seu trabalho. O Senhor, porém, conhecia as suas obras e no versículo seguinte torna a falar delas.

Havia uma profissão e uma aparência, mas a realidade era bem outra. Professavam ter vida. Havia obras, que aparentemente indicavam a presença de vida, mas o Senhor diz que estava morta. Vemos nisto um quadro da profissão fria, formal e vazia. Compare com Gálatas 3:3 e com 2 Timóteo 3:5.

V. 2 — *Sê vigilante, e confirma os restantes, que estavam para morrer; porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus.*

A palavra traduzida “*vigilante*” significa “acordar do sono”; é a palavra que o Senhor Jesus empregou ao falar com os discípulos que dormiam no Jardim do Getsêmani (Mateus 26:38, 40, 41). Veja também Mateus 24:42, 43; 25:13. É a primeira de uma série de exortações a esta igreja; deveria ficar, não só acordada, mas alerta, como uma sentinela.

A segunda exortação da série é para confirmar o que estava para morrer. Não são pessoas que deveriam ser confirmadas, pois a palavra é neutra, e, portanto, significa coisas. Seriam as verdades conhecidas e quase esquecidas, ou as suas forças para servir a Deus e outras graças semelhantes. Note o tempo do verbo. O Senhor disse: “*que estavam para morrer*”. No versículo anterior, Ele usou o presente: “*estás morto*”; agora, falando destas coisas, usa o imperfeito: “*estavam para morrer*”.

O quadro apresentado é de uma igreja morta; o seu problema não é o de fazer coisas erradas (como, por exemplo, em Tiatira), mas o de não poder fazer nada. O Senhor torna a falar das obras, pois só Ele sabe realmente avaliá-las. Ele não as achou perfeitas, isto é, eram incompletas. Ele as pesou na balança e as achou deficientes. Havia obras nesta igreja (vs. 1 e 2), mas não as que agradam a Deus; para Ele, a igreja estava morta.

V. 3 — *Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E, se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.*

O texto, grego diz: “*Lembra-te, pois, de como tens recebido e ouvido*”. É a terceira exortação; não simplesmente para lembrar-se que recebeu e ouviu, nem tampouco para lembrar-se do que recebeu e ouviu, mas sim, da maneira como recebeu e ouviu.

O Evangelho foi pregado entre eles no poder do Espírito Santo, resultando na sua convicção e conversão. Era isto que estava faltando em Sardis; havia formalidade e aparência, mas faltava a energia vivificante do Espírito Santo.

Deveriam lembrar-se da maneira como tinham recebido e ouvido. Note a ordem. Ouvir, neste caso, não é ouvir com o ouvido, mas aceitar de coração, como na expressão que aparece em cada uma destas sete cartas: “*Quem tem ouvido, ouça*”. Veja também João 6:60.

E a lembrança disto deveria levá-los ao arrependimento. Não apenas a um sentimento de tristeza, devido à sua fraqueza, mas a uma mudança de atitude; não mais fazendo obras na energia da carne, mas usando o poder ilimitado do Espírito; o Senhor tem os sete Espíritos de Deus! Veja Romanos 8:8.

“Se não vigiares,” (compare com a expressão “sê vigilante” do v. 2), disse o Senhor, “virei como um ladrão”; não haverá outro recurso. Eles precisam acordar do sono da morte. O Senhor virá como ladrão; será uma vinda inesperada e indesejada. A Sua vinda para os Seus não será assim. Estes desejam a Sua chegada (Apocalipse 22:20), mas sobre o mundo Ele virá como ladrão (1 Tessalonicenses 5:2). As pessoas na igreja em Sardos eram do mundo, embora professando ser de Deus; tinham nome de que viviam, mas estavam mortas. Professavam ser cristãos, mas sofreriam a condenação do mundo.

V. 4 — Mas também tens em Sardos algumas pessoas que não contaminaram os seus vestidos, e comigo andarão de branco; porquanto são dignas disto.

Nem todos em Sardos, porém, estavam mortos; nem todos eram meros professos. Havia uma minoria que não se contaminara.

A palavra traduzida “pessoas” significa “nomes”. As duas versões de Almeida traduzem por “pessoas” que, sem dúvida, reflete a ideia do texto grego, mas perde a ênfase que o Senhor dá, ao repetir a palavra “nome”. Veja como esta palavra se destaca nesta pequena carta (vs. 1, 4, 5, 5).

Compare este remanescente com os “restantes” em Tiatira (2:24). Dizendo que estes não contaminaram seus vestidos, está dizendo, indiretamente, que a igreja se contaminou. O remanescente evitou os erros que levaram a igreja a este estado de morte.

O Senhor prometeu que estes andariam com Ele de branco; veja a relação entre a fidelidade destes (“não contaminaram seus vestidos”) e a bênção prometida (“andarão comigo de branco”). A nossa conduta afeta a nossa comunhão com o Senhor; afeta também a nossa recompensa.

A dignidade mencionada aqui não é inerente. Ninguém é digno de andar com o Senhor. Ela é concedida gratuitamente, no sentido de Filipenses 3:8. Veja também Ezequiel 16:14. A palavra “digna” realmente aponta o que já notamos, a saber, a relação entre a conduta aqui e a recompensa depois.

V. 5 — O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante de Seus anjos.

O texto grego diz: “O que vencer será assim vestido...”; note a palavra “assim”. Tendo mencionado os vestidos brancos do remanescente, o Senhor agora diz que o vencedor será “assim vestido”.

Além desse privilégio, o vencedor tem uma garantia muito forte, a saber, que o seu nome nunca será apagado do livro da vida. E um negativo forte: “De modo nenhum apagarei”. Na verdade, nenhum nome será apagado daquele livro, pois quem é salvo jamais virá a se perder;

Aquele que é poderoso para salvar, é poderoso para guardar. Sendo que a salvação depende dEle (e não de nossos méritos), estamos seguros em Suas mãos.

Esta afirmação do texto deve ser entendida no contexto da carta. A maioria em Sardó tinha nome de que vivia, mas, na realidade, os seus nomes não estavam no livro da vida. Eles se consideravam possuidores da vida eterna; seus vizinhos, que nada professavam, também os consideravam como cristãos, mas era apenas um nome que não correspondia à realidade.

O remanescente fiel, porém, estava numa situação diferente; seus nomes estavam no livro da vida e ficariam eternamente naquele livro.

Este livro da vida não deve ser confundido com aquele que Moisés mencionou em Êxodo 32:32, 33. Moisés se referiu ao mesmo livro que é mencionado em Malaquias 3:16. Veja mais referências ao livro da vida em Filipenses 4:3; Apocalipse 13:8; 20:12, 15; 21:27.

V. 6— Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Veja comentário sobre 2:7.

2) A carta à igreja em Filadélfia – vs 7-13.

A cidade de Filadélfia foi fundada pelo rei Attalus, que também foi cognominado Filadelfos, devido à sua lealdade a seu irmão. Filadélfia significa “amor fraternal”.

Após a leitura das cartas anteriores, é uma alegria ler esta a Filadélfia. Depois da corrupção de Tiatira e do formalismo morto de Sardó, parecia que o testemunho coletivo estava praticamente terminado, mas em Filadélfia o Senhor abre uma porta que ninguém pode fechar e isto renova o nosso ânimo. Após tantos fracassos e desvios, agora contemplamos algo que agrada a Deus.

V. 7 — E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre:

A descrição do Senhor nesta carta não é tirada do primeiro capítulo; é tirada do Velho Testamento.

Só Deus pode apresentar-se como Aquele que é santo. No livro de Isaías, de onde esta figura é tirada, Deus é muitas vezes chamado de “o Santo de Israel” (veja Isaías 1:4; 5:19, 24,...). Outros podem ser santificados, mas o Senhor Jesus é essencialmente santo.

E não só santo, como também verdadeiro. Compare com 1 João 5:20.

Em contraste nítido com a corrupção de Tiatira, Ele é santo; em contraste com a profissão sem realidade de Sardó, Ele é o verdadeiro. Note o contraste também com aqueles que diziam ser o que não eram (Apocalipse 2:2, 9; 3:9).

Além desta descrição de Sua natureza, vemos algo das Suas glórias adquiridas. Ele tem a chave de Davi. Esta figura é tirada de Isaías 22:22, onde a chave da casa de Davi foi tirada de Sebna e dada a Eliaquim. O texto em Isaías deixa claro que isto é símbolo de autoridade administrativa. O Senhor, o Santo e o Verdadeiro, é Aquele que tem autoridade de administrar os assuntos da Sua casa.

O título “Santo” nos faz pensar na Sua preexistência na eternidade; o “Verdadeiro” nos lembra a Sua vida aqui (João 1:9; 6:32; 15:1); possuir as chaves de Davi nos leva a pensar no futuro.

Usando esta autoridade, Ele abre de forma que ninguém jamais fechará e fecha de forma que ninguém abre. Não são os homens (governos ou religiões) que abrem e fecham portas para os cristãos.

V. 8 — Eu sei as tuas obras: eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar: tendo pouca força, guardaste a Minha palavra, e não negaste o Meu Nome.

Veja comentário sobre “Eu sei as tuas obras” em 2:2.

A tradução literal do texto grego diz: “tenho dado diante de ti uma porta que tem sido aberta”. Esta porta aberta é a dádiva do Senhor a esta igreja. É a porta da continuação do testemunho coletivo; é a porta de serviço. Nas cartas anteriores, notamos um afastamento crescente do padrão estabelecido por Deus, até que finalmente chegamos a Sardo e ouvimos o Senhor dizer: “*Estás morto*”. Parecia o fim do testemunho; parecia que tudo estava perdido. Mas em Filadélfia vemos uma porta aberta para o povo de Deus escapar da morte de Sardo.

Esta porta jamais será fechada nesta dispensação. Isto garante a continuação de igrejas locais até a vinda do Senhor. O Senhor mostra porque deu esta dádiva à igreja em Filadélfia. O texto grego diz: “*porque tens um pouco de força*”, assim indicando a razão da dádiva. Esta igreja não estava morta; tinha força, embora fosse apenas um pouco.

Vemos, em seguida, duas maneiras em que esta força se manifestou. No lado positivo, guardaram a Palavra de Deus e, no lado negativo, eles não negaram o Seu Nome. A lição é clara. A porta está aberta pelo Senhor para aqueles que estão dispostos a guardar a Sua palavra (não os mandamentos de homens, nem as tradições religiosas, nem os decretos de Concílios, mas unicamente a Palavra de Deus) e que não negam o Seu Nome, aceitando nomes denominacionais. Compare com Mateus 18:20.

V. 9 — Eis que Eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem: eis que Eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que Eu te amo.

Veja o comentário sobre a sinagoga em 2:9. O trono de Satanás refere-se à sua influência política; a sinagoga de Satanás, à sua influência religiosa. Veja 2:13.

Vemos neste versículo mais uma dádiva de Deus a esta igreja (a tradução correta diz: *“Eis que Eu darei...”*). Alguns daqueles que se dizem o povo de Deus, mas não o são (a sinagoga de Satanás; compare com aqueles em Sardó que tinham nome de que viviam, e estavam mortos), seriam dados pelo Senhor a esta igreja. Isto vai além da promessa dada a Smirna (2:9, 10), que a sinagoga de Satanás não prevaleceria contra ela. Aqui alguns daquela sinagoga seriam convertidos e atraídos à igreja local.

Adorariam aos pés dos cristãos, mas não adorariam aos cristãos. Reconheceriam que Deus, de fato, estava no meio do Seu povo e saberiam do Seu amor para com a Sua igreja. Esta mudança de coração não seria efetuada pelos cristãos, nem pela igreja; o Senhor faria isto. Veja 1 Coríntios 14:24, 25. O Senhor faz isto através da simplicidade da ordem bíblica nas reuniões da igreja. Compare isto com a porta aberta do versículo anterior. Compare com 2 Crônicas 15.9.

V. 10 — Como guardaste a palavra da Minha paciência, também Eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra.

No v. 8 o Senhor disse que guardaram a Sua palavra; agora acrescenta mais um detalhe: guardaram a Palavra da Sua perseverança. E a Palavra dAquele que foi rejeitado e que aguarda aquele dia quando os Seus inimigos serão postos por escabelo dos Seus pés (Hebreus 1:13).

Ainda há mais uma promessa para esta igreja. Eles seriam guardados da hora de provação que está para vir. Note a repetição do verbo *“guardar”*; a promessa está relacionada com a sua fidelidade.

A *“hora da tentação”* refere-se àquele período chamado de *“a Grande Tribulação”*, que virá após o arrebatamento. A palavra traduzida *“da”* (*“da hora...”*) indica que eles nem entrariam nesta hora. O verbo traduzido *“tentar”* significa *“provar”*.

A expressão *“os que habitam na terra”* ocorre em 6:10; 11:10; 13:8, 12, 14; 14:6; 17:8. Considerando o seu uso nestes lugares, vemos que indica uma condição moral e não simplesmente uma posição geográfica. O verbo traduzido *“habitam”* não é aquele que significa apenas *“morar”* (*oikeo*); ele indica permanência (*katoikeo*). A expressão refere-se àqueles que escolheram a terra, identificando-se com a sociedade, a religião e o comércio da terra; são pessoas que têm interesses e esperanças terrenos. O apóstolo Paulo os descreve como aqueles que *“pensam nas coisas da terra”* (Filipenses 3:19). Contraste com João 17:16 e com Hebreus 11:14-16.

V. 11 — *Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.*

Mais uma promessa: a vinda iminente do Senhor. Estavam guardando a Palavra da Sua perseverança e esta promessa vem incentivá-los.

A palavra traduzida “*guarda*” não é a mesma que notamos nos vs. 8 e 10, e sim, aquela que foi usada em 2:14 e 15 (seguir ou sustentar). Haverá coroa para quem reter firmemente o que Deus lhe confiou; mas há o perigo de perder esta coroa. Se alguém a perder, porém, outra pessoa a ganhará; os propósitos de Deus se cumprirão. Se nós falharmos, Deus levantará outros para fazer o Seu trabalho.

V. 12 — *A quem vencer, Eu o farei coluna no templo do Meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do Meu Deus, e o nome da cidade do Meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do Meu Deus, e também o Meu novo Nome.*

A palavra traduzida “*templo*” não se refere ao prédio todo; é “*naos*” que indica o Santo dos Santos. A coluna simboliza força. A igreja tinha um pouco de força, mas o vencedor seria uma coluna no templo de Deus. Não apenas forte, mas ele seria importante naquele lugar santo, como as colunas de uma construção grande.

Filadélfia era uma cidade sujeita a terremotos e, em tais ocasiões, muitos saíam da cidade, acampando para escapar do perigo. Mas o Senhor prometeu que o vencedor nunca sairá do templo.

Além de ser forte e importante no templo de Deus, ele será facilmente identificado como sendo de Deus, pois o Senhor escreverá sobre ele o Nome de Deus. Não necessariamente literalmente, embora os sacerdotes dos deuses falsos trouxessem o nome do seu deus escrito na testa.

No Velho Testamento, o sumo sacerdote usava uma lâmina de ouro na mitra, na qual estava escrito: “*Santidade ao Senhor*” (Êxodo 28:36-38). Compare com Apocalipse 7:3; 9:4; 14:1; 22:4. Veja também Apocalipse 13:16 e 17:5.

Teria também o nome da cidade de Deus, a nova Jerusalém. Encontraremos uma descrição mais completa desta cidade nos capítulos 21 e 22; não é a Jerusalém terrena, mas a nova Jerusalém que vem do céu. Foi esta cidade que Abraão procurava (Hebreus 11:10).

Além de tudo isto, terá ainda o novo Nome do Senhor Jesus. É claro que este Nome não é um daqueles que hoje conhecemos; será um novo Nome. Não conhecemos o nosso Senhor ainda em toda a plenitude de Sua Pessoa, mas, na eternidade, haverá mais e maiores revelações da grandeza e perfeição que hoje não podemos receber.

Observe também a repetição do pronome “*Meu*” neste versículo.

V. 13 — *Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.*

Veja comentário sobre 2:7.

3) A carta à igreja em Laodiceia – vs. 14-22.

Laodiceia era uma cidade muito rica e próspera, que ficava na estrada principal proveniente da costa. Tornou-se famosa principalmente pela qualidade da lã que vendia e também por causa de sua escola de Medicina, assim como pelos unguentos e colírios usados pelos seus médicos.

V. 14 — E ao anjo da igreja que está em Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus.

A primeira descrição do Senhor aqui é o “Amém”; é uma palavra hebraica (veja comentário sobre Amém em 1:6). A segunda descrição, “a testemunha fiel e verdadeira”, expressa em grego a ideia contida na primeira.

Como o Amém, Ele é Aquele em Quem se cumprirão todas as promessas de Deus; Ele é a confirmação de tudo quanto Deus falou. Cada aviso do juízo vindouro e cada promessa de bênção são dignos de crédito.

Como testemunha fiel e verdadeira, Ele transmitiu fielmente cada mensagem de Deus; Ele é digno de toda a confiança. Veja 1:5 e 3:7.

Além disto, Ele se apresenta como o princípio da criação de Deus. Não no sentido de ser a primeira criatura, pois o Senhor Jesus nunca foi criado (veja Miqueias 5:2 e Hebreus 7:3), mas sim, o princípio, isto é, a origem de toda a Criação.

Foi Ele Quem fez tudo; é o Criador que deu origem a tudo; portanto, é o princípio (a fonte) de toda a Criação. Maiores esclarecimentos sobre isto se acham na carta aos Colossenses (veja Colossenses 1:15-17) e é interessante notar que o apóstolo Paulo pediu que aquela carta fosse lida também em Laodiceia (Colossenses 4:16).

V. 15 — Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente!

Havia obras nesta igreja, mas não as que poderiam agradar ao Senhor. Não havia labor. Era uma igreja acomodada, indiferente. Não se entregava fervorosamente à obra do Senhor, nem desistia totalmente. Não era quente nem fria; vivia num estado de tepidez espiritual.

O Senhor queria que fossem uma coisa ou outra. Se fossem quentes, o Senhor teria prazer nas suas obras fervorosas; se fossem frios, talvez eles pudessem sentir a tristeza do seu estado lastimável e arrepende-se; tinham obras, mas estas não agradavam a Deus; apenas enganavam aos laodicenses, mantendo-os na ilusão.

V. 16 — Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da Minha boca.

Este estado, tão característico do cristianismo atual, é repulsivo ao Senhor; Ele não o pode suportar. Compare com o aviso dado à igreja em Éfeso (2:5). O candeeiro seria tirado; aqui, a igreja seria lançada fora.

V. 17 — Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu;

A igreja não diria isto em tantas palavras, mas a sua atitude e maneira de agir diziam, bem alto, que se considerava autossuficiente. A igreja gloriava-se na sua abundância de conhecimento e capacidade, pensando que era capaz de fazer tudo, sem ajuda de ninguém. Não sentia nenhuma fraqueza ou dependência de Deus. Compare-a com a igreja em Corinto (1 Coríntios 1:5-7).

Mas, apesar de tudo que havia recebido, esta igreja não sabia a sua condição verdadeira. Veja novamente a igreja em Corinto; na sua primeira carta aos coríntios, Paulo diz, repetidas vezes: “*Não sabeis*”.

A palavra traduzida “*desgraçado*” ocorre somente duas vezes em o Novo Testamento; veja Romanos 7:24, onde Paulo a emprega para descrever-se a si mesmo. Neste caso, Paulo reconheceu o seu estado e alcançou a bênção “*por Cristo Jesus, nosso Senhor*”, mas os laodicenses não o reconheceram.

A palavra traduzida “*miserável*” também aparece apenas duas vezes em o Novo Testamento. A outra ocorrência é em 1 Coríntios 15:19 e significa “digno de dó”. A igreja em Laodiceia pensou que estava indo muito bem quando, na realidade, era um “*desgraçado*” e, portanto, digno de dó.

Note o contraste: “*sou rico e estou enriquecido*”; o Senhor disse: “*és pobre*”. A desgraça da igreja era a sua pobreza espiritual. E esta igreja era digna de dó, porque era cega — totalmente iludida quanto à sua condição. Pensando que possuía tudo, não possuía nada, nem mesmo roupa para se vestir.

V. 18 — Aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas;

Note a ironia neste versículo. A igreja pensava que não precisava de nada; o Senhor lhe oferece conselho. Oferece também três coisas correspondentes às suas três necessidades. Ouro para a sua pobreza; colírio para a sua cegueira; vestidos para cobrir a sua nudez.

O ouro seria refinado; o seu valor seria verdadeiro. Não seria uma ilusão, como Laodiceia estava vivendo; seriam verdadeiras riquezas espirituais.

Os vestidos seriam brancos, indicativos de pureza e de justiça. Compare com 3:4, 5. O colírio resolveria o problema de visão, permitindo que a igreja visse o seu verdadeiro estado.

Mas, observe bem, tudo isto teria de ser com- prado! O Senhor fez muitas promessas nestas cartas, mas aqui Ele vende. Para uma igreja possuir a verdadeira riqueza espiritual, e ter as honras simbolizadas pelos vestidos brancos, e a compreensão dos propósitos de Deus sugerida pelo colírio, ela tem que pagar um preço. Este preço consiste na sua humilhação e na sua aceitação do conselho dado pelo Senhor.

V. 19 — Eu repreendo e castigo a todos quantos amo: sê pois zeloso, e arrepende-te.

A palavra “*Eu*”, pela sua posição na frase, é enfática. O verbo traduzido “*castigo*” tem a ideia de disciplinar. O Senhor repreende e também disciplina, tendo em vista a nossa instrução e aperfeiçoamento. E este tratamento é para todos quantos Ele ama. A disciplina do Senhor é prova do Seu amor; veja Hebreus 12 :6-11.

O alvo desta repreensão e disciplina é levar a igreja ao zelo e ao arrependimento. O verbo “*sê zeloso*” é da mesma raiz de “*quente*”, usada nos vs. 15 e 16.

V. 20 — Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele, e ele comigo.

O Senhor agora mostra o Seu amor de outra forma; não só pela repreensão e disciplina, como também pela Sua atitude humilde, esperando e batendo à porta. Compare com Cantares de Salomão 5:2-6.

Mesmo se a igreja não corresponder, o Senhor tem uma mensagem para o indivíduo: “*se alguém ouvir*”. Porém, ouvindo, é necessário agir: Se alguém ouvir e abrir. O Senhor quer entrar e mostra o Seu desejo pela repreensão, pela disciplina e, agora, pela súplica; mas Ele não força a entrada. Ele respeita a decisão de cada um.

O resultado de abrir a porta (isto é, permitir que o Senhor tenha controle da vida do indivíduo ou da igreja) é comunhão mútua.

V. 21 — Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no Meu trono; assim como Eu venci, e Me assentei com Meu Pai no Seu trono.

O amor do Senhor não tem limites! Ele quer, não só comunhão conosco, ceando juntos, mas oferece ao vencedor uma participação no Seu governo e na Sua glória. Quem ceiar com Ele agora, reinará com Ele depois.

Mas o seu lugar no trono é prêmio para quem vencer. Se o Senhor Jesus está no trono de Seu Pai, é porque Ele venceu.

Note que fala de dois tronos. No trono do Pai, o Senhor Jesus está assentado porque Ele é Deus; ninguém, senão Deus, poderia assentar-

se naquele trono. No trono do Senhor Jesus, Ele se assentará para governar este mundo, ao derrubar o governo da besta, e deste trono os vencedores participarão. Compare com 1 Coríntios 6:2 e com 2 Timóteo 2:12.

V. 22 — Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Veja comentário sobre 2:7.

.oOo.

TERCEIRA PARTE

**“As coisas que, depois destas,
hão de acontecer”**

Capítulo 4:1 – 22:21

.oOo.

INTRODUÇÃO

Agora entramos na terceira (e a maior) parte do Apocalipse. Para entendê-la é necessário lembrar que tudo que havemos de encontrar nestes capítulos acontecerá **DEPOIS** do Arrebatamento.

As primeiras palavras do capítulo 4, “*depois destas coisas*”, mostram este fato. Nos capítulos 2 e 3 vimos as vitórias e derrotas de igrejas locais, mas, a partir deste versículo, vamos contemplar “*as coisas que, depois destas, hão de acontecer*”.

Isto é, as coisas que acontecerão depois que as igrejas locais tenham cessado o seu testemunho aqui na terra.

Uma outra prova incontestável está neste mesmo versículo. João ouviu a mesma voz que ouvira no capítulo um, agora chamando-o para cima, a fim de ver “*as coisas que, depois destas, hão de acontecer*”. É quase a mesma expressão que o Senhor usou quando analisou o livro (veja 1:19).

A única diferença é que no capítulo um Ele falou das coisas que estão para acontecer depois destas e no capítulo 4 Ele fala das coisas que têm que acontecer depois destas. Claro que são as mesmas coisas. No capítulo 4, Ele reforça a certeza destes acontecimentos.

Confirmando isto, notamos que a igreja não é mais mencionada em relação à terra até o capítulo 19, quando volta do céu com o seu Senhor, preparada como uma noiva. Se a igreja desaparece do livro depois do capítulo 3 para reaparecer, vinda do céu, no capítulo 19, é porque esta parte do livro descreve acontecimentos durante a ausência da igreja.

Outra coisa que é importante lembrar é que esta parte do livro não segue uma ordem cronológica. Até o capítulo 11, o Espírito Santo mostra uma sequência de acontecimentos que culminarão na entronização do Senhor Jesus, para reinar sobre o mundo inteiro.

A partir do capítulo 12, porém, a revelação não avança cronologicamente; antes, volta atrás para focalizar a atenção do leitor em certas pessoas e organizações que se destacarão durante o período descrito nos capítulos 4 a 11. A focalização em pessoas e organizações nos leva até o capítulo 19, onde, mais uma vez, o livro começa a avançar cronologicamente. O Senhor Jesus Cristo volta à terra no capítulo 19 e nos capítulos 20 a 22 vemos acontecimentos e condições após a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo à terra.

Resumindo isto, podemos analisar esta terceira parte do livro da seguinte maneira:

1) Capítulos 4 a 19 — O período entre o Arrebatamento e a Segunda Vinda do Senhor à terra;

a) Capítulos 4 a 11 — Programa da Grande Tribulação;

b) Capítulos 12 a 19 — Personagens e organizações na Grande Tribulação;

2) Capítulos 20 a 22 — Acontecimentos depois da Segunda Vinda do Senhor à terra.

Quando olhamos mais de perto na primeira parte (capítulos 4 a 11), notamos, numa análise mais detalhada, o que segue:

1 — O trono e Aquele que se assenta nele — cap. 4;

2 — O livro e Aquele que venceu para abri-lo — cap. 5;

3 — A abertura dos selos — cap. 6;

4 — O primeiro grande parêntese — cap. 7;

5 — As trombetas — cap. 8 e 9;

6 — O segundo grande parêntese — caps. 10:1 a 11:14;

7 — A sétima trombeta — cap. 11:15-18.

.oOo.

O Trono e Aquele que se assenta nele

ANÁLISE

- 1) O trono celeste (vs. 1-6);
- 2) Os quatro seres viventes (vs. 7-11).

COMENTÁRIO

Até aqui temos contemplado cenas na terra; agora a nossa atenção é levada ao céu.

V. 1 — Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu: e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer.

No capítulo anterior, o Senhor deu uma porta aberta à igreja em Filadélfia (v. 8) e procurava uma porta aberta em Laodiceia (v. 20). Agora João vê uma porta aberta no céu. E ouviu uma voz. Compare com 3:20.

Foi a mesma voz que ele ouvira em 1:10. A expressão “a primeira voz” não deve ser entendida no sentido de a primeira de uma série, nem a primeira que ele ouviu no céu, e sim, aquela primeira voz que ele ouvira na ilha de Patmos em 1:10.

Esta voz chamou o servo de Deus para subir ao céu e isto prefigura o arrebatamento daqueles que são de Cristo, antes que comecem as coisas reveladas nesta parte do livro. Estas coisas só podem ser vistas e compreendidas do céu. A lição para nós é importante. Se queremos ver e entender os propósitos de Deus, é necessário desprender-nos das coisas terrenas para ver tudo do santuário, do ponto de vista de Deus.

V. 2 — E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e Um assentado sobre o trono.

Note a palavra “logo”. Há urgência em tudo isto. João se achava em espírito; veja comentário sobre 1:10.

A primeira coisa que João viu no céu foi um trono. O trono é símbolo de governo. As revelações deste livro vão mostrar um período de anarquia e de iniquidade sem precedentes na face da terra, mas Deus mostra ao Seu servo que há governo no céu. O homem do pecado (2 Tessalonicenses 2:3) pode blasfemar e desafiar, mas o trono está firme.

A palavra “trono” é usada doze vezes neste capítulo, em apenas onze versículos. O céu é um lugar de autoridade e ordem; a vontade de Deus é cumprida no céu.

A posição do Senhor (“assentado”) é indicativa de autoridade; é uma característica deste livro. Veja os vs. 3, 9 e 10; 5:1, 7, 13,

V. 3 — Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E, se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei,

O nome dAquele que está assentado sobre o trono não é mencionado porque não há necessidade; é o eterno Deus. Não podemos vê-lo, mas símbolos são usados para dar-nos uma ideia da Sua glória, bem como do ambiente celestial.

O jaspe é transparente e brilhante. Em Apocalipse 21:11 nos é dito que esta pedra é preciosíssima e descreve a glória de Deus na Nova Jerusalém. O jaspe, portanto, simboliza a Sua glória. Não a Sua glória essencial, mas aquela glória que pode ser comunicada e contemplada pelos homens.

A pedra sardônica mencionada aqui, no texto grego, é a pedra sárdio que é vermelha como fogo. Aparece como o sexto fundamento na descrição da Nova Jerusalém (Apocalipse 21:20). Parece simbolizar o juízo de Deus; compare o uso da cor vermelha neste sentido, no Mar Vermelho (Êxodo 15:4), na novilha vermelha (Números 19) e em relação ao Juiz (Isaías 63:2).

Estas pedras aparecem juntas no peitoral do sumo sacerdote (Êxodo 28:17, 20) e também no adorno do “rei de Tiro” (Ezequiel 28:13). Já notamos que estão juntas outra vez na descrição da Nova Jerusalém.

Nesta visão do trono e dAquele que estava assentado sobre ele, João viu tanto a glória como o juízo de Deus. Mas ao redor daquele trono havia um arco-íris. Era, porém, um arco-íris estranho; parecia esmeralda. Esta pedra (a esmeralda) também estava no peitoral do sumo sacerdote, no adorno no “rei de Tiro” e na visão da Nova Jerusalém. É uma pedra verde, a cor que simboliza as promessas de Deus. O arco-íris também faz lembrar as promessas de Deus e, em particular, as promessas dadas, não a um povo privilegiado, mas a toda a humanidade (Gênesis 9:13). Antes de derramar os Seus juízos sobre a terra, Deus mostra o sinal da Sua misericórdia. Em executar juízo, Deus nunca se esquece de misericórdia.

V. 4 — Mas também tens em Sardo algumas pessoas que não contaminaram os seus vestidos, e comigo andarão de branco; porquanto são dignas disso.

Agora a visão se torna mais ampla e João vê em redor do trono de Deus mais vinte e quatro tronos. A mesma palavra que foi usada para descrever o trono de Deus é usada aqui para descrever estes. Isto mostra não somente que Deus governa, mesmo nos dias caóticos da Grande Tribulação, mas também que Ele não governará sozinho. Haverá pessoas associadas com Ele neste governo. Estas pessoas são apresentadas sob a figura de vinte e quatro anciãos.

A palavra “*ancião*” é usada na Bíblia para indicar uma pessoa em posição de liderança ou governo (Gênesis 50:7; Êxodo 3:16). Este grupo de anciãos não são anjos, pois o capítulo seguinte os menciona separadamente dos anjos e dos seres viventes (5:11). O capítulo 7 mostra também que eles não são os salvos do período da Grande Tribulação; veja 7:13, 14.

No lado positivo, vemos que eles estão vestidos de vestidos brancos, indicativo de recompensa pela sua fidelidade (veja 19:8, 14); são vencedores. Além disto, eles têm coroas. A palavra traduzida “*coroa*” não indica a coroa do rei, mas a do vencedor. Tudo isto leva à conclusão que eles são os salvos que serão arrebatados quando o Senhor Jesus vier até aos ares.

O número vinte e quatro é sugestivo. Compare com as vinte e quatro ordens do sacerdócio estabelecidas por Davi (1 Crônicas 24). Os vinte e quatro anciãos de 1 Crônicas 24 eram representantes do sacerdócio todo. Assim, sugiro que vemos nos vinte e quatro anciãos todo o sacerdócio real. Talvez estejam incluídos neste número todos os salvos, desde Abel até ao arrebatamento.

V. 5 — E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardião sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus.

Os relâmpagos, trovões e vozes são símbolos eloquentes dos juízos de Deus. Compare com Êxodo 19:16-19. Note o contraste em Apocalipse 22:1, onde um rio de água da vida procede do trono de Deus. No capítulo 22 é um trono de graça e de bênção, mas aqui vemos um trono temível de juízo.

Veja o comentário sobre os sete Espíritos de Deus em 1:4. Esta figura não nega a unidade do Espírito, mas apresenta a diversidade e a totalidade das Suas operações. Aqui a figura é de sete lâmpadas de fogo ardendo diante do trono, símbolo que reforça a ideia de severidade e da justiça dos juízos de Deus. Compare com Mateus 3:11, 12.

V. 6 — E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás.

Para aproximar-se de Deus no Tabernáculo, era necessário passar pela bacia; no Templo, era necessário passar pelo mar de bronze e por

dez bacias. Isto indicava a necessidade de purificação para poder entrar na santa presença de Deus. Nesta visão, porém, o mar diante do trono é de vidro, pois não há mais necessidade de purificação; os que ali estão são purificados. É como cristal.

A pureza absoluta da santidade envolve o trono. Nenhuma sujeira pode ficar despercebida naquele mar transparente; a luz, emanando do trono e das lâmpadas de fogo, ilumina o mar. É símbolo de pureza absoluta.

O mar, quando usado simbolicamente na Bíblia, indica uma condição instável, mas este é de vidro, simbolizando o que é firme; os propósitos de Deus são imutáveis e nada que contamina poderá entrar ou estragar. Veja também 21:27. Compare com 15:2.

Vemos no meio daquele trono, e ao redor dele, quatro seres viventes. Não são animais. Alguns fatos a respeito deles nos ajudarão a identificá-los:

1 - Gozam da intimidade com o trono de Deus; estão no meio dele e ao redor dele.

2 — Têm uma compreensão muito grande dos propósitos de Deus, pois estão cheios de olhos. Portanto, são criaturas de grande discernimento e inteligência.

Veja mais detalhes no versículo seguinte.

O número quatro indica sua relação com a terra; são os executores dos propósitos de Deus em relação à terra.

V. 7 — E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando.

Esta descrição faz lembrar os querubins de Ezequiel capítulo 1; porém, há certas diferenças. Os querubins de Ezequiel tinham quatro rostos (de homem, de boi, de leão e de águia); no Apocalipse, as figuras são as mesmas, mas cada ser tem apenas um rosto.

Os rostos refletem algo do caráter do Senhor Jesus Cristo; compare com as características do Senhor, como as vemos nos quatro evangelhos. Em Mateus, Ele é o Rei, simbolizado pelo leão; em Marcos, Ele é o Servo de Jeová, simbolizado pelo boi ou bezerro; em Lucas, Ele é o Homem perfeito, simbolizado pelo rosto de homem; em João, Ele é o Filho de Deus, simbolizado pela águia voando nas alturas.

Estas figuras mostram, pela ordem, dignidade, força, inteligência e discernimento.

V. 8 — E os quatro animais tinham, cada um de per si, seis asas, e ao redor, e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo,

Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há de vir.

Este versículo acrescenta mais alguns fatos a respeito destes seres. Cada um tem seis asas e constantemente clama: “*Santo, santo, santo*”. Isto traz à memória a cena de Isaías capítulo 6, quando os serafins, tendo seis asas, clamavam: “*Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos*”.

Há muitas ordens de ministros (tais como anjos, querubins, serafins etc.) em torno do trono de Deus, mas esta, representada pelos quatro seres viventes, parece estar mais próxima de Deus. Veja o v. 6. Embora estas criaturas estejam servindo a Deus em coisas relacionadas com este mundo vil e corrupto, não estão ocupadas com a corrupção; nesta visão ocupam-se com a santidade de Deus. Nisto há uma lição salutar para nós. Enquanto servimos ao Senhor neste mundo pecador, precisamos ocupar-nos constantemente com Ele para não sermos contaminados.

Além de falarem da santidade do Senhor, destacam a Sua eternidade e imutabilidade. Veja comentário sobre isto em 1:4. Compare com 1:8.

Já notamos que estão cheias de olhos “*por diante e por detrás*” (v. 6), mas agora vemos que também estão cheias de olhos por dentro. Isto indica discernimento intrínseco. Elas mostram inteligência quanto às coisas materiais e também quanto às espirituais.

V. 9 — E, quando os animais davam glória, e honra, e ações de graças ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre,

Observe bem a palavra “*quando*”. Ela mostra a liderança destes seres na adoração. Eles dão glória, devido à grandeza da Sua Pessoa; dão honra, devido à Sua posição; dão graças, devido ao Seu amor e Sua graça.

Mais uma vez, destacam-se a soberania e a eternidade do Senhor.

V. 10 — Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo:

Notamos que os seres viventes não descansam, nem de dia, nem de noite (v. 8), ao passo que os anciãos estavam assentados (v. 4) na presença de Deus. Apesar desta diferença, vemos uma harmonia perfeita na adoração celestial.

Os anciãos (os salvos; veja o v. 4) seguem a liderança dos seres viventes e deixam os seus tronos para prostrarem-se perante o Senhor e lançam as suas coroas diante do trono.

A palavra traduzida “*coroas*” indica as do vencedor; portanto, são as recompensas ganhas pela sua fidelidade aqui na terra. A sua adoração não será expressa somente em palavras e sim, pelas dádivas que oferecerão ao Senhor. Que nós possamos servir ao Senhor fielmente aqui na terra para que, naquele dia, tenhamos coroas para oferecer-lhe, como expressão da nossa adoração.

V. 11 — Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade são e foram criadas.

Neste versículo vemos mais um motivo de adoração no céu. Não somente por causa da Sua Pessoa, Sua posição e Seu amor (v. 9), mas também

pelo que Ele fez e faz. Note os dois aspectos do Seu poder aqui:

- 1 – “*Criaste.., foram criadas*” — O que Ele fez.
- 2 – “*Por Tua vontade são...*” — O que Ele faz.

.oOo.

CAPÍTULO 5

O livro e Aquele que venceu para abri-lo

O capítulo 4 mostra algo do poder e da majestade de Deus; agora, no capítulo 5, vemos o poder e a majestade do Cordeiro. No capítulo 4, tudo gira em torno do trono; no capítulo 5, o objeto central é um livro.

Estes dois capítulos são intimamente relacionados, pois ambos apresentam cenas no céu, em preparação para a manifestação das coisas que hão de acontecer na terra. Formam, portanto, a introdução a esta parte do livro (capítulos 4 a 11).

Ainda vemos nestes dois capítulos que o Filho é honrado no céu, assim como o é o Pai. Compare com João 5:23.

ANÁLISE

- 1) O Livro (vs. 1-4);
- 2) O Cordeiro (vs. 5-7);
- 3) O Louvor (vs. 8-14).

COMENTÁRIO

V. 1 — E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos,

O texto grego diz que este livro estava “sobre” a destra de Deus. Compare com as palavras em 1:16; isto indica que o livro Lhe pertence. O livro estava escrito por dentro e por fora — isto é, nos dois lados do rolo — indicando um relatório completo dos propósitos de Deus.

No próximo capítulo veremos que este livro contém os planos de Deus em relação à terra. Mas estava selado. Isto indica que não poderia ser conhecido pelo homem. Havia sete selos; o número indica algo completo. Veja 1:4. O livro estava completamente selado. Até abrirem-se os sete selos, o propósito de Deus permanecerá oculto (a não ser para aquele a quem o Senhor o revela através deste livro); até então, os terríveis juízos são suspensos.

V. 2 — E vi um anjo fone, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?

O livro estava sobre a mão dAquele que estava assentado no trono, como que indicando que estava à disposição de qualquer um que tivesse as qualificações necessárias para abri-lo. Um forte anjo, que não podemos e nem precisamos identificar, lança o desafio e o faz com grande voz para que todos possam ouvir. Observe bem a palavra “digno”. Não é quem quer, nem quem pode, mas quem é digno de abrir o livro. Há requisitos.

V. 3 — E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele.

Este versículo revela o alcance daquela voz; o desafio foi lançado no céu, na terra e até debaixo da terra, ou seja, em todo o universo. Compare com o v. 13. E o resultado foi negativo. Nenhuma das criaturas celestes, nem outra criatura qualquer, possuía os requisitos que a fizessem digna de abrir o livro. A expressão “nem de olhar para ele” não contradiz o v. 1, onde lemos que João viu o livro. Quer dizer que ninguém era digno de olhar para ele no sentido de o perscrutar e entender.

V. 4 — E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele.

A frase “nem de o ler” não consta no texto grego. João chorou. Havia sido levado ao céu para ver as coisas que haviam de acontecer, mas o livro estava selado e não havia ninguém digno de abri-lo. Sentiu-se frustrado. O verbo traduzido “chorava” significa “chorar audivelmente” e não simplesmente “derramar lágrimas”. Ocorre ainda quatro vezes em Apocalipse capítulo 18 (veja comentário sobre 18:9).

V. 5 — E disse-me um dos anciãos: Não chores: eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos.

Foi um anjo que lançou o desafio; foi um dos anciãos (veja comentário sobre 4:4) que veio consolar a João. Sendo humano, ele poderia compadecer-se de João de uma maneira que seria impossível a um anjo.

As lágrimas e os temores de João não eram necessários; o Leão da tribo de Judá foi achado digno de abrir o livro. A lição aqui é simples, mas importante; não é possível entender os propósitos de Deus, a não ser pelo Senhor Jesus Cristo. Primeiramente, porque a mera inteligência humana não entende as coisas de Deus (veja 1 Coríntios 2:14). Além disto, Cristo é a chave de toda a profecia. Se tentarmos interpretar as profecias tendo como centro a Igreja, ou Israel, ou qualquer outro objeto, a não ser o Cordeiro, cairemos em confusão.

Note o verbo “*venceu*”. O direito de abrir o livro é do Senhor Jesus Cristo, não só por mérito das Suas qualificações pessoais, como Deus Filho, mas também pelos méritos adquiridos numa luta travada e numa vitória conseguida.

Este Vencedor é o Leão da tribo de Judá. Compare-se com Gênesis 49:8-10. Neste título vemos a majestade e a autoridade, prerrogativas de um Rei.

Ele é também a Raiz de Davi. Aqui Ele não é o Filho de Davi (veja Lucas 18:39), mas a Raiz de Davi. Não é Aquele que descende de Davi (veja Romanos 1:3), mas Aquele que é a raiz de onde Davi veio. Compare com Mateus 22:41-46 e Apocalipse 22:16. Neste título vemos a Sua eternidade.

V. 6 — E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra.

O ancião falou do Leão que venceu, mas João olhou e viu um Cordeiro, O contraste é mais nítido quando percebemos que a palavra traduzida “*Cordeiro*” é a forma diminutiva: um Cordeirinho. O que o Espírito está destacando é que a vitória não foi alcançada pela força do leão e sim, pela submissão do Cordeirinho.

Além disto, João viu o Cordeiro “*como havendo sido morto*”. Este Vencedor traz, no Seu corpo, as marcas da Sua paixão. Este fato nos faz lembrar que Aquele que venceu e está em pé perante o trono como digno de revelar os propósitos de Deus é o mesmo que foi desprezado e rejeitado na terra. É interessante observar que o Senhor Jesus Cristo aparece como Leão somente uma vez no Apocalipse, mas no mesmo livro aparece 28 vezes como Cordeiro!

Outro detalhe importante é que o Cordeiro está em pé (a Versão Corrigida não traduziu esta palavra). Ele estava assentado no trono de Seu Pai (3:21); agora está em pé, pronto para agir como Executor dos propósitos de Deus.

Os chifres são símbolos do poder; os olhos, de percepção. Sendo sete de cada, a figura apresenta completo poder e percepção; isto é, o Cordeiro é onipotente e onisciente. Veja comentário sobre os sete Espíritos de Deus em 1:4 e referências,

V. 7 — E veio, e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono.

O Cordeiro agora começa a agir como Executor dos propósitos de Deus.

V. 8 — E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.

O ato do Cordeiro tomar o livro tem repercussões imediatas no céu. Esta adoração dos seres viventes e dos anciãos recorda a do capítulo anterior (veja 4:9-11). Note, porém, que no capítulo 4 adoraram Aquele que estava assentado sobre o trono; agora se prostram ante o Cordeiro. No céu, todos honram o Filho como honram o Pai (veja João 5:23).

Os anciãos têm harpas. A palavra traduzida “*todos*” é masculina no texto grego e, portanto, não pode referir-se aos seres viventes. Têm também taças de ouro contendo incensos (no plural, no texto grego), que são as orações dos santos. Não são as suas próprias orações. Os santos no céu estão cantando; os que estão na terra estão orando. Os anciãos estão agindo como sacerdotes.

No Tabernáculo, trombetas de prata eram usadas e parece que a harpa foi introduzida por Davi na adoração pública. É o primeiro instrumento musical mencionado na Bíblia (Gênesis 4:2) e, talvez, por esta razão tenha sido escolhida como símbolo de alegria e de adoração no Apocalipse. Só pode ser entendido simbolicamente aqui, pois seria impossível carregar um incensário cheio de incenso e tocar harpa ao mesmo tempo.

V. 9 — E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o Teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação;

Note a diferença entre este cântico e o do capítulo anterior. Louvaram a Deus, no capítulo 4, pelo Seu poder criador; agora, louvam-no pelo Seu poder redentor.

Veja que a dignidade do Cordeiro não é uma dignidade inerente e divina, mas uma dignidade adquirida pela Sua morte no Calvário.

Há divergência de opinião entre os tradutores quanto à identidade destes que foram comprados. Seriam os próprios anciãos ou seriam outros? As Versões Corrigida e Atualizada têm adotado a terceira pessoa, entendendo que os anciãos não estão cantando a respeito de si mesmos, mas de outros. Para ser coerente com o contexto, me parece que estas versões estão certas. Os anciãos, seguros e salvos na presença do Senhor, estão louvando-O porque, pelo Seu sangue derramado, Ele comprou, de todas as nações, aqueles salvos que ainda estavam na terra, ou seja, aqueles cujas orações estavam apresentando nos incensários. Estes comprados, portanto, seriam os salvos da Grande Tribulação; veja 7:9 e 14:4.

V. 10 — E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.

Veja comentário sobre 1:6. Aqui, como em 1:6, a tradução correta é: “os fizeste reino e sacerdotes”.

Há um detalhe importante neste versículo, que não aparece em 1:6. Aprendemos que estes santos reinarão sobre a terra. Note bem a palavra “sobre”; embora reinando sobre a terra, não estarão na terra e sim, na Nova Jerusalém. Compare com 20:4-6.

V. 11 — E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões e milhares de milhares.

Veja como o cântico de louvor cresce, como que em círculos cada vez maiores. O Cordeiro estava no meio (v. 6) e, ao redor, os seres viventes e os anciãos que estavam louvando (v. 9). Agora, uma multidão incontável de anjos, mais afastados do trono e do Cordeiro, também oferecem o seu louvor. A palavra traduzida “milhões” é literalmente “miríades”.

V. 12 — Que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças.

O Cordeiro é o tema deste cântico evangélico. Reconhecem que Ele é digno. Compare com o cântico do v. 9. Observe que os anjos não falam de redenção no seu louvor (anjos não foram redimidos), mas reconhecem que o poder, as riquezas etc., são do Cordeiro por direito adquirido pela morte. Outra diferença notável é que os anjos usam a terceira pessoa: “Digno é o Cordeiro”, ao passo que os anciãos (os salvos) dirigem o seu louvor diretamente ao Cordeiro: “Digno és” (v. 9).

V. 13 — E ouvi a toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre.

Aqui o círculo de louvor é maior ainda. Ultrapassa os céus e estende-se até a terra e o mar, e até debaixo da terra. Esta última expressão não deve ser confundida com Filipenses 2:10. No texto grego as expressões são diferentes. Filipenses 2:10 refere-se a seres infernais, mas aqui a referência é a criaturas ou coisas debaixo da superfície da terra. Veja o paralelo neste mesmo versículo na referência ao mar. Temos aqui a mesma ideia de Romanos 8:19-22.

V. 14 — E os quatro animais diziam; Amém. E os vinte e quatro anciãos prostraram-se, e adoraram ao que vive para todo o sempre.

O texto grego, na segunda parte deste versículo, diz: “E os anciãos prostraram-se e adoraram”. Este coro de louvor, sempre crescente, começou com estes seres viventes e anciãos (v. 8) e agora, ouvindo as aclamações dos santos, dos anjos e da Criação, os quatro seres viventes dizem: “Amém”. Veja comentário sobre Amém em 1:6. E os vinte e quatro anciãos adoraram.

.oOo.

CAPÍTULO 6

Nos capítulos 4 e 5 vimos cenas no céu, que sucederão ao arrebatamento; agora, a nossa atenção volta à terra para contemplar o que há de acontecer aqui durante o mesmo período. À medida que o Cordeiro vai abrindo os selos, desvenda-se o plano de Deus em relação à terra.

ANÁLISE

- 1) O primeiro selo – vs. 1 e 2;
- 2) O segundo selo – vs. 3 e 4;
- 3) O terceiro selo – vs. 5 e 6;
- 4) O quarto selo – vs. 7 e 8;
- 5) O quinto selo – vs. 9-11;
- 6) O sexto selo – vs. 12-17.

COMENTÁRIO

1) O primeiro selo – vs. 1 e 2.

V. 1 — E, havendo o Cordeiro aberto um dos selos, olhei, e ouvi um dos quatro animais, que dizia como em voz de trovão: Vem e vê.

Que conforto encontramos nas primeiras palavras deste capítulo tão solene; o Cordeiro controla tudo! Nada pode acontecer sem a Sua permissão. Foi somente quando o Cordeiro abriu o selo que o ser vivente pôde dar a ordem.

No capítulo 5, um dos anciãos consolou a João (v. 5); agora, um dos seres viventes dá a ordem.

Note a precisão da Palavra de Deus, pois os anciãos (veja comentário sobre 4:4) têm interesse no povo de Deus, ao passo que os seres viventes são executores dos propósitos de Deus em relação à terra (veja comentário sobre 4:6).

Observe a ordem e a quem foi dada. No texto grego não constam as palavras “*e vê*” do final do versículo; é simplesmente “*vem*”. Não é um convite; é uma ordem, pois foi usada a forma imperativa do verbo. O ser vivente não está convidando João para ver alguma coisa, mas está mandando o cavaleiro entrar em ação.

A voz desse ser vivente parecia voz de trovão; compare com 14:2 e 19:6.

V. 2 — E olhei, e eis um cavalo branco: e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso, e para vencer.

O cavalo é um símbolo bem conhecido de poder, porém, não no mesmo sentido que trono. O trono simboliza a administração do poder já adquirido, mas o cavalo fala da aquisição de poder; é símbolo de força na guerra. Este cavalo é branco, a cor que sugere paz. A arma do cavaleiro não é a espada, mas um arco, que sugere combate à distância. A palavra traduzida “*coroa*” refere-se à coroa do vencedor, não à do rei. Em consequência desta permissão de Deus (dando-lhe a coroa de vencedor), ele saiu vitorioso (isto refere-se às primeiras conquistas) e para vencer (continuação das vitórias).

Esta descrição sugere um período de relativa paz, quando a vitória será obtida e mantida sem muito derramamento de sangue. Falarão em paz e segurança (1 Tessalonicenses 5:3).

Haverá paz em geral, com apenas rumores de guerra; compare com Mateus 24:6. Portanto, este selo refere-se à ocasião quando a besta há de aparecer e, sem violência, tomar o poder e dar ao mundo uma paz (embora falsa). Note o contraste em 19:11, na chegada do verdadeiro Príncipe da Paz; aqui no capítulo 6 temos uma imitação grosseira da manifestação gloriosa do Senhor Jesus.

2) O segundo selo – vs. 3 e 4.

V. 3 — *E, havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem e vê.*

Mais uma vez, vemos como tudo é controlado pelo Cordeiro; o ser vivente só deu a ordem quando Ele abriu o selo. A ordem é simplesmente: “*Vem*”. Veja o comentário sobre o v. 1.

V. 4 — *E saiu outro cavalo, vermelho; e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra, e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.*

Note a expressão usada duas vezes neste versículo: “*foi dado*”. Isto reforça a ideia do controle supremo do Cordeiro. Veja a mesma expressão no v. 2.

A cor do cavalo neste selo sugere guerra e derramamento de sangue e o resto do versículo confirma isto. Ele vai tirar a paz que a besta trouxe no primeiro selo; haverá grande matança e estas guerras não serão distantes, como no primeiro selo, pois a arma do cavaleiro não é o arco e sim, a espada.

Isto indica um período de grandes conflitos e de guerras sangrentas após o curto período da paz que a besta trouxe. Sua paz foi, apenas, uma ilusão amarga. Compare com Mateus 24:7 a.

3) O terceiro selo – vs. 5 e 6.

V. 5 — *E, havendo aberto o terceiro selo, ouvi dizer ao terceiro animal: Vem e vê. E olhei, e eis um cavalo preto e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança na mão.*

O texto grego aqui diz: “*Ouvi dizer o terceiro*” e não “*ouvi dizer ao terceiro*”. Devem ser omitidas também as palavras “*e vê*” (veja comentário sobre o v. 1).

Os símbolos deste terceiro selo são claros; o cavalo é preto e o cavaleiro tem uma balança na mão. É indicativo de um tempo de escassez de alimentos. Compare com Mateus 24:7 b.

V. 6 — *E ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro: e não danifiques o azeite e o vinho.*

Agora ouve-se uma voz diferente. Não é a do ser vivente, mas vem do meio deles, isto é, do trono. Talvez seja a voz do Cordeiro ou daquele que está assentado sobre o trono. Aquele que fala estipula preços e quantidades, confirmando a interpretação do versículo anterior. Nisto vemos outra vez como tudo está sob o controle de Deus.

Uma medida (*choenix*) era a razão permitida a um escravo. Um dinheiro (*denario*) era o salário de um trabalhador por um dia de serviço (compare com Mateus 20:2). Portanto, o trabalho de um dia será o suficiente para comprar o mínimo de alimentos para sobreviver. Não

sobrará nada para os idosos, para os enfermos, para as crianças ou para os desempregados; quem não puder trabalhar, não terá o que comer. Tanto o preço elevado como a balança na mão do cavaleiro sugerem escassez de produto. Em tempos bíblicos, a cevada era o alimento dos escravos e dos cavalos.

Mas, se o alimento básico do trabalhador será escasso e caro, a voz ordena que o azeite e o vinho (o regalo do rico) não sejam danificados. Tudo isto indica um período de fome e de escassez para a classe operária, mas tempos bons para os ricos.

4) O quarto selo – vs. 7 e 8.

V. 7 — E, havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem e vê.

Veja o comentário sobre o v. 1.

V. 8 — E olhei e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra.

Este quarto cavaleiro é identificado; seu nome é Morte. A morte não é uma pessoa e sim, uma condição, e este fato confirma a interpretação dada nos versículos anteriores; os cavaleiros não representam pessoas e sim, condições. O companheiro da morte é Hades (não o inferno, como está nas Versões de Almeida). A morte recebe a parte material (o corpo), ao passo que o Hades recebe a parte imaterial (o espírito e a alma).

Note, mais uma vez, a expressão “foi-lhes dado”; veja comentário sobre isto no v. 4. Mas a sua autoridade tem limites impostos por Deus — podem matar a quarta parte da terra, isto é, dos habitantes da terra.

Note as quatro “armas” — a espada, a fome, a peste e as feras. Compare com os quatro “maus juízos” de Ezequiel 14:21. Observe a ordem lógica destas coisas. A espada (guerra) tira os homens do campo e destrói as plantações. Em consequência lógica e natural, há escassez de alimentos e, conseqüentemente, fome. Isto, por sua vez, leva à desnutrição e à fraqueza, facilitando o aumento de pestilências (doença) e o enfraquecimento resultante torna o homem vulnerável aos ataques das feras, que estão famintas devido às mesmas circunstâncias que trouxeram a fome ao homem. Veja a mesma ordem natural nos quatro selos que temos visto até aqui.

5) O quinto selo – vs. 9-11.

V. 9 — E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da Palavra de Deus e por amor do testemunho que deram.

Na abertura deste selo, a cena muda abruptamente. A sequência de juízos sobre a terra é interrompida para se mostrar mais alguma coisa que se passa no céu. Indiretamente, isto revela que, mesmo nos dias da Grande Tribulação, Deus terá um povo aqui na terra — testemunhas fiéis, apesar da perseguição.

Devido a esta mudança, não ouvimos mais a voz dos seres viventes (são executores dos propósitos de Deus em relação à terra).

Enquanto o mundo estiver sofrendo os horrores dos primeiros quatro selos, os servos de Deus estarão sofrendo ainda mais, pois estarão sendo perseguidos. Muitos deles serão martirizados. Note bem que João vê as almas no céu. Enquanto os corpos apodrecem na terra, estas almas estarão na presença de seu Senhor. Isto é uma prova irrefutável da sobrevivência da alma após a morte, fora do corpo.

Estavam debaixo do altar. Talvez isto fale do sacrifício que ofereceram no seu martírio, mas parece mais provável que seja uma referência ao sacrifício do Cordeiro, que é a base de sua aceitação no céu.

A causa do seu sacrifício foi o seu amor à Palavra de Deus; preferiram morrer a desobedecer esta Palavra. Não só amaram a Palavra, mas falaram dela (seu testemunho). Compare com Atos 5:41 e Apocalipse 12:11.

V. 10 — E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

Estas almas, separadas dos seus corpos, não estavam dormindo, inconscientes; estavam conversando com Deus e recordando o que acontecera com eles na terra. Isto mostra que a alma, ao sair do corpo, não deixa de existir, nem cai na inconsciência. Ela continua a existir fora do corpo, em plena consciência e no pleno exercício de todas as suas faculdades, tais como memória. Compare com Lucas 16:19-31.

Falavam de Deus como o Dominador. Esta palavra ocorre somente aqui no Apocalipse e indica um senhor de escravos. Descrevem este Dominador como verdadeiro e santo, para destacar o contraste com aquele dominador falso e ímpio (a besta), que os havia matado.

Estão pedindo vingança. Este desejo de vingança não é compatível com a atitude cristã (veja Romanos 12:19), mas está perfeitamente de acordo com as normas de conduta do período da Grande Tribulação. Isto mostra que é outra dispensação e confirma a interpretação de que estas coisas acontecerão depois do arrebatamento. Veja a introdução ao Capítulo 4 e compare com 19:2.

A expressão “os que habitam sobre a terra” ocorre diversas vezes neste livro; veja comentário sobre 3:10.

V. 11 — E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram.

As vestes brancas sugerem aprovação de Deus; veja comentário sobre 3:4 e 5. O repouso também indica recompensa de Deus. Observe que este repouso não é inconsciência. A palavra “ainda” indica que já estavam repousando; foi-lhes dito que continuassem nesse estado e, neste estado de repouso, estavam em plena consciência (veja comentário sobre o v. 10).

Foi-lhes dito que repousassem até que se completasse o número de seus conservos. Esta palavra mostra que, mesmo nos momentos mais escuros do aparente domínio da besta, o verdadeiro Dominador é Deus e Ele cumprirá o Seu programa até nos mínimos detalhes. Estes conservos e irmãos que ainda haviam de morrer são mencionados em 3:7 e 15; veja comentário sobre 20:4.

6) O sexto selo – vs. 12-17.

V. 12 — E, havendo aberto o sexto-selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a luz tornou-se como sangue.

Com a abertura deste selo tornamos a contemplar cenas na terra. Muitos vêm neste selo os acontecimentos descritos pelo Senhor Jesus em Mateus 24:29-31. Creio que não é correta tal comparação. Em primeiro lugar, porque as coisas que vemos aqui em Apocalipse 6 precisam ser entendidas simbolicamente. Todos concordarão que os primeiros quatro selos têm que ser interpretados simbolicamente e, conseqüentemente, não podemos interpretar este de outra forma.

Em segundo lugar, porque os acontecimentos mencionados em Mateus 24 acontecerão por ocasião da volta do Senhor Jesus à terra; compare com Joel capítulo 2, com Isaías capítulos 13 e 14 e com Ezequiel 32:7 e 8. Aqui, porém, em Apocalipse 6, ainda não é o fim, pois, após este selo, haverá o sétimo e ainda as séries completas das trombetas e das taças, antes que o Senhor venha.

Este tremor de terra, junto com mudanças no sol e na lua, simbolizam grandes revoluções de âmbito mundial que abalarão toda a estrutura social, política e religiosa, afetando tanto o povo como as autoridades. O sol representa o governo supremo ou central; a lua indica autoridade delegada (veja Gênesis 1:14).

V. 13 — E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.

Este versículo reforça a interpretação simbólica. Visto que a menor estrela conhecida (a de Von Maanem) é do mesmo tamanho da terra (aproximadamente), é óbvio que a queda de estrelas sobre a terra é simbólica. As estrelas representam autoridades menores (Isaías 14:12) ou religiosas (Apocalipse 8:10; 9:1). A figueira, os figos e o vento não precisam ser interpretados; são apenas uma ilustração.

V. 14 — E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.

Aqui temos uma confirmação irrefutável da interpretação bíblica deste trecho. O céu há de retirar-se (veja Hebreus 1:11, 12; 2 Pedro 3:10; Apocalipse 20:11; 21:1), mas isto será depois do Milênio, quando um novo céu tomará o lugar deste. Os montes representam governos estabelecidos (Jeremias 51:25; Daniel 2:35,44) e as ilhas, aqueles centros isolados e independentes (Isaías 41:5; 42:4; 49:1).

Considerando este conjunto de símbolos, vemos que o sexto selo trará um período de anarquia que abalará o mundo inteiro, desmantelando toda a estrutura social. Tradições e leis que davam uma certa estabilidade, desaparecerão.

V. 15 — E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunais, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas;

Vemos agora o resultado do colapso de padrões. O terror se apoderará de todos; o homem será apanhado no seu próprio laço e não haverá onde se refugiar. A menção das cavernas e montanhas prova que não devemos entender os montes do versículo anterior literalmente.

V. 16 — E diziam aos montes e aos rochedos: Cai sobre nós, e escondei-nos do rosto dAquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro;

Compare com Isaías 2:19-21. Nestas palavras não há nenhuma indicação de arrependimento, mas somente o terror e o desespero do condenado que não acha como escapar.

Note como até os homens ímpios associam Aquele que está assentado sobre o trono e o Cordeiro, mostrando como eles sabem, no seu íntimo, que o Cordeiro é Deus Filho.

V. 17 — Porque é vindo o grande dia da Sua ira; e quem poderá subsistir?

Não é Deus que está dizendo que o dia da Sua ira chegou; são os homens maus. E enganam-se. Quando chegar aquele dia, os maus terão perdido o seu temor e lutarão contra o Cordeiro (veja 17:14 e 19:19). Agora, porém, neste sexto selo, a consciência ainda não está totalmente cauterizada e o coração ainda enche-se de medo.

A palavra traduzida “Sua” neste versículo é plural, indicando mais uma vez a divindade do Cordeiro.

CAPÍTULO

7

Este capítulo é um parêntese. Seis selos têm sido abertos, desvendando uma série de acontecimentos decretados por Deus e agora, antes da abertura do sétimo selo, há uma pausa, na qual Deus mostra-nos que Ele sempre age em misericórdia, mesmo no exercício do juízo. Na justiça e na severidade dos juízos dos selos, ainda brilha a graça de Deus em salvação.

ANÁLISE

- 1) Os selados de Israel — vs. 1-8;
- 2) Os salvos de entre os gentios — vs. 9-17.

COMENTÁRIO

1) Os selados de Israel — vs. 1-8

V. 1 — E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma.

Note a repetição do número quatro: quatro anos, quatro cantos, quatro ventos. Quatro é o número que indica algo mundial. O quadro apresentado aqui é o do controle mundial exercido por Deus. Os anjos estão retendo os ventos, impedindo que soprem e danifiquem. A terra e o mar, às vezes, simbolizam Israel e as nações, respectivamente, e o contexto deste capítulo parece indicar que é assim que devemos entendê-los aqui. A árvore é usada na Bíblia como símbolo dos grandes e importantes de entre os homens (Ezequiel 31:3; Daniel 4:20-22). Note o artigo definido “os” quatro ventos. Isto confirma que não são ventos literais, mas quatro juízos de Deus sobre a terra. Talvez sejam os quatro “*maus juízos*” (veja comentário sobre 6:8).

Neste capítulo voltamos cronologicamente, para ver como Deus selou Seus servos antes que os juízos começassem a vir sobre a terra.

V. 2 — E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar,

Aparece agora um outro anjo, vindo do oriente. Quando o homem pecou contra Deus, ele foi para o oriente (Gênesis 3:24); no começo do Novo Testamento, vemos homens buscando a Deus e vieram do oriente (Mateus 2:1). Este anjo vem do oriente, trazendo o selo do Deus vivo. A palavra traduzida “selo” ocorre 16 vezes em o Novo Testamento (13 destas ocorrências estão no Apocalipse), mas não é usada para descrever a marca da besta. Significa que os selados pertencem a Deus; é também uma garantia de proteção. Veja Mateus 27:66; Efésios 1:13; 4:30; 2 Timóteo 2:19; Apocalipse 9:4.

V. 3 — Dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do nosso Deus.

A palavra traduzida “servos” é literalmente “escravos”. Estes selados são selados para servir; são pessoas cujo propósito nesta vida é fazer a vontade do seu Soberano Senhor.

V. 4 — E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel.

Temos agora o número e a nacionalidade dos assinalados. São doze mil de cada uma das doze tribos de Israel. Precisamos entender Israel literalmente neste versículo porque não é um símbolo o que João está vendo, mas é uma explicação que ele está ouvindo. Além disto, o fato de cada uma da doze tribos ser mencionada por nome indica que isto é literal. Comparando com o v. 9, onde vemos uma multidão de gentios de todas as nações, fica óbvio que este primeiro grupo é composto de israelitas, literalmente.

Doze é o número que simboliza a perfeição em governo. Aqui, a repetição constante deste número destaca a perfeição da administração de Deus, mesmo quando a besta está no auge do seu poder. Compare as ocorrências do número doze no capítulo 21.

Vs. 5 a 8 — Da tribo de Judá, havia doze mil assinalados; da tribo de Rubem, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Efraim, doze mil.

As tribos de Dã e de Efraim não são mencionadas nesta lista, embora Efraim esteja incluído, sob o nome de José. No tempo do Velho Testamento, mais do que uma vez, Dã tomou a liderança na idolatria; veja Juízes 18:1-31 e 1 Reis 12:29. Nos dias da Tribulação, uma das provas mais duras será em relação à idolatria, quando o falso profeta há

de ordenar a todos, sob pena de morte, que adorem a imagem da besta. Talvez seja por esta razão que Dã perdeu este alto privilégio.

Isto não quer dizer que Dã será exterminado. Muito pelo contrário, pois vemos que Dã terá lugar na futura distribuição da terra no Milênio (Ezequiel 48:1-32). Portanto, apesar de não ter o privilégio deste selo, filhos de Dã serão salvos durante a Tribulação.

Quanto à função dos selados, só podemos dizer com certeza que eles servirão a Deus (v. 3). Não há menção de um serviço específico, mas parece-nos lógico dizer que serão os pregadores do Evangelho depois do arrebatamento e durante a Tribulação. Por ocasião do arrebatamento, todos os salvos, sem exceção, serão levados ao encontro do Senhor; não ficará nenhuma pessoa salva aqui na terra.

Como, no início da Igreja, o Senhor salvou um judeu por intervenção direta (Saulo de Tarso) e o enviou às nações com o Evangelho, assim também, sem ajuda de homens, Deus salvará, não apenas um judeu, mas cento e quarenta e quatro mil judeus e os enviará às nações para pregarem o Evangelho.

2) Os salvos de entre os gentios — vs. 9-17

V. 9 — Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos:

Neste versículo somos levados para o fim da Tribulação, assim como no parágrafo anterior (vs. 1 a 8) fomos levados ao seu começo. Lá, os cento e quarenta e quatro mil estavam na terra e os juízos de Deus ainda não tinham começado (veja v. 3); aqui, a grande multidão de gentios está no céu, diante do trono e diante do Cordeiro e já passou pela Grande Tribulação (veja v. 14). Os selados do primeiro parágrafo são judeus, mas esta multidão é de todas as nações. Eles têm vestidos brancos (veja comentário sobre 3:4 e 5); também têm palmas, outra figura reconhecida de prêmio, indicando que já saíram da Tribulação; são vencedores.

V. 10 — E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro.

Agora ouvimos o grito de vitória desta multidão. Não é um cântico (como em 5:9), mas um grande brado, dando honra a Deus e ao Cordeiro. Não há o elevado nível de adoração que encontramos no cântico do capítulo 5, mas há profunda gratidão e imensa alegria pela salvação. E tudo isto é oferecido a Deus, que está sobre o trono, e ao Cordeiro. Honram o Filho como honram o Pai; compare com João 5:23. É mais uma prova da divindade do Cordeiro.

V. 11 — E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais: e prostraram-se diante do trono sobre seus rostos, e adoraram a Deus.

O brado de vitória da grande multidão repercutiu entre os anjos que estavam ao redor do trono e, prostrando-se sobre os seus rostos, adoraram a Deus, O seu louvor consiste em sete coisas mencionadas no versículo seguinte.

V. 12 — Dizendo: Amém. Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém.

Esta adoração começa e termina com a palavra Amém; veja comentário sobre “Amém” em 1:6. Compare com a adoração dada pelos anjos ao Cordeiro em 5:12.

V. 13 — E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são e donde vieram?

Um dos anciãos fez a pergunta que, sem dúvida, estava na mente de João. Note que foi um dos anciãos. Estes podiam compartilhar dos sentimentos de João de uma forma que seria impossível aos seres viventes; veja comentário sobre 5:5. A pergunta tem duas partes: “Quem são?” e “Donde vieram?”

V. 14 — E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro.

O próprio ancião que fez a pergunta a responde. Esta grande multidão é de gentios salvos durante a Grande Tribulação. No texto grego lemos: “*vieram da grande tribulação*”. Note bem o artigo definido. Não é simplesmente que vieram de grande tribulação, mas sim, “*da grande tribulação*”; daquela que é conhecida como a Grande Tribulação. Compare com Mateus 24:21.

Vemos ainda como estas pessoas serão salvas: pelo sangue do Cordeiro. Compare com o v. 10. A salvação sempre foi assim e sempre será: pelos méritos do Cordeiro de Deus. No tempo do Velho Testamento, foram salvos pela fé no Salvador que havia de vir; hoje, no dia da graça, somos salvos pela fé no Salvador que já veio. Na Grande Tribulação e no Milênio, a salvação ainda será oferecida e recebida nos mesmos termos.

V. 15 — Por isto estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra.

Muitos pensam que os vs. 15 a 17 descrevem bênçãos terrestres e vêm nestes versículos uma cena terrestre durante o Milênio. Porém devemos observar que esta grande multidão está diante do trono e as circunstâncias não deixam dúvida; veja os vs. 9 e 11; é o mesmo trono

do capítulo 4:2 e, conseqüentemente, a cena é celestial. Vemos a cessação dos sofrimentos que tiveram durante a Grande Tribulação e não há nada nestes versículos que não possa ser entendido num contexto celestial.

É verdade que não haverá noite no céu, mas a expressão “*dia e noite*” foi usada com respeito aos quatro seres viventes no céu (veja 4:8). Aqui significa que a multidão servirá continuamente no Seu templo. É verdade que não há templo na Nova Jerusalém, mas também lemos neste livro do templo de Deus no céu (11:19).

O verbo traduzido “*cobrirá*” é interessante. É formado da mesma raiz que “*tabernáculo*” e ocorre cinco vezes em o Novo Testamento, quatro das quais estão no Apocalipse (7:15; 12:12; 13:6; 21:3); veja comentário sobre este verbo em 13:6.

V. 16 — Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles.

Este versículo expressa de forma negativa a felicidade dos santos. O sofrimento e a privação terão passado para sempre. Compare com Filipenses 1:21 e 23.

V. 17 — Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima.

Neste versículo vemos o aspecto positivo da sua felicidade.

O Cordeiro será o seu Pastor. É um paradoxo impressionante, pois um cordeiro precisa ser apascentado. O Senhor sabe, por experiência própria, das necessidades do Seu rebanho e sabe apascentar (veja Hebreus 2:17; 4:15).

A palavra traduzida “*fontes*” ocorre cinco vezes no Apocalipse (veja 7:17; 8:10; 14:7; 16:4; 21:6). Quando usada simbolicamente, refere-se àquilo que refrigera e sustém a vida. O juízo de Deus atingirá as fontes das águas dos que habitam na terra (8:10 e 16:4), mas o Cordeiro levará os Seus a fontes que nunca serão contaminadas. Compare com 21:6 e com Salmo 23:1, 2.

A expressão “*limpará de seus olhos toda a lágrima*” não quer dizer que os salvos chorarão; muito pelo contrario. É uma maneira mui linda de dizer que Deus satisfará de uma forma tão plena que jamais poderá haver uma lágrima sequer. Veja 21:4.

.oOo.

CAPÍTULO

8

Após o parêntese (capítulo 7), voltamos agora à revelação dos juízos que hão de vir. Inicia-se neste capítulo uma nova série de juízos — a das trombetas.

Note algumas diferenças entre a série dos selos e a das trombetas:

1) Os juízos das trombetas são mais restritos no seu alcance, porém mais intensos no seu efeito. Somente o quarto selo tem uma restrição — a quarta parte da terra (veja 6:8) — mas, nas trombetas, a regra geral é uma terça parte.

2) Nos selos vemos juízos que poderiam ser considerados desastres naturais, se Deus não tivesse avisado que são enviados por Ele, mas nas trombetas é mais evidente que são juízos de Deus. Os homens vão sentir isto e reconhecer que é a mão de Deus. A própria figura (a trombeta) indica isto.

3) O Cordeiro não aparece nos juízos das trombetas; aqui o Senhor Jesus aparece como o Anjo (v. 3). Isto sugere um certo afastamento, como se o Senhor estivesse mais distante do homem e a sua situação fosse, portanto, mais desesperadora.

ANÁLISE

- 1) O sétimo selo; o Anjo e os altares — vs. 1-5;
- 2) As primeiras quatro trombetas — vs. 6 —13.

COMENTÁRIO

1) O sétimo selo; o Anjo e os altares — vs. 1-5

V. 1 — E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora.

Abrindo este último selo, o livro estava totalmente aberto, revelando os propósitos de Deus em relação à terra. Tão terrível foi esta revelação que o céu se calou!

Seja qual for a interpretação exata da meia hora, podemos ver aqui um período de admiração tal que não há como se expressar. Este silêncio é a calma que anuncia um temporal terrível. É a reação do céu diante dos acontecimentos que hão de sobrevir à terra.

V. 2 — E vi os sete anjos, que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas.

Este sétimo selo é uma preparação para esta nova série de juízos.

O texto grego indica que estes anjos estão em pé, como que esperando o momento de entrar em ação. Assistimos neste versículo à

entrega das trombetas e vemos outra vez como tudo e todos têm que aguardar a permissão do Soberano antes de poder agir. Veja comentário sobre 6:1.

A trombeta era usada em Israel para dar aviso e ordens (veja Êxodo 19:16; Números 10:1-10; Joel 2:1; Amós 3:6). O uso deste símbolo aqui indica que o povo entenderá a mensagem; todos saberão que estes acontecimentos são juízos de Deus.

V. 3 — E veio outro Anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono.

Creio que podemos afirmar que, quando lemos sobre o altar sem qualquer qualificação, a referência é ao altar do holocausto. Sendo assim, temos aqui dois altares — o de bronze e o de ouro.

O Anjo está agindo como sacerdote junto aos dois altares; mas não só como sacerdote, mas como sumo sacerdote também, pois o incensário é de ouro, O incensário de ouro pertencia ao santo dos santos (Hebreus 9:3, 4), onde somente o sumo sacerdote tinha o direito de entrar.

Este “Anjo” acrescenta o incenso às orações de todos os santos, tornando-as assim agradáveis e aceitáveis a Deus. Diante deste quadro, creio que este “Anjo” é o nosso Senhor Jesus Cristo. Isto em nada afeta a Sua divindade e a Sua igualdade com o Pai. Este livro do Apocalipse destaca a Sua divindade, mas Ele é apresentado sob diversas figuras.

Quando aparece sob a figura do Cordeiro, não pensamos que Ele está sendo reduzido ao nível de um animal; é uma figura que fala do Seu sacrifício por nós. Quando Ele aparece sob a figura de um Anjo, não podemos pensar que Ele está sendo reduzido ao nível de uma criatura; Ele é o Criador, que nunca foi criado, pois sempre existiu, mas Ele assume esta figura para indicar o Seu afastamento dos homens, por causa dos seus pecados.

No Velho Testamento Ele também assumiu esta figura (veja, por exemplo, Gênesis 22:11-15; 48:16; Juizes 13:18; Isaías 63:9).

V. 4 — E o fumo do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do Anjo até diante de Deus.

A palavra traduzida “incenso” aqui e no versículo anterior é plural. O Senhor mesmo torna as orações e os louvores dos santos aceitáveis e agradáveis a Deus. Veja Hebreus 13:15 e 1 Pedro 2:5.

V. 5 — E o Anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos, e terremotos.

O mesmo incensário que estava cheio de incensos para oferecer a Deus com as orações dos santos foi enchido do fogo do altar e lançado

sobre a terra. As orações dos santos e o derramamento dos juízos de Deus estão intimamente relacionados por meio do mesmo incensário. Naqueles dias, as orações dos santos eram imprecatórias; veja comentário sobre 6:10.

Veja comentário sobre vozes, trovões etc., em 4:5. Estas coisas são apenas as precursoras dos terríveis juízos que agora serão apresentados.

2) As primeiras quatro trombetas — vs. 6—13

V. 6 — E os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las.

Deus não tem pressa. Tudo é preparado e, no momento exato, Ele entra em ação.

A revelação dos juízos das trombetas é caracterizada por muitos símbolos. Há símbolos no livro todo, mas aqui são em maior número e parecem mais misteriosos. É necessário entrar nesta parte do livro com muita cautela, para não permitirmos que a nossa imaginação nos leve além das revelações da própria Palavra. Adotamos o princípio que a própria Bíblia interpreta os seus símbolos; portanto, não vamos sair das suas páginas para descobrir o significado dos símbolos usados.

Creio que não há dúvida quanto ao caráter simbólico destas revelações. Em primeiro lugar, porque temos de ser consistentes; se interpretamos os selos simbolicamente, temos de interpretar as trombetas da mesma forma. Em segundo lugar, porque uma interpretação literal das trombetas nos levaria ao ridículo. Veja especialmente as trombetas do capítulo 9; ninguém ousaria interpretá-las literalmente em todos os seus detalhes.

V. 7 — E o primeiro anjo tocou a sua trombeta, e houve saraiva e fogo misturado com sangue, e foram lançados na terra, que foi queimada na sua terça parte; queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde foi queimada.

Os símbolos no início do versículo são eloquentes — saraiva, fogo e sangue. Saraiva mencionada outra vez em 11:19 e em 16:21.

A terça parte da terra foi atingida. Alguns vêm nestas menções da terça parte uma referência ao mundo ocidental, particularmente ao império da besta, porém não vejo razão convincente para pensar desta forma.

Veja comentário sobre a terra e as árvores em 7:1. A erva verde é símbolo da humanidade na sua fraqueza e pequenez; veja Isaías 40:6-8 e 1 Pedro 1:24.

O quadro apresentado aqui, portanto, mostra um juízo de Deus sobre uma parte das nações (Israel ou governos estabelecidos), afetando

todo o povo comum (a erva verde) e atingindo em parte os seus líderes e os grandes (as árvores).

V. 8 — E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar.

Este juízo atinge a terça parte do mar. Em contraste com a terra (símbolo do que é estável e firme, ou de Israel), o mar representa o que é instável e caótico, ou as nações gentílicas (compare com Isaías 57:20). Veja comentário sobre os montes em 6:14. Neste caso, o monte está ardendo em fogo e lançado ao mar. Jeremias esclarece, usando uma figura muito parecida, ao descrever a queda de Babilônia (veja Jeremias 51:25).

Este conjunto de símbolos, portanto, mostra a queda de uma grande potência que, sendo arrancada do seu lugar e lançada entre as nações, trará ruína para muitos.

V. 9 — E morreu a terça parte das criaturas que tinham vida no mar; e perdeu-se a terça parte das naus.

A queda desta potência trará prejuízos irremediáveis a muitos que tinham vida nestas nações (o mar) e também afetará seriamente o comércio mundial, simbolizado pela perda da terça parte das naus.

V. 10 — E o terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas.

A estrela é símbolo de uma autoridade (não suprema, como o sol, mas subordinada); veja comentário sobre 6:13. Esta estrela, porém, está ardendo como uma tocha; compare com o monte do v. 8. Está sofrendo a ira de Deus. Veja Isaías 14:12. Ela caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas, indicando a influência que esta autoridade caída terá na vida e nas fontes que sustentam e influenciam esta vida. Compare com 7:17, onde os salvos serão guiados a fontes que jamais sofrerão qualquer contaminação. Outras ocorrências de fontes no Apocalipse são: 14:7; 16:4; 21:6.

V. 11 — E o nome da estrela era Absinto, e a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas.

A água, quando usada simbolicamente nas Escrituras, representa nações e povos (Apocalipse 17:15), ou pode simbolizar o refrigerio, como no Salmo 23. Aqui parece claro que é neste segundo sentido que devemos entender o símbolo. A queda deste líder depravado contamina tanto os rios como as fontes. Isto é, ele polui os costumes e padrões da vida, levando muitas pessoas à morte.

Absinto é o nome de uma planta e é usada no Velho Testamento como símbolo de amargura (Lamentações 3:15) e de injustiça (Amós

5:7, onde é traduzida por “alosna”). Talvez ele seja o Iníquo, mencionado em 2 Tessalonicenses 2:8, mas não há provas conclusivas a este respeito.

V. 12 — E o quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas; para que a terça parte deles se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente a noite.

Neste juízo, as autoridades (supremas e delegadas) são atingidas na sua terça parte. Veja comentário sobre sol, lua e estrelas em 6:12, 13. Obscurecendo uma parte da liderança do mundo, as consequências serão terríveis para a humanidade.

Este versículo não pode ser entendido literalmente, porque o efeito do escurecimento de uma terça parte do sol, da lua e das estrelas não seria o escurecimento de uma terça parte do dia e da noite e sim, uma diminuição na intensidade da luz.

V. 13 — E olhei, e ouvi um anjo voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! ai! dos que habitam sobre a terra! por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que não de ainda tocar.

O texto grego aqui diz: “uma águia voar”. A mensagem da águia é introduzida pela palavra “ai” três vezes (não apenas duas, como na Versão Corrigida).

Veja comentário sobre os que habitam sobre a terra em 3:10.

As primeiras quatro trombetas foram introduzidas por vozes, trovões, relâmpagos e terremotos (v. 5), mas as últimas três trombetas trarão juízos tão terríveis que Deus as classifica como “ais” e envia a águia voando pelo meio do céu, anunciando estas calamidades. A expressão “o meio do céu” ocorre somente três vezes no Apocalipse (veja também 14:6 e 19:17).

No Velho Testamento, a águia simboliza opressão rápida (veja Deuteronômio 28:49; Oseias 8:1; Habacuque 1:8). Foi considerada imunda (Levítico 11:13) e, portanto, é um símbolo apropriado para anunciar estes três “ais”.

.oOo.

CAPÍTULO 9

Neste capítulo, os juízos das trombetas continuam.

ANÁLISE

- 1) A quinta trombeta — vs. 1-12.
- 2) A sexta trombeta — vs. 13-21.

COMENTÁRIO

1) A quinta trombeta — vs. 1-12

V. 1 — *E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo.*

A quinta trombeta é o primeiro ai (8:13 e 9:12).

Veja comentário sobre “estrela” em 6:13. Compare com a terceira trombeta (8:10), quando uma estrela caiu do céu. Há uma diferença importante que devemos observar aqui. Na terceira trombeta, João viu a estrela cair do céu; o anjo tocou a trombeta e a estrela caiu.

Agora, porém, na quinta trombeta, João não vê a estrela cair. O texto grego diz: “*vi uma estrela do céu tendo caído sobre a terra*”. Note bem a forma do verbo: “*tendo caldo*”. João viu uma estrela que tinha caído. Bem pode ser a mesma pessoa em ambos os versículos. Ao tocar a terceira trombeta, este dignatário caiu e, ao tocar a quinta trombeta, João vê outra vez o mesmo dignatário apóstata.

Comparando as atividades nos dois casos, vemos que ambos operam na esfera espiritual e a aparente diferença pode ser explicada pelo fator tempo. Nos dias da terceira trombeta, os efeitos do trabalho deste iníquo trarão morte para muitos, mas, no tempo da quinta trombeta, numa fase mais avançada do seu trabalho maligno, muitos procurarão morrer e não poderão. Se estas duas estrelas representam a mesma pessoa, seria a besta que sobe da terra (13:11). Veja Isaías 14:12.

O fato de ser-lhe dada uma chave confirma que temos de interpretar isto simbolicamente, pois uma “estrela” (literal) não poderia receber uma “chave” (literal).

Veja comentário sobre “chaves” em 1:18.

A palavra traduzida “abismo” ocorre nove vezes em o Novo Testamento, das quais sete estão no Apocalipse (Lucas 8:31; Romanos 10:7; Apocalipse 9:1, 2, 11; 11:7; 17:8; 20:1, 3). Não significa o inferno onde estão aqueles que morrem sem a salvação, nem significa o lago de fogo, onde os perdidos sofrerão eternamente, mas é o lugar onde os demônios podem ficar presos (Lucas 8:31) e onde Satanás ficará preso durante o Milênio (Apocalipse 20:1 -3).

Esta chave que a estrela recebeu é a do poço do abismo; isto é, do poço que leva ao abismo.

V. 2 — E abriu o poço do abismo, e subiu fumo do poço, como o fumo de uma grande fornalha, e com o fumo do poço escureceu-se o sol e o ar.

Recebendo autoridade para abrir o poço (não poderia agir sem a permissão de Deus), este apóstata não perdeu tempo.

O fumo escureceu o sol e o ar. O fumo é mencionado doze vezes no Apocalipse e somente uma vez (Atos 2:19) no resto do Novo Testamento.

Simboliza influências, provenientes do poço do abismo, que obscurecem os sentidos. Veja comentário sobre “sol” em 6:12. Estas influências escurecem a autoridade máxima de tal forma que o ambiente moral e social é afetado; a humanidade torna-se cega quanto aos valores morais e espirituais.

V. 3 — E do fumo vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra.

Além do fumo que escurece, vêm gafanhotos do poço. O contexto deixa claro que são demônios; são descritos como gafanhotos porque estes destroem toda a erva verde (figura do ser humano na sua fragilidade; veja comentário sobre 8:7). Foi dado a estes demônios poder como o dos escorpiões; isto é, um poder para atormentar os homens com grandes sofrimentos.

V. 4 — E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm nas suas testas o sinal de Deus.

Estes gafanhotos não são literais, pois não atacam ervas, verduras ou árvores, e sim, os homens que não têm o sinal de Deus. Veja comentário sobre este sinal em 7:3. Note também mais esta evidência do controle de Deus, mesmo durante o reinado da besta. Deus impõe limites à atividade dos demônios: não podem tocar os Seus servos.

V. 5 — E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem.

Aqui vemos ainda mais limites impostos por Deus. Os demônios podem atormentar os homens que não têm o sinal de Deus, mas não podem matá-los; e têm apenas cinco meses para assim agir. Se interpretarmos os cinco meses literalmente ou simbolicamente o resultado é o mesmo; indica um período limitado. Parece-nos, porém, que, a partir do capítulo quatro, os tempos mencionados no Apocalipse devem ser entendidos literalmente.

O verbo traduzido “atormentassem” é usado para descrever os sofrimentos de um enfermo (Mateus 8:6); para descrever os tormentos que demônios terão de sofrer (Mateus 8:29); para descrever um barco

“açoitado” pelos ventos, jogado de um lado ao outro à mercê das ondas (Mateus 14:24); para descrever a fadiga dos discípulos, remando contra ondas e ventos (Marcos 6:48); para descrever a angústia de alma que Ló sofria, vendo o pecado de Sodoma (2 Pedro 2:8).

Estas ocorrências do verbo mostram o que significa a palavra e revelam o que os homens terão de sofrer durante estes cinco meses. Dores físicas e mentais que os jogarão do um lado a outro, numa agitação interminável, deixando-os afadigados; porém, estarão impossibilitados de descansar.

O substantivo “*tormento*” ocorre somente no Apocalipse; veja também 14:11; 18:7, 10, 15.

V. 6 — E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles.

Tão grandes serão estes tormentos que os homens buscarão a morte, mas não a acharão. Serão totalmente dominados pelos demônios, ao ponto de não poderem escapar, nem pela morte.

V. 1 — E o parecer dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre as suas cabeças havia umas como coroas semelhantes ao ouro; e os seus rostos eram como rostos de homens.

As três figuras destes versículos são expressivas. Mostram mais aspectos das suas atividades. Na figura dos cavalos aparelhados para a guerra vemos a sua beligerância e ferocidade. As coisas que pareciam coroas semelhantes ao ouro mostram a sua aparente vitória, pois estas são coroas de vencedores. Mas não são reais; são parecidas com coroas; não são de ouro, mas semelhantes ao ouro. Os rostos, como os de homens, indicam a sua inteligência.

V. 8 — E tinham cabelos como cabelos de mulheres, e os seus dentes eram como de leões.

A descrição destes demônios continua, mostrando agora cabelo como o de mulher; o cabelo comprido da mulher é uma glória para ela (1 Coríntios 11:15). Em seguida, vemos dentes como os de leão; dentes que devoram e inspiram medo. Estas figuras mostram que haverá algo nestes demônios que atrairá, porém a sua crueldade encherá de medo.

V. 9 — E tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate.

Vemos nestas figuras a sua invulnerabilidade diante de qualquer inimigo humano, pois vestiam couraças como de ferro. Além disto, vemos que caracterizam-se pela velocidade ou agitação (as asas) e muito barulho e confusão (o ruído de muitos carros, puxados por cavalos correndo para o combate).

V. 10 — E tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses.

A pontuação neste versículo na Versão Corrigida não está certa. Para traduzir o texto grego, teríamos de mudar a posição do ponto e vírgula, lendo assim: “*semelhante às dos escorpiões, e aguilhões; e nas suas caudas têm poder [autoridade] para danificar*”. Veja a Versão Atualizada.

A cauda é uma figura usada no Velho Testamento para simbolizar falsos profetas (veja Isaías 9:15). O ensino destes demônios será uma causa direta de grandes sofrimentos para os homens daquele tempo. Compare com 1 Timóteo 4:1. Esta aflição, porém, será limitada a cinco meses (veja comentário sobre o v. 5).

O verbo traduzido “*danificar*” ocorre dez vezes no Apocalipse (2:11; 6:6; 7:2,3; 9:4, 10, 19; 11:5, 5; 22:11). Pelo seu uso nestes versículos podemos formar uma ideia da intensidade do sofrimento causado por estes falsos ensinadores. Este verbo é composto de “a” (indicando um negativo) e “dikeo”, que significa justiça.

V. 11 — E tinham sobre si rei, o anjo do abismo; em hebreu era o seu nome Abadom, e em grego Apoliom.

Completando a descrição destes demônios e das suas atividades, aprendemos agora que eles têm rei. Note o contraste interessante com os verdadeiros gafanhotos (Provérbios 30:27). O nome deste rei é dado aqui em duas línguas; na língua hebraica é Abadom e na língua grega é Apoliom. Traduzido para a língua portuguesa, este nome é Destruidor. O nome é dado nestas duas línguas porque o alcance destas atividades será mundial; tanto o judeu como o grego sofrerão os seus tormentos.

Este rei é chamado de “*anjo do abismo*”. Devido a este fato, alguns o identificam com a estrela caída (v. 1) que recebeu a chave do poço do abismo. Creio, porém, que ninguém, senão o próprio Satanás, poderá ser descrito como rei destas hordas de demônios.

V. 12 — Passado é já um ai; eis que depois disso vêm ainda dois ais.

A severidade destes ais é tanta que temos agora mais uma pausa antes que venha o segundo. E na pausa, mais um comentário divino, aumentando a solenidade do momento; veja 8:13. Deus anuncia que o primeiro ai tem passado, mas esta notícia não traz alívio àquele povo atormentado, pois o aviso é claro: ainda vêm mais dois ais.

2) A sexta trombeta — vs. 13-21

V. 13 — E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro, que estava diante de Deus.

A sexta trombeta é o segundo ai.

Note que esta voz vem do altar de ouro. Este é o altar de incenso, de onde subiam a Deus as intercessões de Seu povo. Veja comentário sobre 8:3. Compare com as intercessões de 6:10.

A voz vem das quatro pontas do altar. Quatro indica aquilo que é mundial. A voz fala com todo o poder das intercessões dos santos do mundo inteiro.

V. 14 — A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos, que estão presos junto ao grande rio Eufrates.

A ordem dada aqui diz respeito a quatro anjos específicos — note o artigo definido: “os quatro anjos”. O número quatro indica o alcance mundial da ação feita por estes anjos (veja comentário sobre quatro no v. 13). A palavra traduzida “*estão presos*” é um participio perfeito no texto grego, o que indica um ato no passado cujos efeitos continuam no presente. Isto quer dizer que estes quatro anjos foram presos e continuam presos no grande rio Eufrates.

Este rio é mencionado na Bíblia pela primeira vez em Gênesis 2:14 e é a fronteira oriental da terra prometida à descendência de Abraão (Gênesis 15:18). Na história, tem sido a grande fronteira entre os impérios ocidentais e os povos do oriente. Embora mencionado com certa frequência no Velho Testamento (19 vezes), ocorre somente duas vezes em o Novo Testamento; veja Apocalipse 16:12.

V. 15 — E foram soltos os quatro anjos, que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens.

A palavra traduzida “*estavam preparados*” é um participio perfeito no texto grego (veja comentário sobre isto no v. 14), indicando que Deus preparou estes anjos e estão atualmente em estado de prontidão. Note também o artigo definido: “*a hora*”. Foram preparados para uma ocasião específica, por Aquele onisciente Soberano que tudo sabe e que tudo controla. No momento exato, serão liberados para entrarem em ação.

A sua tarefa será a de matar a terça parte dos homens! Contraste a proibição de matar durante o primeiro ai (v. 5). Veja as de seis ocorrências de “*terça parte*” no capítulo 8 (vs. 7, 8, 9, 10, 11, 12).

V. 16 — E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles.

Uma vez que os anjos são soltos, aparece este grande exército. Não há dúvida que se trata de obra destes anjos.

O exército é descrito como um de cavaleiros, mas os versículos seguintes, que descrevem os mesmos, bem como os seus cavalos, deixam bem claro que não são literalmente cavalos nem cavaleiros; é mais um símbolo. Entendido literalmente ou simbolicamente, indica um exército enorme, praticamente incontável.

V. 17 — E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo e fumo e enxofre.

A primeira coisa mencionada na descrição são as couraças. A palavra traduzida “*couraça*” é usada duas vezes em o Novo Testamento, fora do Apocalipse. Lemos da couraça da justiça (Efésios 6:14) e da fé (1 Tessalonicenses 5:8). No Apocalipse ocorre só no capítulo 9; compare com o v. 9.

Os gafanhotos do primeiro ai tinham couraças de ferro; estes cavaleiros do segundo ai têm couraças da cor de fogo, jacinto e enxofre. Estas três palavras (fogo, jacinto e enxofre) são adjetivas no texto grego, indicando a cor ou aparência das couraças.

Compare com o fim deste versículo, onde vemos sair fogo, fumo e enxofre das bocas dos cavalos. O que sai das bocas dos cavalos se reflete nas couraças dos cavaleiros.

As cabeças como de leões (compare com os dentes do v. 8) sugerem ferocidade e domínio.

V. 18 — Por estas três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é. pelo fogo, pelo fumo, e pelo enxofre, que saía das suas bocas.

A terça parte foi mencionada no v. 15. Agora aprendemos como esta multidão será morta. A arma mortífera será o que sai da boca dos cavalos.

O fogo ocorre frequentemente no Apocalipse e é uma figura conhecida de juízo. Veja comentário sobre o “*fumo*” em 9:2 e sobre o “*enxofre*” em 19:20.

Veja comentário sobre praga em 15:1.

V. 19 — Porque o poder dos cavalos está nas suas bocas e nas suas caudas. Porquanto as suas caudas são semelhantes a serpentes, e têm cabeças, e com elas danificam.

Temos mais figuras expressivas neste versículo. O poder ofensivo destas criaturas está na sua boca — figura daquilo que elas falam, as suas ordens ou seus ensinamentos. Está também nas suas caudas. Veja comentário sobre “*cauda*” no v. 10. Note também o singular “*boca*” e o plural “*caudas*”. Os falsos profetas serão muitos, mas a sua mensagem será uma só. Estas caudas são semelhantes a serpentes, figura clara que indica a sua astúcia diabólica (veja comentário sobre 12:9). E as caudas têm cabeças, indicando inteligência ou autoridade (veja Isaiás 9:14, 15).

Veja comentário sobre o verbo “*danificar*” no v. 10.

V. 20 — E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras das suas mãos, para

não adorarem os demônios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar.

Os outros homens são os dois terços que não morreram neste ai. Os servos de Deus, é claro, não entram nesta contagem. Estes homens do mundo, que sobreviveram, não se arrependeram. O sofrimento não amoleceu os seus corações rebeldes; compare com Faraó (Êxodo 7:22; 8:15; 9:7 etc.). Veja também Apocalipse 16:9, 11.

Veja comentário sobre pragas em 15:1.

As obras de suas mãos são explicadas como adoração aos demônios e aos ídolos. Veja a relação entre demônios e ídolos em 1 Coríntios 10:19-21. Os demônios vêm, ouvem e andam, mas os ídolos não fazem nada. Compare com o Salmo 15:4-8. A relação de vários tipos de ídolos, desde os de ouro até os de madeira, indica a participação de todas as classes, desde os mais ricos até os mais pobres.

V. 21 — E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem das suas ladroíces.

Mais uma vez, Deus repete que não se arrependeram; veja o v. 20 e compare a repetição no capítulo 16 (veja os vs. 9 e 11).

No versículo 20 notamos o aspecto religioso das suas obras; agora vemos a prática que tal religião produziu. Nos homicídios, vemos a violência; nas feitiçarias, vemos a influência das drogas. Esta palavra (*pharmakia*, no grego) ocorre somente três vezes em o Novo Testamento (Gálatas 5:20; Apocalipse 9:21; 18:23); dois substantivos da mesma raiz se encontram em Apocalipse 21:8 e 22:15. Primeiramente, a palavra indicava o uso na medicina, mas passou a ser usada na feitiçaria quando as drogas, amuletos, talismãs e coisas semelhantes foram usados juntamente com apelos a poderes ocultos. Na prostituição, vemos a sua imoralidade e nas ladroíces, a sua desonestidade.

.oOo.

CAPÍTULO 10

Este capítulo, junto com os primeiros catorze versículos do capítulo seguinte, formam mais um parêntese; compare com o capítulo 7.

Entre o sexto e o sétimo selos vimos uma intervenção de Deus em misericórdia; foi o primeiro parêntese. Agora, entre a sexta e a sétima

trombetas, vemos mais uma intervenção de Deus; desta vez, porém, em juízo; é o segundo grande parêntese.

ANÁLISE

- 1) O anjo e o livrinho (vs. 1-7);
- 2) João e o livrinho (vs. 8-11 |).

COMENTÁRIO

V. 1 — E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo:

Mais uma vez o Senhor se apresenta na figura de um anjo; veja comentário sobre o “Anjo” em 8:3. A nuvem é símbolo da presença de Deus (Êxodo 16:10; 19:9; 24:16; 1 Reis 8:10 etc.).

O arco-íris é o símbolo da misericórdia de Deus e o sinal da Sua aliança com a terra; veja comentário sobre 4:3. O Seu rosto era como o sol; veja comentário sobre 1:16. Compare a descrição dos pés com a de 1:15.

No capítulo 8, quando o Senhor apareceu na figura de um anjo, Ele apresentou as características de um sumo sacerdote (veja 8:3-6). Agora, novamente, usando a figura de um anjo, Ele mostra os símbolos de Sua majestade.

V. 2 — E tinha na sua mão um livrinho aberto, e pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra;

Note o contraste com 5:1, onde havia um livro selado sobre a mão daquele que estava assentado sobre o trono. O livro que agora vemos é menor; é um livrinho. Não está selado; está aberto. Está na mão do Anjo.

O primeiro livro continha os propósitos de Deus em relação à terra, mas era impossível ao homem entendê-lo, a não ser através do Cordeiro que venceu para abrir o livro. Agora, porém, é diferente. Este livrinho está aberto e perfeitamente compreensível ao homem. É por esta razão que, a partir de agora, não encontramos mais os enigmáticos gafanhotos que têm rei, nem os misteriosos cavalos e cavaleiros. Agora veremos a mão de Deus operando sobre os homens de uma forma tal que fica patente que é Ele mesmo que está agindo.

Ele coloca um pé sobre o mar e o outro sobre a terra. Por este ato simbólico, o Senhor assume o Seu direito de Soberano sobre as nações (“o mar”) e sobre Israel (“a terra”). Mesmo se interpretarmos o mar e a

terra literalmente, o resultado é o mesmo; Ele é o Soberano do mundo inteiro.

V. 3 — E clamou com grande voz, como quando brama o leão: e havendo clamado, os sete trovões fizeram soar as suas vozes.

Várias vezes no Velho Testamento, a voz do Senhor tem sido comparada ao bramido do leão (veja Oseias 11:10 e Amós 3:8). Aqui ouvimos o bramido do Leão da tribo de Judá. O trovão também é figura da voz do Senhor, quando fala em juízo (veja 1 Samuel 7:10). Estes trovões eram vozes inteligíveis. A palavra “voz” ocorre seis vezes neste capítulo (vs. 3, 3, 4, 4, 7, 8) e refere-se a algo compreensível (veja especialmente o v. 4).

V. 4 — E, sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escrevê-las, e ouvi uma voz do céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões falaram, e não o escrevas.

João entendeu a voz dos sete trovões e ia escrever a sua mensagem, como havia feito com os selos e como estava fazendo com as trombetas. Estes sete trovões são, obviamente, mais uma série de sete juízos divinos, mas não podem ser revelados.

Foi mandado a João que selasse estas mensagens e não as escrevesse; compare com Daniel 12:4. Note o contraste com o livrinho aberto do v. 2. Compare a proibição a Paulo em 2 Coríntios 12:4. Provavelmente se trate de juízos tão terríveis que não podiam ser revelados. O verbo traduzido “sela” é o mesmo que ocorre 15 vezes no capítulo 7.

V. 5 — E o Anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a sua mão ao céu,

O texto grego diz: “levantou a sua mão direita”.

V. 6 — E jurou por Aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e tudo o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora;

O Anjo jurou pelo Criador Eterno; compare com Hebreus 6:13. A iniquidade das nações já se completou; a paciência de Deus já chegou ao limite; não haveria mais demora. A palavra traduzida “demora” indica tempo ou duração; é traduzida “tempo” em 6:11 e em 20:3.

Esta afirmação não quer dizer que chegou o fim do mundo. Haverá ainda mais mil anos do reino de Cristo sobre a terra, mas o Anjo está declarando que não há mais tempo para Deus esperar; chegou a hora de agir.

V. 7 — Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas. Seus servos.

O texto grego diz: “o mistério de Deus” em lugar de “segredo de Deus”. O grande mistério deste tempo presente é que Deus permite as

atividades de Satanás e os aparentes sucessos do mal. Mas, quando o sétimo anjo tocar a sua trombeta, este tempo de mistério se cumprirá; não haverá mais demora (v. 6). Note bem o plural: “*nos dias da voz*”. Neste período tudo isto se cumprirá. Veja outras ocorrências do verbo traduzido “*cumprirá*”:

a) 15:1 — “*é consumada a ira de Deus*”;

b) 15:8 — “*até que se consumassem as sete pragas*”;

c) 17:7 — “*até que se cumpram as palavras de Deus*”.

Compare também com a palavra do anjo em 16:17 — “*está feito*” — onde outro verbo é usado, mas a ideia é a mesma.

Deus havia anunciado aos profetas, Seus servos, que haveria um reino de justiça e de paz aqui no mundo. Satanás não terá então liberdade para agir e o mal não vencerá. Veja Isaías 11:1-16. A palavra traduzida “*servos*” significa “*escravos*”.

V. 8 — E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo, e disse: Vai e toma o livrinho aberto da mão do Anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra.

Há uma pequena mudança aqui. No v. 2 lemos de um livrinho aberto, mas agora o texto grego diz: “*toma o livro aberto*” (não “*livrinho*”, como na Versão Corrigida). O resto do versículo repete os fatos mencionados no v. 2; veja comentário.

V. 9 — E fui ao Anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como o mel.

João obedeceu. Uma ordem tinha sido dada (v. 8) e, quando João obedeceu, ele recebeu outra ordem (“*toma-o e come-o*”), juntamente com uma explicação. Nisto há uma lição para o cristão. Deus não nos revelará mais da Sua vontade enquanto não obedecermos o que Ele já nos revelou. Compare com 1:1.

A explicação dada a João foi que o livrinho (o texto grego torna a usar a forma diminutiva) seria doce ao paladar, mas, amargo ao seu estômago. Receber as revelações dos propósitos de Deus é sempre doce para o servo de Deus, mas, à medida que ele reflete e medita, elas trazem uma profunda tristeza, pois ele percebe as calamidades que ainda sobrevirão a este mundo. Compare com as lágrimas do Senhor Jesus, prevendo a ruína de Jerusalém (Lucas 19:41). Compare também com Ezequiel 2:9-3:3.

V. 10 — E tomei o livrinho da mão do Anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo.

João continua obedecendo e prova a realidade daquilo que o Senhor havia falado. Compare com Jeremias 15:16.

V. 11 — *E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis.*

No texto grego, o primeiro verbo deste versículo está na forma plural: “*e disseram-me*”. Mesmo que não esteja claro quem são estes que disseram isto a João, está perfeitamente claro que ele teria de profetizar outra vez. Desde o capítulo 4 até este ponto ele tem profetizado, mostrando o que há de acontecer entre o arrebatamento e a vinda do Senhor Jesus à terra.

Agora ele ouve que é necessário que ele profetize outra vez, e isto ele o faz no restante do livro, tornando a falar do mesmo período de tempo; mas, desta vez, focalizando a nossa atenção em certas pessoas e organizações que hão de se destacar naqueles dias.

.oOo.

CAPÍTULO 11

O capítulo 11 completa a primeira parte da revelação das “*coisas que depois destas hão de acontecer*”. Veja a análise na Introdução à terceira parte do livro. Encontraremos aqui, portanto, os últimos acontecimentos daquele período.

Este capítulo é também introdutório, preparando-nos para as profecias que virão no resto deste livro. Por exemplo, encontramos aqui, pela primeira vez, a besta (v. 7), que ocupará tanto espaço nos capítulos seguintes.

ANÁLISE

- 1) A continuação do parêntese- vs. 1-14;
 - a) O templo e o átrio — vs. 1 e 2;
 - b) As duas testemunhas — vs. 3-12;
 - c) O grande terremoto — vs. 13 e 14;
- 2) A sétima trombeta — vs. 15-19.

COMENTÁRIO

1) A continuação do parêntese — vs. 1-14

a) O templo e o átrio — vs. 1 e 2

V. 1 — *E foi-me dada uma cana semelhante a chegou o anjo, e disse: Levanta-te, e mede o templo altar, e os que nele adoram.*

As palavras “*e chegou o anjo*” não constam do texto grego. Provavelmente foram acrescentadas para solucionar um suposto problema, pois o texto indica que a cana falou a João. Veja comentário sobre 16:7, onde o altar falou. Devemos lembrar que João está vendo símbolos; o fato das pessoas que adoram no templo terem de ser medidas é uma prova irrefutável que tudo isto é simbólico. O ato de medir indica que Deus está apropriando o templo, o altar e os adoradores para Si. Compare com Zacarias 2:1-5; Ezequiel 40:3; Apocalipse 21:15-17.

A palavra traduzida “*templo*” refere-se ao santo dos santos; veja comentário sobre 3:12. O altar é o de bronze; veja comentário sobre 8:3. Os adoradores são aqueles que buscam a Deus, em contraste com os que habitam na terra e adoram a besta (veja 13:8).

V. 2 — E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses.

O átrio não deveria ser medido; o Senhor não o requereria para Si, por enquanto. Foi dado aos gentios, mas por prazo limitado. Esta figura mostra que Deus reservará para Si um remanescente no meio da apostasia geral da nação de Israel. Compare com 1 Reis 19:18.

Este período de quarenta e dois meses é mencionado várias vezes e de várias maneiras. É descrito como mil duzentos e sessenta dias em 11:3 e em 12:6, e como um tempo e tempos e metade de um tempo em 12:14 e em Daniel 7:25 e 12:7. É um período de três anos e meio, ou seja, a metade da “*semana*” que ainda está para se cumprir da visão de Daniel 9:24. Durante este período, Jerusalém será pisoteada pelos gentios. Veja Iaiás 28:17-22. Será o tempo da angústia para Jacó (Jeremias 30:7).

b) As duas testemunhas — vs. 3-12

V. 3 — E darei poder às Minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco.

A palavra “*poder*” não está no texto grego, mas parece necessária para completar o sentido em português. Alguns acham que as duas testemunhas simbolizam o remanescente fiel de Israel (veja o v. 1), mas o seu arrebatamento (v. 12) mostra que esta suposição não é correta. Se fosse certa, não ficaria nenhum israelita salvo para entrar no Milênio; parece mais coerente com o contexto (e com as demais profecias) entender literalmente as duas testemunhas. São chamadas de profetas (v. 10); profetizarão durante mil duzentos e sessenta dias.

Contando o mês profético de trinta dias, este período é igual ao de quarenta e dois meses do versículo anterior. Enquanto os gentios estarão pisoteando o átrio do templo, as duas testemunhas estarão

profetizando. Mas o Senhor dá tanto valor ao testemunho dos Seus servos que conta o tempo dia a dia; não diz quarenta e dois meses, mas mil duzentos e sessenta dias.

Vestir-se de saco nos tempos do Velho Testamento indicava grande tristeza; a primeira menção disto na Bíblia é Gênesis 37:34. Estes dois profetas darão o seu testemunho com grande tristeza; compare com as lágrimas do Senhor Jesus em Lucas 19:41.

V. 4 — Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra.

As duas figuras usadas aqui (a oliveira e o castiçal) indicam testemunho. Compare com Zacarias 4:1-14, onde o profeta viu um castiçal e duas oliveiras; veja também como Zacarias fala do Senhor de toda a terra (v. 14). Estas semelhanças indicam que as figuras aqui devem ser interpretadas à luz de Zacarias 4. Veja comentário sobre “castiçal” em 1:12.

As últimas palavras do versículo no texto grego são: “o Senhor da terra” e não “o Deus da terra”, como na Versão Corrigida.

V. 5 — E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca, e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto.

Um poder sobrenatural será concedido a estas duas testemunhas, que lhes dará uma proteção total. Veja o contraste com o poder sobrenatural concedido aos primeiros cristãos — poder para curar; as duas testemunhas terão poder para danificar. Compare com Elias (2 Reis 1:10), mas note a diferença: Elias mandou descer fogo do céu, mas no caso destas testemunhas o fogo sairá da sua boca. Quem tentará imitar Elias é o falso profeta (veja 13:13).

Tudo isto confirma que a Igreja não estará na terra naqueles dias. Veja comentário sobre 6:10. Compare com a atitude de Tiago e de João (Lucas 9:54, 55).

V. 6 — Estes têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue, e para ferir a terra com toda sorte de pragas, todas quantas vezes quiserem.

A autoridade que as duas testemunhas possuirão faz lembrar Elias e Moisés. Elias fechou o céu durante três anos e meio (1 Reis capítulos 17 e 18; Tiago 5:17); estes terão autoridade para fazer o mesmo durante período igual (v. 3). Moisés, lá no Egito, converteu água em sangue (Êxodo 7:20) e feriu a terra com pragas; estes terão autoridade para fazer o mesmo em escala bem maior.

Não devemos pensar, porém, que serão Elias e Moisés. Semelhança nas obras não quer dizer que serão as mesmas pessoas. Como João Batista era o Elias que havia de vir (Mateus 11:14), mas não era o homem Elias (João 1:21), assim estas duas testemunhas mostrarão o poder que foi visto em Moisés e em Elias, mas não serão Moisés e Elias.

Serão dois profetas que o Senhor levantará entre o povo daquele tempo para testemunhar à sua própria geração.

Moisés testificou perante um inimigo gentio; Elias testificou perante um rei judeu apóstata; estas duas testemunhas testificarão perante todos.

V. 7 — E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará.

O verbo traduzido “acabarem” é o mesmo que Paulo usou em 2 Timóteo 4:7.

A proteção que as duas testemunhas gozavam (veja o v. 5), desaparece. Isto não é devido a alguma falta da parte deles, mas porque haviam terminado o seu testemunho.

Somente então é que a besta poderá matá-los. A lição é clara e confortadora; enquanto Deus tem serviço para o Seu servo aqui no mundo, este é intocável.

Temos aqui a primeira menção da besta. Veja comentário sobre “sobe do mar” em 13:1. Veja também comentário sobre “abismo” em 9:2.

A palavra traduzida “guerra” indica o tamanho da operação montada pela besta para matar os dois profetas. Veja a mesma palavra em 9:9; 12:7, 17; 13:7; 16:14; 19:19; 20:8. O verbo traduzido “matar” ocorre três vezes neste capítulo (vs. 5, 7 e 13).

V. 8 — E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado.

O texto grego diz: “cadáver” (no singular), em vez de “corpos mortos”. A palavra traduzida “praça” pode significar “rua”; veja 21:21 e 22:2.

A identificação da cidade não deixa dúvidas; é o lugar onde o Senhor foi crucificado, ou seja, Jerusalém. É chamada de Sodoma por causa do seu pecado e perversidade; é chamada de Egito por causa da sua opressão ao povo de Deus. Neste contexto de perversidade e de opressão, Jerusalém é descrita como a grande cidade; compare com Babilônia (14:8 etc.) e veja comentário sobre 21:2. Veja também comentário sobre 17:9.

V. 9 — E homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão seus corpos mortos por três dias e meio, e não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros.

Neste versículo a primeira menção de corpos mortos está no singular no texto grego, mas a segunda menção está no plural.

Note que não diz que todos verão os cadáveres, mas sim, que alguns dentre os povos, tribos, línguas e nações os verão. Estes não permitirão que os cadáveres sejam sepultados; compare com 19:18.

V. 10 — E os que habitam na terra se regozijarão sobre ele e se alegrarão, e mandarão presentes uns aos outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre terra.

Aqui vemos quem são aqueles que verão os cadáveres e não permitirão que sejam sepultados; são os que habitam sobre a terra. Esta expressão ocorre duas vezes neste versículo. Veja comentário em 3:10.

Vemos também a razão porque não permitirão o sepultamento: querem festejar. Na morte do Senhor Jesus, Herodes e Pilatos se reconciliaram (Lucas 23:12); agora, na morte dos Seus servos, muitos que habitam na terra enviarão presentes uns aos outros.

O verbo traduzido “*se alegrarão*” ocorre outra vez em 12:12,

Veja o contraste. Os que habitam na terra se alegrarão durante três dias e meio, quando, inesperadamente, a sua alegria acabará em tristeza, mas os que habitam no céu terão uma alegria que não termina. Veja também o mesmo verbo em 18:20,

O verbo traduzido “*atormentado*” ocorre cinco vezes no Apocalipse (9:5; 11:10; 12:2; 14:10; 20:10). Veja comentário em 9:5.

V. 11 — E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre seus pés, e caiu grande temor sobre os que os viram.

A festa parou de repente. Deus interferiu. O verbo traduzido “*viram*” indica “contemplar como um espectador; assistir”. Está no gerúndio e dá a ideia que este povo estava contemplando aqueles cadáveres como quem assiste a um espetáculo.

Compare o medo destes com o de Belsazar e seus grandes (Daniel 5:6, 9).

A ressurreição destes profetas é mais uma indicação de que Deus está controlando tudo.

V. 12 — E ouviram uma grande voz do céu, que dizia: Subi cá. E subiram ao céu em uma nuvem: e os seus inimigos os viram.

O arrebatamento destes dois servos do Senhor será público; não como o nosso.

O texto grego diz: “*na nuvem*”; note o artigo definido. Não será uma nuvem qualquer e sim, a nuvem da glória de Deus que cobria o santuário do Velho Testamento. Compare com 10:1.

A palavra “inimigos” ocorre somente duas vezes no Apocalipse (e trinta e duas vezes em o Novo Testamento) e ambas as ocorrências estão neste capítulo; veja também o v. 5. Demonstra o ódio dos que habitam na terra contra os servos do Senhor,

O verbo traduzido “viram” é o mesmo do v. 11.

cl O grande terremoto — vs. 13 e 14

V. 13 — E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados, e deram glória ao Deus do céu,

Imediatamente após o arrebatamento destas duas testemunhas, um grande terremoto abalará a cidade. Compare com as grandes tribulações que virão sobre este mundo após o nosso arrebatamento. A hora de vitória para os servos do Senhor é a hora de juízo para o lugar onde testemunharam.

Se o terremoto for entendido literalmente ou simbolicamente em nada diminui a severidade do juízo, nem o temor e o pânico que tomarão posse dos sobreviventes.

Compare com Zacarias 14.

Veja como as duas testemunhas serviam diante do “Senhor da terra” (v. 4); agora os sobreviventes dão glória ao Deus do céu. Reconhecem, nos acontecimentos terríveis, a mão de Deus; reconhecem o Seu poder sobrenatural. Nisto glorificam a Deus, mas não houve arrependimento. Pensam em Deus como sendo “do céu”; não O reconhecem como o Deus da terra, com direito a interferir nos assuntos deste mundo. Querem um Deus distante, no céu, e desinteressado e sem direitos na terra.

V. 14 — E passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá.

Veja comentário sobre 9:12

A palavra traduzida “cedo” ocorre seis vezes no Apocalipse; veja 2:16; 3:11; 11:14; 22:7, 12, 20. Significa “rapidamente”.

2) A sétima trombeta — vs. 15-19

V. 15 — E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre.

Após mostrar o juízo sobre Jerusalém, Deus revela a vitória do Senhor e do Seu Cristo; nestes versículos, chegamos à vinda do Senhor à terra e ao estabelecimento do Seu reino aqui. O texto grego está no singular: “o reino do mundo”. Os tempos dos gentios (que começaram com Nabucodonosor) chegam ao seu fim neste ponto e o governo mundial passa das suas mãos para ser do Senhor e do Seu Cristo. Compare com Daniel 2:28-39 e 7:2-14.

V. 16 — *E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus,*

Os vinte e quatro anciãos (veja comentário sobre 4:4) deixam os seus tronos e, prostrados, adoram a Deus (veja comentário sobre 4:10).

V. 17 — *Dizendo: Graças Te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o Teu grande poder, e reinaste.*

A expressão “e que hás de vir” não consta no texto grego neste versículo. A razão desta omissão é que o contexto imediato já está anunciando a chegada do reino eterno (o Milênio é a primeira fase deste reino).

Veja comentário sobre o Todo-Poderoso em 1:8.

Note o tempo passado dos verbos: “tomaste” e “reinaste”. A fé contempla a vitória como se fosse já alcançada. Compare também com a omissão da expressão “e que hás de vir” no começo do versículo.

V. 18 — *E iraram-se as nações, e veio a Tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, Teus servos, e aos santos, e aos que temem o Teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra.*

Nos versículos 16 e 17, vimos a reação nos céus à proclamação do v. 15. Agora vemos a reação na terra; iraram-se as nações. O verbo traduzido “iraram-se” ocorre somente duas vezes no Apocalipse; aqui as nações iraram-se e, no próximo capítulo, Satanás irou-se (12:17). É interessante observar que o substantivo da mesma raiz (“ira”) ocorre seis vezes no Apocalipse e sempre com referência à ira divina (6:16, 17; 11:18; 14:10; 16:19; 19:15).

Note as diversas classes de pessoas mencionadas neste versículo:

1 — Os mortos. Estes serão julgados perante o Grande Trono Branco; veja 20:12.

2 — Os profetas, chamados aqui de servos, ou literalmente de escravos. São aqueles que receberam revelações diretamente do Senhor e as transmitiram ao Seu povo.

3 — Os santos. Esta palavra aplica-se ao povo de Deus em todas as dispensações, mas aqui parece indicar a Igreja.

4 — Os que temem o Nome do Senhor. Parece ser uma referência aos santos da Tribulação, que temerão ao Senhor e não à besta. Veja 14:7; 15:4; 19:5.

5 — Os que destroem a terra. São os pecadores que, devido à sua rebelião contra Deus, têm trazido sobre a terra todos os juízos relatados neste livro, bem como guerras e devastações. Este grupo

receberá a justa retribuição das mãos do Senhor. Veja comentário sobre 16:6.

A expressão “*pequenos e grandes*” provavelmente refere-se à relativa importância de cada um nesta vida, não à sua idade ou tamanho. Veja 13:16; 19:5, 18; 20:12.

V. 19 — E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do Seu concerto foi vista no Seu templo: e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos e grande saraiva.

A divisão em capítulos não foi muito feliz neste ponto. Este versículo é o começo da próxima parte do livro, sendo mais ligado com as coisas que seguem do que com as que já consideramos.

Veja comentário sobre “*templo*” em 3:12. No céu não há um templo, nem uma arca materiais; são símbolos que vemos aqui; veja Hebreus 9:23, 24.

Nos versículos anteriores, tudo se relacionava com o trono; o Senhor tomou o Seu poder e reinou. Mas agora, antes de mostrar as forças malignas e poderosas que hão de perseguir o Seu povo, Deus mostra a arca do Seu concerto no Seu templo, no céu. Note como este fato é destacado; é o templo de Deus; é o Seu concerto; é o Seu templo. Apesar da aparência das coisas na terra, Deus jamais se esquecerá do Seu concerto.

Veja comentário sobre “*relâmpagos*” etc., em 4:5 e 8:5. No texto grego, a palavra “*terremoto*” é singular. Compare com 6:12; 8:5; 11:13; 16:18.

Saraiva ocorre somente quatro vezes no Apocalipse e não é mencionada no resto do Novo Testamento. Veja também Apocalipse 8:7 e 16:21 (duas vezes). É uma chuva de granizo.

.oOo.

CAPÍTULO 12

Este capítulo começa com uma nova seção no livro (veja a análise da Introdução à Terceira Parte). Do capítulo 6 até o capítulo 11 temos visto a Grande Tribulação e, finalmente, o estabelecimento do reino de Deus aqui na terra (11:17) e o Grande Trono Branco (11:18). Agora, nesta seção que estamos iniciando, veremos com mais detalhes alguns dos personagens e das organizações que mais se destacarão durante aquele mesmo período.

ANÁLISE

- 1) A mulher e o dragão — vs. 1-6;
- 2) Miguel e o dragão; guerra no céu — vs. 7-12;
- 3) A mulher e o dragão; perseguição na terra — vs. 13-17.

COMENTÁRIO

1) A mulher e o dragão — vs. 1-6

V. 1 — E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça.

A palavra traduzida “*sinais*” ocorre sete vezes no Apocalipse (12:1, 3; 13:13, 14; 15:1; 16:14; 19:20). Três vezes refere-se a sinais no céu; três vezes, aos sinais da segunda besta e uma vez a sinais de demônios.

Este sinal apareceu no céu; compare com 11:19. A visão da arca e do templo aberto no céu precede o grande sinal. A mulher representa a nação de Israel. Compare com Miqueias 5:3, onde vemos que Israel dará à luz; aprendemos em Isaías que Israel dará à luz

No Velho Testamento, Israel é apresentado muitas vezes na figura de uma mulher (veja, por exemplo, Ezequiel capítulo 16). Há quatro mulheres que se destacam no Apocalipse: Jezabel (2:20); a mulher vestida do sol (12:1); a mulher assentada sobre a besta (17:3); a esposa do Cordeiro (19:7).

O sol, a lua e as estrelas são figuras bem conhecidas. O sol foi feito para governar o dia; e a luz, a noite (Gênesis 1:16). O sol é símbolo de autoridade suprema; a lua, de autoridade delegada e as estrelas, de autoridades menores. Nesta visão, tudo isto e na mulher, pois é o propósito de Deus que, um dia, todo o governo na terra esteja subordinado a Israel. Compare com o sonho a José (Gênesis 37:9, 10) e com o Salmo 89:35-37. Compare as dozes estrelas com os doze apóstolos, governando as doze tribos de Israel. A palavra traduzida “*coroa*” indica a do vencedor.

V. 2 — E estava grávida, e com dores de parto, e gritava com ânsias de dar à luz.

Compare com Jeremias 4:31. Note outra vez Isaías 66:7 e 8, pois as dores de parto virão depois do nascimento do filho. Esta angústia para Israel ainda está no futuro, embora o Filho tenha nascido há quase dois mil anos!

V. 3 — E viu-se outro sinal no céu; e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas.

Outro sinal no céu; veja o v. 1. A palavra traduzida “*outro*” indica outro do mesmo gênero. Neste segundo sinal, João viu um dragão. A palavra traduzida “*dragão*” ocorre em o Novo Testamento somente no Apocalipse, onde a encontramos treze vezes. Destas treze ocorrências, oito estão neste capítulo (veja os vs. 3, 4, 7, 7, 9, 13, 16, 17); ocorre também em 13:2, 4, 11; 16:13; 20:2. Veja o dragão em relação a Israel e ao Senhor Jesus Cristo (capítulo 12); em relação à besta (capítulo 13); em relação aos reis da terra (capítulo 16); veja também a sua derrota e prisão (capítulo 20).

A palavra traduzida “*vermelha*” ocorre nesta forma somente duas vezes em o Novo Testamento; aqui e em Apocalipse 6:4. Esta cor é indicativa de derramamento de sangue e de muita violência. Veja comentário sobre 6:4.

Tem sete cabeças e dez chifres; compare com a besta (13:1). A cabeça é símbolo (entre outras coisas) de liderança; veja Isaías 7:8 e 9:15. Sendo sete cabeças, vemos uma liderança ou autoridade completa. O chifre simboliza (entre outras coisas) poder (veja 5:6) e o número dez indica um ciclo completo (veja as dez pragas no Egito, os dez mandamentos para Israel etc.). Portanto, estas figuras apresentam um quadro terrível do poder e da autoridade do dragão.

Sobre as suas cabeças tem diademas. Observe a diferença entre o diadema e a coroa. O diadema é do rei e é uma fita de linho, seda ou coisa semelhante, usada em volta da testa. A coroa (veja o v. 1) é do vencedor e é de folhas ou de flores.

Note o contraste entre os símbolos dos dois grandes sinais; os da mulher (v. 1) são símbolos celestes, ao passo que os do dragão são símbolos terrestres.

V. 4 — E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho.

Aqui temos mais duas figuras: a cauda e as estrelas. A palavra “*cauda*” ocorre cinco vezes em o Novo Testamento e todas estas ocorrências estão no Apocalipse (além deste versículo, duas vezes em 9:10 e mais duas vezes em 9:19); veja comentário sobre “*caudas*” em 9:10. Veja comentário sobre “*estrelas*” em 12:1. Através de falsos profetas, o dragão arrasta após si muitos daqueles que deveriam servir de guias espirituais; contraste com as estrelas na coroa da mulher (v. 1).

Note a ordem cronológica destes fatos; as estrelas são arrastadas primeiro; depois vemos o dragão, querendo tragar o Filho da mulher. A

ira do dragão, nesta altura, não é contra a mulher, e sim, contra o Filho que havia de nascer. Compare com Herodes (Mateus 2:3, 16).

V. 5 — E deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o Seu trono.

Neste versículo descobrimos a identidade do Filho. Ele nasceu para reger todas as nações com vara de ferro. Este só pode ser o Senhor Jesus Cristo (veja Salmo 2:8, 9). Além disto, Ele foi arrebatado para o trono de Deus; só o Senhor Jesus poderia assentar-se naquele trono.

A primeira frase do versículo fala da Sua encarnação. A palavra traduzida “há de” indica algo determinado; tem que acontecer. Ocorreu no versículo anterior em relação à mulher (“havia de dar à luz”) e agora em relação ao Filho. Foi decretado por Deus que Israel daria à luz o Cristo (Gênesis 12:2, 3; 49:10; Miqueias 5:2, 3) e que o Filho regeria todas as nações (Salmo 2:8, 9; Isaías 9:6, 7).

A última parte do versículo refere-se à ascensão do Senhor Jesus do Monte das Oliveiras. Mas este arrebatamento à destra de Deus não invalida a parte central do versículo; Ele ainda regerá todas as nações. A palavra traduzida “reger” significa “alimentar; apascentar”. A vara de ferro é símbolo de severidade e de firmeza. Não faltará nada para os súditos do Seu reino, mas a desobediência não será tolerada.

V. 6 — E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias.

O Filho foi arrebatado (passivo), mas a mulher fugiu (ativo); o Filho foi para o céu; ela foi para o deserto. Veja a presciência de Deus, bem como o Seu controle absoluto. Ela tinha ali um lugar preparado por Deus para a sua preservação. O texto grego diz: “para que ali a alimentassem”; não revela quem a alimentará durante este tempo, mas o seu sustento é garantido. Observe especialmente a palavra “ali”. Naquele lugar seria sustentada; a sua preservação dependeria de estar naquele lugar. Compare com o caso de Elias (1 Reis 17:4, 9); no primeiro versículo, Deus disse: “Tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem” e, no segundo; disse: “Eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente”. Note a palavra “ali” nestas citações.

A duração desta provisão será de mil duzentos e sessenta dias; veja comentário sobre 11:3.

2) Miguel e o dragão; guerra no céu — vs. 1-12

V. 7 — E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalharam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos;

Aqui a sequência cronológica é interrompida e voltamos no tempo em relação ao versículo anterior. Estes versículos (7 a 12) formam um parêntese necessário para explicar a ira do dragão contra a mulher. No v. 13 retorna à sequência dos acontecimentos.

A cena também muda; neste parêntese deixamos de contemplar coisas na terra para ver algo no céu.

A palavra traduzida “*batalha*” significa “guerra” (pode ser composta de uma série de batalhas). Veja comentário sobre 11:7. Embora descrevendo algo futuro, João usa o tempo passado do verbo (“*houve*”) porque ele está descrevendo algo que ele viu em visão.

Miguel é descrito em Judas versículo 9 como o arcanjo; veja também Daniel 10:13, 21 e 12:1. O nome Miguel significa: “Quem é semelhante a Deus”; veja o contraste em 13:4.

Os anjos são de Deus Pai (Apocalipse 3:5) e do nosso Senhor Jesus Cristo (2 Tessalonicenses 1:7) por direito de criação; são de Miguel, mas não no mesmo sentido; são dele porque ele é seu comandante. No mesmo sentido, o dragão também tem anjos (veja Mateus 25:41).

V. 8 — Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou os céus.

Não há dúvida quanto ao resultado da guerra; o dragão e os seus anjos serão expulsos do céu.

V. 9 — E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.

No v. 5 a identidade do Filho foi estabelecida além de qualquer dúvida; aqui a identidade do dragão é estabelecida. É a antiga serpente. Das catorze ocorrências da palavra “*serpente*” em o Novo Testamento, cinco referem-se a *Satanás* (2 Coríntios 11:3; Apocalipse 12:9, 14, 15; 20:2). *Ele é chamado de “antiga serpente”,* fazendo-nos lembrar que foi ele que enganou Eva no princípio (Gênesis 3:1-6). Ele é O Diabo; esta palavra ocorre trinta e oito vezes em o Novo Testamento e significa “acusador”. Ele acusa Deus perante os homens (Gênesis 3:4, 5) e acusa os homens perante Deus (Jó 1:9-11); veja também o v. 10.

Outro título dele é *Satanás*, que significa “adversário”; ocorre trinta e seis vezes em o Novo Testamento. Veja como esta descrição completa da sua identidade é repetida em 20:2.

Após a identificação do inimigo, vemos a sua obra desmascarada; ele engana.

O fim do versículo mostra a sua derrota; será precipitado na terra. Note o verbo “*precipitado*”, usado três vezes neste versículo. Não foi simplesmente uma queda; foram lançados. A palavra sugere uma certa

violência. O verbo traduzido “lançados” tem sua terceira ocorrência neste versículo; veja “precipitado”.

V. 10 — E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do Seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite.

A grande voz do céu anunciou que a salvação, o poder e o reino do nosso Deus haviam chegado. Estas coisas sempre existiram, mas a voz anunciou a sua manifestação. Da mesma forma, chegou a hora de manifestar a autoridade do Senhor Jesus Cristo, autoridade esta que já existia (Mateus 28:18).

A segunda parte do versículo explica porque estas coisas vieram. São consequência da expulsão de Satanás. O verbo traduzido “derribado” é o mesmo que ocorreu três vezes no versículo anterior (“precipitado”).

A voz do céu falou do acusador de “nossos irmãos”. Compare com 6:11. Ele não estava acusando santos no céu e sim, os santos que ainda estavam na terra. Era incansável nesta acusação, pois acusava-os de dia e de noite.

V. 11 — E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte.

A derrota de Satanás foi dupla. No v. 8, vimos a vitória de Miguel e de seus anjos sobre Satanás; agora vemos uma vitória humana sobre ele. Foi derrotado no céu (v. 8) e na terra (v. 11).

Veja como estas pessoas vencerão Satanás:

1 — Pelo sangue do Cordeiro;

2 — Pela palavra do seu testemunho.

O sangue do Senhor Jesus, isto é, a Sua morte no Calvário, é a base da sua vitória; a palavra do testemunho que deram é o meio. Compare com 6:9. Veja o testemunho em 1:2, 9; 6:9; 11:7; 12:17; 19:10; 20:4.

A morte destes mártires poderia parecer uma derrota, mas foi realmente uma grande vitória.

V. 12 — Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.

A derrota de Satanás foi, ao mesmo tempo, motivo de alegria nos céus e de tristeza na terra. Os habitantes da terra alegraram-se quando as duas testemunhas foram mortas (11:10), mas a sua alegria durou pouco; agora vemos alegria no céu. Compare com 18:20.

A frustração e desespero do derrotado é a causa da grande ira do diabo. Ele sabe que tem pouco tempo. Ele não é onisciente (este atributo é de Deus), mas é inteligente e conhece a Bíblia; sendo lançado na terra, ele saberá que pouco tempo lhe resta.

3) A mulher e o dragão; perseguição na terra — vs. 13-17

V. 13 — E, quando o dragão viu que fora lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o varão.

Agora a história da mulher e do dragão (interrompida no fim do v. 6) continua. Na primeira parte, a ira do dragão era contra o Filho; agora, muitos séculos depois, ele volta toda a sua ira contra a mulher. O motivo da sua ira é que ela deu à luz o Filho. Note bem o tempo. A perseguição da mulher (Israel) pelo dragão (o Diabo) começará quando este for lançado à terra.

V. 14 — E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente.

No texto grego encontramos outra vez a palavra “*ali*” que foi notada no v. 6. Leia-se: “*Onde é sustentada ali por um tempo...*”; veja comentário sobre o v. 6.

Notamos já (v. 6) que a mulher fugiu para o deserto, mas agora aprendemos que ela terá uma ajuda fornecida por Deus, simbolizada pelas duas asas de uma grande águia. Não sabemos como será esta ajuda, mas talvez seja importante notar que Daniel capítulo 7 fala de quatro grandes potências do período da Grande Tribulação. Estas potências são apresentadas na figura de animais, onde temos um leão com asas de águia, um urso e um leopardo.

Em Apocalipse 13:2, a besta era semelhante a estes mesmos animais, com exceção da águia. Será que a águia poderá representar a potência que ajudará Israel a fugir? Quanto ao lugar e seu sustento, veja outra vez o comentário sobre o v. 6.

A duração, no v. 6, é de mil duzentos e sessenta dias; aqui é de um tempo, tempos e metade de um tempo. Compare com Daniel 7:25 e 12:7.

Note agora a mudança do nome do inimigo. Como dragão, ele perseguiu a mulher com toda a sua força e brutalidade, mas a mulher foi ajudada e sustentada; conseqüentemente, ele muda de tática. Agora é a serpente, astuta e cruel. Há, porém, um lugar preparado onde a mulher fica fora da vista da serpente. Nem a força do dragão, nem a astúcia da serpente podem destruir a mulher.

V. 15 — E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatara.

As figuras usadas aqui dão uma ideia de como a serpente agirá. Água pode representar povos (17:15); a boca pode simbolizar a força da persuasão (veja 13:5); compare também com 16:13, onde vemos três espíritos imundos saindo da boca do dragão, da besta e do falso profeta, para congregar os reis de todo o mundo para a batalha. Estas figuras, portanto, podem indicar como o dragão procurará convencer as nações a devorarem a Israel. Contraste com João 7:38, 39.

V. 16 — E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a sua boca e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca.

Compare com o v. 6. Aqui há mais ajuda para a mulher. Neste versículo temos as mesmas figuras do versículo anterior e devem ser interpretadas da mesma forma. O perigo proveniente da “boca” do dragão (veja a mudança de nome outra vez) é anulado pela “boca” da terra. A terra, simbolizando o que é estável e firme, poderá indicar que governos fortes naquela época serão o instrumento usado para frustrar o desígnio do dragão.

V. 17 — E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo.

A palavra traduzida “*irou-se*” neste versículo não é a mesma do v. 12. A palavra usada no v. 12 (thumos, no grego) indica uma explosão repentina de ira, ao passo que a usada no v. 17 (orge, no grego) indica uma ira menos repentina quanto à sua origem, mas mais duradoura. Quando Satanás for lançado do céu, terá um acesso de ira; depois, mais controlado, ele mostrará ódio contra Israel, procurando vingar-se.

A palavra traduzida “*guerra*” é a mesma do v. 7; veja comentário. O dragão havia feito guerra no céu; agora o faz na terra. Note o alvo dos seus ataques — o resto da sua semente. O final do versículo identifica este povo; são aqueles que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus. (a palavra “Cristo” não consta no texto grego). Veja comentário sobre a Palavra e o testemunho em 1:9. É o remanescente fiel, que não aceitou a aliança com a besta. Guardaram a Palavra de Deus, não os decretos da besta; têm o testemunho de Jesus, não do anticristo.

Sendo frustrado no seu plano de destruir a nação (Israel), o dragão volta toda a sua ira contra o remanescente fiel.

.oOo.

CAPÍTULO

No capítulo anterior, o Espírito Santo focalizou a nossa atenção no dragão; agora, neste capítulo, veremos duas bestas. Juntos formam o trio da maldade. Deus apresentou, primeiramente, o inimigo invisível, o dragão, pois este é a fonte do poder maléfico que os outros dois hão de exercer.

No fim do capítulo 12, observamos as consequências da expulsão de Satanás do céu; ele perseguiu o remanescente fiel de Israel (vs. 13-17). Agora, no capítulo 13, veremos as consequências para o mundo inteiro.

ANÁLISE

- 1) A besta que sobe do mar — vs. 1-10;
- 2) A besta que sobe da terra — vs. 11-18.

COMENTÁRIO

1) A besta que sobe do mar — vs. 1-10

V. 1 — E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia.

Algumas versões incluem a primeira parte deste versículo no capítulo anterior e a traduzem na terceira pessoa. Muitos manuscritos gregos têm a terceira pessoa (“e se pôs em pé”), mas outros usam a primeira pessoa. Se adotarmos a terceira pessoa, refere-se ao dragão; se usarmos a primeira pessoa, refere-se a João.

Levando em consideração o peso dos manuscritos que têm a primeira pessoa, bem como o contexto imediato, parece-me certo que João se pôs em pé e assistiu ao aparecimento da besta. Passagens como Daniel 10:4, 5 e Daniel 12:5 confirmam isto. Atribuir ao dragão o poder de fazer subir do mar esta besta parece entrar em choque com a soberania de Deus, tão evidente em todo o Apocalipse. Veja comentário sobre 1:17.

O mar, quando usado simbolicamente na Bíblia, pode representar um estado agitado e caótico, ao passo que a terra simboliza um estado firme; também podem simbolizar, respectivamente, as nações e Israel. Provavelmente, temos os dois aspectos aqui. João viu emergir, do caos das nações convulsionadas por revoluções e anarquia, este grande líder e seu império. Ele surge de entre os gentios (veja Daniel 7:8).

Quando lemos desta besta, às vezes a referência é ao império que há de vir (veja, por exemplo, 17:3); às vezes, é ao líder deste império (veja 19:19).

Ao aparecer aqui, a besta tem sete cabeças e dez chifres. Compare com o dragão (12:3) e veja a interpretação dada pelo anjo (17:9-12).

A besta tem dez diademas, ao passo que o dragão tem sete; os diademas da besta estão sobre os chifres, mas o dragão os tem nas cabeças. Compare com Daniel 7:7.

Note que João vê a besta subir do mar, mas Deus havia falado que sobe do abismo (11:7). João vê do ponto de vista humano; Deus revela o que o homem não vê. Humanamente e historicamente falando, ela sobe do mar, mas no capítulo 11 Deus revela a procedência diabólica deste império e de seu líder.

No texto grego se lê: *“nomes de blasfêmia”*; provavelmente um nome em cada cabeça; compare com 17:3 e com 2 Tessalonicenses 2:4.

V. 2 — E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.

Este versículo acrescenta mais detalhes na descrição da besta. Compare com Daniel 7:1-6. A aparência predominante da besta era de um leopardo, o terceiro dos quatro animais que Daniel viu subir do mar. Os pés pareciam os de urso, o segundo animal de Daniel 7; a boca era parecida com a de leão, um aspecto do primeiro animal de Daniel 7. Esta besta não é a soma dos quatro animais que Daniel viu, mas reúne em si características de três deles.

As três potências representadas por estes animais terão prolongação de vida depois da sua queda (veja Daniel 7:12) e a influência delas aparecerá na besta, que é o quarto animal de Daniel 7.

O dragão deu à besta o seu poder; os dez chifres também dão o seu poder à besta (17:13). Veja as referências ao poder de Deus e do Cordeiro em 4:11; 5:12; 7:12; 11:17; 12:10; 15:8; 19:1. O dragão deu-lhe também o seu trono; mas sobre este trono Deus derramará juízo (16:10). A palavra traduzida “poderio” significa “autoridade” e ocorre cinco vezes neste capítulo, sempre traduzida “poder” na Versão Corrigida (vs. 2, 4, 5, 7, 12). Contraste com Lucas 4:5-8.

V. 3 — E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta.

A palavra traduzida *“ferida de morte”* é a mesma que ocorre em 5:6, onde lemos do Cordeiro *“como havendo sido morto”*. Aqui, portanto, vemos a imitação diabólica e falsa da morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. No texto grego, *“ferida de morte”* é um pretérito perfeito, o que (na língua grega) indica um ato no passado cujos resultados

permanecem no presente. Parece, portanto, que, quando a besta sobe do mar, já tem uma das suas sete cabeças ferida.

A palavra traduzida “*chaga*” é a mesma que é traduzida “*praga*” em 15:1; veja comentário. A forma do verbo “*curada*” (aoristo) indica um ato completado; a recuperação da cabeça foi completada e causou grande admiração. A palavra traduzida “*maravilhou*” neste versículo é traduzida por “se admirarão” em 17:8.

V. 4 — E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem poderá batalhar contra ela?

O texto grego diz: “*adoraram o dragão porque deu...*” O diabo sempre quis ser adorado (veja Mateus 4:9) e estava disposto a pagar um preço para ter esta honra. O que o Senhor Jesus recusou, a besta aceitou.

Veja o contraste com Miguel (12:7). Por causa da recuperação da cabeça, o mundo considerava a besta invencível.

V. 5 — E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses.

O poder da besta não está só nas armas; está na sua boca. Seus poderes de persuasão serão enormes. Compare com Daniel 7:8, 20, 25 e com Apocalipse 6:2. Poder havia sido dado pelo dragão (v. 2); agora poder para continuar é concedido por Deus. O diabo não tem autoridade ou poder, a não ser na medida que Deus permite. Este poder para continuar é limitado a quarenta e dois meses; o dragão não teria posto limites; Deus o limitou. Este período é igual a mil duzentos e sessenta dias ou a um tempo, e tempos, e metade de um tempo; veja comentário sobre 11:2.

V. 6 — E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do Seu nome, e do Seu tabernáculo. e dos que habitam no céu

As blasfêmias mencionadas no versículo anterior agora são especificadas; são blasfêmias contra Deus e contra o Seu povo. Note o substantivo “*blasfêmias*”, seguido pelo verbo “*blasfemar*” e o substantivo “*tabernáculo*” seguido pelo verbo “*habitam*”. Este último é formado pela mesma raiz de “*tabernáculo*” e ocorre cinco vezes em o Novo Testamento. Quatro destas ocorrências estão no Apocalipse e, destas quatro, duas referem-se a Deus habitando com os Seus (7:15 e 21:3) e duas referem-se aos salvos habitando com Deus (12:12 e 13:6). A outra ocorrência é João 1:14.

As blasfêmias são:

1 — Contra Deus, isto é, blasfemando do Seu Nome;

2 — Contra o Seu tabernáculo, isto é, contra os que habitam no céu.

A expressão “*os que habitam no céu*” refere-se a pessoas que fisicamente estão na terra, mas que têm trocado esperanças terrenas por celestiais, como fizeram os patriarcas (veja Hebreus 11:13-16); são aqueles que, embora vivendo na terra, são cidadãos do céu (Filipenses 3:20).

V. 7 — E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação.

A besta não se limita a blasfêmias; ela age. Ela faz guerra contra os santos e lhe é permitido vencê-los. Quantas vezes não entendemos os caminhos do Senhor! Derrotas permitidas por Ele fazem parte do Seu plano para nós e serão para o nosso bem e para a Sua glória. Veja comentário sobre “*guerra*” em 11:7.

Deus permitiu também que a besta tivesse autoridade (a palavra traduzida “*poder*” é “*autoridade*”) sobre toda a tribo, e povo, e língua, e nação. Por meio destas quatro palavras, Deus mostra a influência mundial que a besta há de exercer. Isto não está dizendo que haverá um governo mundial naquele tempo; a besta governará no seu império, mas a sua força será tão grande que terá uma grande autoridade mesmo entre outros povos.

V. 8 — E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.

O texto grego tem o verbo no futuro — “*adorarão*”; compare com o v. 4, onde o passado é usado. Veja comentário sobre “*os que habitam na terra*” em 3:10. Note o contraste com “*os que habitam no céu*” (v. 6).

Veja comentário sobre o livro da vida em 3:5. A ordem das palavras no texto grego dá o sentido que temos na nossa versão portuguesa, a saber, que o Cordeiro foi morto desde a fundação do mundo. O sacrifício do Calvário foi planejado na eternidade e, desde então, Deus via o Cordeiro como havendo sido morto. Veja a ênfase diferente em 17:8, onde os nomes estão escritos desde a fundação do mundo.

V. 9 — Se alguém tem ouvidos, ouça.

Esta expressão foi usada em o Novo Testamento somente pelo Senhor. Encontramo-la oito vezes nos evangelhos (Mateus 11:15; 13:9, 43; Marcos 4:9, 23; 7:16; Lucas 8:8; 14:35) e oito vezes no Apocalipse (2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22; 13:9). Veja comentário sobre 2:7. Note a diferença entre esta ocorrência e as dos capítulos 2 e 3; aqui não diz “*o que o Espírito diz às igrejas*” porque não haverá igrejas na terra durante a Tribulação.

V. 10 — Se alguém leva em cativo, em cativo irá; se alguém mata à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a paciência e a fé dos santos.

Nos dias da besta, os santos vão precisar de muita perseverança e o que vai produzir esta perseverança é a sua fé na justiça de Deus. Sabem que a besta ceifará o que semeia. Se os levar ao cativo, ela própria será levada presa (veja 19:20); se os inimigos os matarem, eles serão mortos pela espada que sai da boca do Senhor (veja 19:21). Nesta certeza, eles acham força. A palavra traduzida “*paciência*” significa “perseverança” e indica não uma mera aceitação passiva daquela perseguição, mas uma atitude firme que se gloria na tribulação; compare com Romanos 5:3. Não resistirão à força com a força. Veja outras expressões semelhantes em v. 18 e em 17:9.

2) A besta que sobe da terra — vs. 11-18

V. 11 — E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como dragão.

Veja o comentário sobre o mar e a terra no v. 1. Esta segunda besta surgirá em Israel, nas condições relativamente calmas e estáveis produzidas pelo governo da primeira besta. Ambos estes líderes são chamados de bestas, indicando a mesma natureza feroz que possuem; também indica que a segunda terá o seu reino, assim como a primeira. Portanto, esta segunda besta será um líder em Jerusalém, que reinará sobre Israel apóstata; compare com Daniel 11:36; Isaías 30:33; 57:9

Estas duas bestas estarão tão unidas que não é de admirar que haja confusão sobre qual delas é o anticristo. A palavra “*anticristo*” ocorre somente nas cartas de João (1 João 2:18, 22; 4:3; 2 João 1:7). Parece, pelo contexto, que a primeira besta será o líder político da futura federação de dez reinos, com sede de governo em Roma, ao passo que a segunda será o líder religioso que reinará como rei em Jerusalém, o anticristo. Veja também 2 Tessalonicenses 2:3-10.

Veja algumas diferenças entre estas bestas:

1 — A primeira tem sete cabeças; a segunda, apenas uma;

2 — A primeira tem dez chifres; a segunda, apenas dois.

Estes dois chifres parecem chifres de cordeiro; isto é, esta besta, à primeira vista, parece um cordeiro. A fala, porém, é de dragão. Cordeiro é o símbolo do Senhor Jesus Cristo; o dragão é o diabo (veja 12:9). Esta besta, portanto, é o falso cristo, predito pelo Senhor em João 5:43.

V. 12 — E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada.

A primeira besta recebeu a sua autoridade do dragão (v. 2); a segunda besta recebe a sua da primeira. A palavra traduzida “*poder*” foi

traduzida por “*poderio*” no v. 2 e significa “autoridade”. Em troca desta autoridade recebida, esta besta faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira; compare com os vs. 4 e 8. Veja comentário sobre “os que habitam sobre a terra” em 3:10. Veja comentário sobre “a chaga mortal” no v. 3.

V. 13 — E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

Este anticristo imita o Senhor Jesus, não somente na aparência (cordeiro), mas também nos atos: faz prodígios. Veja 2 Tessalonicenses 2:9, onde o anticristo virá com poder, sinais e prodígios; em Atos 2:22 as mesmas palavras gregas são usadas para mostrar como o Senhor Jesus foi aprovado por Deus no meio do povo de Israel.

Fazer descer fogo do céu relembra passagens do Velho Testamento, quando Deus manifestou o Seu poder desta maneira; veja 1 Reis 18:38; 2 Reis 1:10, 12; 1 Crônicas 21:26.

Na época em que o anticristo estará agindo assim, as duas testemunhas do Senhor também estarão em Jerusalém fazendo prodígios (veja 11:5, 6). Pelos sinais do anticristo, Satanás procurará anular os efeitos dos sinais praticados pelas testemunhas; compare com as suas atividades em nossos dias em 2 Timóteo 3:8,

V. 14 — E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.

Esta besta fala como o dragão (v. 11) e também tem a sua maneira de agir; ele engana (veja 12:9). Veja comentário sobre “os que habitam na terra” em 3:10. Na aparência, ele age como Cristo (fazendo sinais); na realidade, ele age como o dragão (enganando). No versículo anterior aprendemos que ele fará os sinais à vista dos homens; agora é dito que os fará na presença da besta. Compare com o v. 12.

A adoração à besta já foi mencionada (vs. 4, 8, 12); agora vemos a forma desta adoração. A segunda besta mandará fazer uma imagem da primeira. Os tempos dos gentios começaram com Nabucodonosor, que fez uma grande imagem, e mandou que fossem mortos os que não a adorassem (Daniel 3:1-6); terminarão com a ordem da segunda besta, de que todo o mundo, sob pena de morte, adore a imagem da besta.

Neste versículo temos mais informação a respeito da chaga mortal (vs. 3 e 12); foi causada por uma espada, indicando uma derrota militar.

V. 15 — E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.

Ele não deu vida à imagem; deu espírito. Fez com que a imagem falasse. Vemos nisto mais uma imitação, tentando copiar o que Deus havia feito na Criação. E também uma imitação do poder das duas testemunhas (veja 11:5). Quanto à pena de morte para os que se recusassem adorar a imagem, veja outra vez Daniel 3:6, 11, 15,21 etc.. Compare com a abominação da desolação em Mateus 24:15.

V. 16 — E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas;

A palavra traduzida “sinal” significa “marca”. Não é um selo, como receberam os servos de Deus no capítulo 7 (veja comentário sobre “selo” em 7:2); foi simplesmente uma marca. A marca poderá ser recebida na mão (indicativo de trabalho) ou na testa (indicativo de intelecto).

V. 17 — Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.

Sinal, neste versículo, é a mesma palavra do v. 16; deve ser marca. Com esta marca, o anticristo controlará a vida econômica do povo. A marca poderá ser recebida de uma de duas formas:

- 1 — O nome da besta;
- 2 — O número do seu nome.

Não devemos entender que a marca seja diferente do nome ou do número; o versículo fala da marca e, em seguida, continua mostrando que esta marca pode ser o nome ou pode ser o número.

V. 18 — Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.

Compare a referência à sabedoria com a da perseverança e fé no v. 10. O número da besta é o número de um homem; isto quer dizer que pode ser calculado conforme os cálculos humanos (veja 21:17). Muitos têm achado referências a líderes atuais e do passado.

Através de cálculos feitos com títulos ou nomes, tem sido dito que o anticristo é Napoleão, Hitler, o Papa ou muitos outros. Estes cálculos, porém, erram num ponto fundamental: usam o valor romano para as letras (por exemplo, V = 5; X = 10, etc.).

O Novo Testamento, porém, foi escrito em grego e, portanto, valores gregos devem ser usados. Neste sistema, observamos que o número seiscentos é representado pela letra “chi”; o número sessenta, pela letra “xi”; o número seis, pela letra “sigma”. A letra “chi” é a primeira letra de Cristo na língua grega e a letra “sigma” é a última letra na palavra Cristo. A letra que ocupa o lugar central na marca é “xi”, que é o símbolo reconhecido até hoje da serpente.

Portanto, este número, visto de fora, aparenta a palavra Cristo, mas, escondido no centro, ali está o símbolo da serpente.

Esta interpretação está em plena harmonia com o contexto, pois o anticristo aparece inicialmente como cordeiro, mas fala como dragão (v. 11) e observamos nos versículos anteriores como ele imitará o verdadeiro Cristo, mas sempre aparecem, atrás do disfarce, as características do dragão.

.oOo.

CAPÍTULO 14

Neste capítulo vemos o outro lado da moeda. Nos capítulos 12 e 13 temos visto as intervenções de Satanás nos assuntos deste mundo; agora veremos as intervenções de Deus.

ANÁLISE

1) Os selados — vs. 1-5;

2) O Evangelho Eterno — vs. 6 e 7;

Nestas duas partes vemos a graça de Deus.

3) A queda de Babilônia — vs. 9-12;

4) O juízo sobre os adoradores da besta — vs. 9-12;

Nestas duas partes vemos o juízo de Deus.

5) A bem-aventurança dos mártires — v. 13;

6) A ceifa da terra — vs. 14-16; Nestas duas partes vemos outra vez a graça de Deus.

7) A vindima da terra — vs. 17-20.

COMENTÁRIO

1) Os selados — vs. 1-5

V. 1 — E olhei, e eis que estava o Cordeiro sobre o monte de Sião, e com Ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome dEle e o do Seu Pai.

No capítulo anterior, João viu um que parecia cordeiro (13:11); agora ele vê o Cordeiro verdadeiro.

O Monte de Sião simboliza a graça de Deus. Veja a primeira menção de Sião (2 Samuel 5:7), quando tornou-se a sede do governo de

Davi, evidenciando a intervenção divina em graça na nação de Israel. Veja também Hebreus 12:22, onde Sião aparece em contraste com Sinai.

Este capítulo está dando uma previsão da vitória do Cordeiro; vemo-lo na terra cercado dos Seus selados. Compare com o Monte da Transfiguração, quando o Senhor foi transfigurado na presença de alguns dos Seus (Mateus 17:1-8).

No início da Tribulação, o Senhor há de selar cento e quarenta e quatro mil, garantindo a sua preservação; agora vemos que, após as perseguições da besta e as coisas espantosas que acontecerão durante a Tribulação, o Senhor está em pé no Monte Sião, com todos os Seus selados; nenhum deles se perdeu. Compare com João 17:12.

V. 2 — E ouvi uma voz do céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e ouvi uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas.

Veja o comentário sobre a voz em 1:15. Compare também com 4:1 e com 19:6. Mas este som foi alegre; parecia o de harpistas tocando as suas harpas. Veja o comentário sobre harpas em 5:8 e compare com 15:2 e com 18:22.

V. 3 — E cantavam um como cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra.

Veja as cinco ocorrências da palavra “cântico” no Apocalipse (5:9; 14:3; 15:3, 4). Os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos não poderão aprender este cântico novo visto que não conhecem (por experiência própria) as amarguras da Grande Tribulação. Se os cento e quarenta e quatro mil estão na terra (no Monte de Sião), não são os cantores, pois estes estão no céu. Estes cantores são a grande multidão que saiu da Grande Tribulação (7:9). Os cento e quarenta e quatro mil são os únicos que podem aprender o cântico porque eles passaram pela mesma Tribulação. Compare com 5:9, onde encontramos o mesmo verbo “comprar” e ainda o preço pago — Seu sangue.

V. 4 — Estes são os que não estão contaminados com mulheres: porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro,

Há uma descrição dos selados neste versículo:

1 — Não se macularam com mulheres. Note o tempo passado do verbo; a Versão Corrigida não está certa em traduzir “não estão contaminados”.

Estes já passaram pela Tribulação e não se contaminaram (compare com 16:15). Isto deve ser entendido espiritualmente; são

aqueles que não tiveram contato com a Grande Babilônia (veja capítulo 17). Compare com 2 Coríntios 11:2.

2 — Eles seguem o Cordeiro. Note agora o presente. Seguiram-nO na Grande Tribulação e agora têm uma recompensa correspondente à sua fidelidade. Compare com 7:17.

3 — Eles foram comprados como primícias. Veja o v. 3. São as primícias; a ceifa virá (vs. 14-16).

V. 5 — E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus.

Note outra vez o tempo dos verbos; “*não se achou engano*” (passado); agora “*são irrepreensíveis*”. A palavra traduzida “*engano*” no Apocalipse ocorre somente aqui, mas veja outras ocorrências em 1 Pedro 2:1, 22; 3:10.

2) O Evangelho Eterno — vs. 6 e 7

V. 6 — E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo.

Na primeira parte do capítulo (vs. 1.5), vimos um grupo de judeus selados e salvos; agora lemos de uma mensagem de boas novas para os gentios.

A palavra “*evangelho*” significa “boas novas”, mas, neste caso, no texto grego, não existe o artigo; não é “o Evangelho”, mas simplesmente uma mensagem de boas novas. É uma boa nova eterna. O pregador é um anjo, voando pelo meio do céu (veja o comentário sobre o meio do céu em 8:13); os ouvintes, a quem Deus envia a mensagem, são:

1 — Os que habitam na terra. Veja comentário sobre eles em 3:10;

2 — Os de toda nação, etc.; isto é, todos os que vivem neste mundo.

Note a ação dos anjos neste capítulo nos vs. 6, 8, 9, 15, 17, 18, 19.

V. 7 — Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo. E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

Agora vemos o conteúdo da mensagem de boas novas, proclamada pelo anjo. Não é o Evangelho; são as boas notícias que chegou a hora de pôr fim à opressão da besta e iniciar o governo do Criador. Note como o anjo mandou que fizessem o contrário daquilo que a maioria estava fazendo; longe de ter medo da besta o de honrá-la, deveriam temer a Deus (veja Mateus 10:28) e dar glória a Ele.

Os que habitam na terra adoravam o dragão e a besta, através da sua imagem (Apocalipse 13:4, 8, 12), mas o evangelho proclamado pelo anjo os exorta a adorar ao Criador em vez da criatura.

A razão de tudo isto é que já chegou a hora de juízo, quando a besta, que parecia invencível (veja 13:4), ia ser derrotada e o Senhor ia assumir o Seu lugar merecido.

Temos visto, portanto, nestas duas partes, a graça de Deus; primeiramente para com o judeu e depois para com todas as nações.

3) A queda de Babilônia — v. 8

V. 8 — E outro anjo seguiu dizendo: Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição.

Nas duas partes anteriores deste capítulo (vs. 1-7), vimos a vitória do Cordeiro; agora veremos a derrota dos Seus inimigos, primeiramente da grande Babilônia. Esta é a primeira menção de Babilônia no Apocalipse. A cidade de Babilônia nasceu do desejo de Ninrode de fundar um império mundial. Ele começou construindo a cidade de Babel (Gênesis 10:9, 10); os nomes Babel e Babilônia traduzem a mesma palavra hebraica.

É provável que Ninrode tenha dado à cidade o nome de Babil (que significa “o portão de Deus”), mas Deus lhe deu o nome de Babel (que significa “confusão”). Desde os primeiros tempos foi um centro de rebelião contra Deus (veja Gênesis 11). Foi o berço da idolatria e da astrologia e tornou-se símbolo da religião organizada e corrupta. Veremos mais detalhes em Apocalipse capítulos 17 e 18.

Aqui o anjo está prevendo a sua queda (veja 18:2). O fim do versículo mostra a razão da sua destruição. Compare com Jeremias 51:7. A união entre Babilônia e as nações é descrita como “*prostituição*” porque ela seduziu os povos a se desviarem de Deus; é descrita como “*vinho*” porque ela lhes ofereceu prazer que embriaga e vicia (veja 17:2); é descrita como “*ira*” porque a sua ação foi motivada por ira contra Deus (veja 18:3).

4) O juízo sobre os adoradores da besta — vs. 9-12

V. 9 — E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão,

Vemos agora a derrota de mais um inimigo: os adoradores da besta. Veja 13:16, 17. Aquele que não adorar a besta e não receber a sua marca terá que pagar um preço elevadíssimo, pois perderá o direito de vender ou de comprar e, portanto, a possibilidade de sobreviver.

V. 10— Também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da Sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro.

Agora vemos o preço, muito mais elevado, que terá que pagar aquele que aceita a marca da besta. Aquele que bebeu do vinho da ira da prostituição (v. 8) agora terá que beber do vinho da ira de Deus. Haverá uma relação óbvia entre o pecado e o castigo.

A palavra “ira” aparece duas vezes neste versículo na Versão Corrigida, mas traduz palavras diferentes do texto grego. A primeira indica uma explosão repentina de ira, mas a segunda indica uma ira mais controlada, porém, mais duradoura.

A sorte dos perdidos não será a aniquilação ou a inconsciência; eles serão “atormentados” (veja comentário sobre este verbo em 9:5). Nada poderá diluir a força desta ira; será deitada no cálice, “não misturada”.

V. 11 — E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome.

Agora temos mais informação a respeito deste tormento. Será para todo o sempre. Isto prova, de forma irrefutável, a sobrevivência eterna e consciente do pecador, depois da morte. O Espírito Santo repete aqui a descrição detalhada destas pessoas (veja o v. 9).

V. 12 — Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.

A palavra traduzida “paciência” é “perseverança” (veja comentário sobre esta palavra em 13:10). Os sofrimentos que a besta e os seus adoradores terão que sofrer eternamente são muito piores do que qualquer sofrimento que o servo de Deus terá que enfrentar, mesmo na Grande Tribulação. É isto que lhes dá perseverança.

A segunda parte do versículo identifica os santos da primeira parte. São aqueles que guardam os mandamentos de Deus (não os decretos da besta) e têm a fé de Jesus — o rejeitado e desprezado.

5) A bem-aventurança dos mártires — v. 13

V. 13 — E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam.

Mais uma vez, João recebe ordem para escrever; veja o comentário sobre 1:11. Veja nota sobre as bem-aventuranças em 1:3. Os santos poderiam pensar que os seus irmãos que foram mortos pela besta perderiam o privilégio do reino, mas o Senhor os declara bem-aventurados. Para eles, o morrer seria lucro (compare com Filipenses 1:21), pois a sua porção na Nova Jerusalém será muito melhor. Veja Apocalipse 20:4. Além das vantagens futuras que terão, têm ainda o

descanso do seu trabalho; compare com 6:11 e note o contraste em 14:11.

6) A ceifa da terra — vs. 14-16

V. 14 — E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a Sua cabeça uma coroa de ouro, e na Sua mão uma foice aguda.

A cor branca ocorre várias vezes no Apocalipse, relacionada com o Senhor e com os Seus santos (1:14; 2:17; 3:4, 5, 18; 4:4; 6:11; 7:9, 13; 19:11, 14; 20:11).

Em 10:1 (veja comentário), vemos o Senhor vestido de uma nuvem; agora Ele está assentado sobre a nuvem; compare com Mateus 17:5; Lucas 21:27; Atos 1:9; Apocalipse 11:12.

O texto grego não tem o artigo em Filho do homem; lê-se: “*semelhante a filho de homem*”. É a mesma expressão que encontramos em 1:13 (veja comentário). Compare também com João 5:27. A coroa que tem na Sua cabeça é a do vencedor, mas não é de folhas; é de ouro. Isto indica que não murchará; a Sua vitória nunca será invalidada. Sendo de ouro, símbolo de coisas divinas, está em harmonia com a Sua pessoa. A foice na Sua mão indica que chegou o tempo da ceifa.

V. 15 — E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: lança a Tua foice, e sega; é já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura.

Este anjo sai do santo dos santos; veja comentário sobre o templo em 3:12. Ele não estava mandando no Filho do homem; ele era simplesmente o mensageiro de Deus, comunicando oficialmente ao Filho a vontade de Deus.

A ceifa é a colheita dos cereais e implica em separação; o trigo vai para o celeiro e a palha é queimada. Compare com Mateus 3:12; 13:36-43. Veja também as primícias (v. 4).

V. 16 — E Aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a Sua foice à terra, e a terra foi segada.

Vemos, nesta figura, a chegada do Senhor Jesus à terra e a consequente separação entre perdidos e salvos. Compare com Mateus 24:30-31; Apocalipse 19:11-21.

7) A vindima da terra — vs. 17-20

V. 17 — E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda.

A palavra aqui traduzida “*templo*” é a mesma do v. 15; indica o lugar santíssimo. Veja 1:19. Compare a foice com a do v. 14.

V. 18 — E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: Lança a Tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras.

Este anjo não procede do santuário (v. 17), mas do altar. Este é o altar de bronze (veja comentário sobre altar em 8:3). Do altar, que simboliza a justiça de Deus, vem o anjo com a ordem para vindimar a terra. Na ceifa, vimos a salvação dos santos; na vindima, vemos a ira de Deus sobre os impenitentes.

V. 19— E o anjo meteu a sua foice à terra e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus.

Compare com Mateus 13:49, 50; 24:36-41. A palavra traduzida “ira” indica uma explosão súbita de cólera.

V. 20 — E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios.

Mil e seiscentos estádios são trezentos e vinte quilômetros, ou seja, a distância de Megido, no norte da terra de Israel, até Edom, no sul. Comparando as referências do Velho Testamento à guerra de Armagedom, descobrimos que a área da campanha será exatamente esta. Veja Isaías capítulo 34; 63:1-6; Joel 3:2, 13; Zacarias 12:2-11; 14:2.

.oOo.

CAPÍTULO

15

Este capítulo é introdutório, mostrando-nos os preparativos para a última série de juízos que virão sobre a terra.

ANÁLISE

- 1) O cântico do Cordeiro (vs. 1-4);
- 2) Os sete anjos e suas taças (vs. 5-8).

COMENTÁRIO

V. 1 — E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos, que tinham as sete últimas pragas; porque nelas é consumada a ira de Deus.

Veja o comentário sobre “sinais” em 12:1. Em 12:3, João diz que viu um sinal no céu; em 12:1, ele viu um grande sinal no céu; agora, este terceiro é descrito como “grande e admirável”. A palavra traduzida “admirável” ocorre somente duas vezes no Apocalipse; a outra ocorrência descreve as obras de Deus em 15:3 (“maravilhosas”, na Versão Corrigida). O que causou tanta admiração neste sinal talvez tenha sido a severidade destas últimas pragas.

Das vinte e uma ocorrências da palavra “praga” em o Novo Testamento, quinze se encontram no Apocalipse. Em Lucas 10:30 é traduzida “espancando” na Versão Corrigida; em Atos 16:23 é traduzida por “açóites” e, no mesmo capítulo, é traduzida outra vez por “vergões” (v. 33). Aqui é usada metaforicamente para descrever calamidades e tormentos. É usada no capítulo 13 para descrever o ferimento mortal da cabeça da besta (13:3, 12, 14).

Estas pragas são chamadas de “as últimas”. Encontramos três séries anteriores: os selos e as trombetas (que foram revelados) e os trovões (que foram selados) (10:3, 4). Esta série (das taças) será a última e a razão apresentada no fim do versículo é que nelas a ira de Deus será consumada. Este verbo (“consumada”) é o mesmo que o Senhor Jesus usou na cruz, ao dizer: “Está consumado” (João 19:30); é o mesmo verbo (no texto grego) usado por Paulo, quando disse: “acabei a carreira” (2 Timóteo 4:7). Veja seu uso no Apocalipse, onde aparece em 10:7; 11:7; 15:1, 8; 17:17; 20:3, 5, 7. Esta série de pragas acontecerá nos dias da sétima trombeta, satisfazendo as exigências da justiça de Deus em relação a esta terra; compare com 10:7, com 15:8 e com 16:17.

V. 2 — E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus.

Antes de mostrar a série de pragas, porém, vemos uma cena muito diferente. Os que venceram a besta aparecem sobre “um mar como de vidro”, alegremente louvando a Deus.

Já contemplamos este mar (veja o comentário sobre 4:6), mas agora há um fator novo. No capítulo 4, o mar refletia, sem dúvida, o fogo das sete tochas, mas aqui o vidro é misturado com fogo; o aspecto da justiça de Deus (sempre presente) agora é mais destacado. O contexto também requer que seja assim.

Observe também como Deus detalha os aspectos da vitória dos Seus, mencionando a besta, a imagem e o número (o texto grego não

fala de sinal neste versículo). Pela ordem em que são mencionadas, estas coisas mostram a vitória sobre a besta na esfera política, religiosa e econômica. Estes servos de Deus morreram, mas venceram; compare com Hebreus 2:14. A sua alegria é simbolizada pelas harpas (veja comentário sobre harpas em 5:8). São harpas de Deus; isto indica que a sua alegria está em Deus.

V. 3 — E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as Tuas obras. Senhor Deus Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos.

O seu cântico é duplo. Pensar que o de Moisés e o do Cordeiro são um só cântico seria cometer o mesmo erro que Pedro cometeu no Monte da Transfiguração (Mateus 17:4). O cântico de Moisés é de redenção, destacando o aspecto físico, pois foram redimidos da escravidão do Egito (veja Êxodo 15:1-11). O cântico do Cordeiro também é de redenção, porém destaca o aspecto espiritual, pois fomos redimidos do pecado e da opressão de Satanás. Portanto, o cântico destes santos celebra tanto a sua salvação física da opressão da besta, como a sua salvação eterna das consequências do pecado.

A expressão “grandes e maravilhosas” é repetida do v. 1.

Louvam a Deus como Senhor, reconhecendo a Sua autoridade (não a da besta) e como Todo-Poderoso, reconhecendo-O como fonte de todo o poder (não o dragão). Veja o comentário sobre Todo-Poderoso em 1:8.

O texto grego diz: “Rei das nações” e não “Rei dos santos”. Como a suprema autoridade sobre as nações, os Seus caminhos são justos e verdadeiros, não como os da besta.

V. 4 — Quem Te não temerá, ó Senhor, e não magnificará Teu nome? Porque só Tu és santo; por isso todas as nações vir e se prostrarão diante de Ti, porque os Teus juízos são manifestos.

Compare com Êxodo 15:14-16.

Há três razões neste versículo pelas quais todos temerão ao Senhor e glorificarão (o verbo traduzido “magnificará” é “glorificará”) o Seu nome. A palavra “porque” aparece três vezes neste versículo no texto grego, introduzindo as três razões:

1 — Porque só o Senhor “é santo”. Esta palavra traduzida “santo” não é aquela que encontramos três vezes em 4:8. É uma palavra que indica santidade saturada de misericórdia. Ocorre poucas vezes em o Novo Testamento e é impressionante que neste contexto, onde veremos as últimas pragas, o Espírito Santo empregue esta palavra. Mesmo nos mais terríveis juízos, Deus não Se esquece de misericórdia.

2 — Porque todas “as nações virão e se prostrarão”. Esta certeza é baseada no título do versículo anterior: “Rei das nações”. Veja Salmo 2:8; 22:27-29; Isaías 66:23.

3 — Porque “os Teus juízos são manifestos”. A palavra traduzida “juízos” vem da mesma raiz que “justo”; é traduzida por “justiças” em 19:8. Ocorre somente estas duas vezes no Apocalipse.

V. 5 — E depois disto olhei, e eis que o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu.

A palavra “templo” indica o lugar santíssimo (veja o comentário sobre templo em 3:12). Em 11:19, viu-se a arca do concerto no santuário, a garantia da presença de Deus com os Seus, mas aqui não há menção da arca porque os versículos que seguem vão mostrar as últimas pragas sobre os inimigos de Deus.

V. 6 — E os sete anjos que tinham as sete pragas saíram do templo, vestidos de linho puro e resplandecente, e cingidos com cintos de ouro pelos peitos.

Os sete anjos saíram do santuário, onde não se via a arca; quadro terrível, indicando a severidade destas pragas. Vemos isto agora do ponto de vista do céu; no capítulo seguinte veremos as consequências na terra.

Os vestidos indicam funções sacerdotais; compare também a sua relação com o santuário, O cinto é de ouro, indicando que estes juízos são de Deus. Veja comentário sobre cinto em 1:13.

V. 7 — E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre.

Mais uma vez, vemos a função dos quatro seres viventes como executores dos propósitos de Deus em relação à terra; veja o comentário sobre 4:6.

As salvas, ou taças, são de ouro; compare com o cinto de ouro (v. 6). Estas taças estão cheias da ira de Deus. A palavra traduzida “ira” indica uma explosão repentina de cólera; veja o comentário sobre ira em 14:10.

V. 8 — E o templo encheu-se com o fumo da glória de Deus e do Seu poder; e ninguém podia entrar no templo, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos.

No santuário terrestre, a nuvem da glória de Deus indicava a presença do Senhor. O sumo sacerdote entrava, levando o incensário, cuja fumaça o cobria enquanto ele ministrava. Mas, neste santuário, ninguém pode entrar. Esta figura solene indica que ninguém mais poderá interceder a favor desta terra.

O verbo traduzido “consumassem” é o mesmo do v. 1.

.oOo.

CAPÍTULO

16

Este capítulo apresenta a última série de juízos sobre a terra (veja introdução ao capítulo 15). A análise é simples, sendo que relata de forma cronológica as sete taças e as suas consequências para os homens.

COMENTÁRIO

V. 1 — E ouvi, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as sete salvas da ira de Deus.

A voz que João ouviu veio do santuário, do meio da fumaça impenetrável. Mais uma vez, notamos a soberania de Deus; os anjos não poderiam entrar em ação sem uma ordem do santuário. A palavra traduzida “*salvas*” ocorre somente no Apocalipse, onde a encontramos doze vezes; além das oito ocorrências deste capítulo (às vezes traduzida por taças), ocorre também em 5:8; 15:7; 17:1; 21:9. Refere-se a uma vasilha da qual o conteúdo pode ser derramado rapidamente.

V. 2 — E foi o primeiro, e derramou a sua salva sobre a terra, e fez-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem.

Observe, a partir deste versículo, o paralelismo entre as sete trombetas e estas sete taças. Compare com 8:7. Na primeira trombeta, bem como aqui na primeira taça, a terra é atingida. A terra deve ser entendida simbolicamente, representando Israel, ou aquelas áreas do governo estável; veja o comentário sobre a terra e o mar em 13:1. A palavra traduzida “*chaga*” aparece somente três vezes em o Novo Testamento (Lucas 16:21; Apocalipse 16:2, 11). Mostra a depravação e o vexame causados pelo pecado.

Sendo que alguns símbolos têm uma interpretação dupla (veja 17:9 e 10), pode haver mais do que um aspecto destas chagas.

Observe a natureza discriminatória destas pragas; virão sobre os que terão a marcada besta; os servos do Senhor não sofrerão. Compare com Êxodo 9:6, 7; 10:23 etc..

V. 3 — E o segundo anjo derramou a sua salva no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu no mar toda a alma vivente.

Compare com 8:8 e 9.

As nações gentias, ou aquelas que não desfrutem de governo estável, sofrerão este terrível juízo e a sua morte espiritual tornar-se-á patente e repugnante.

V. 4 — E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue.

Compare com 8:10 e 11.

Os rios e fontes que sustentam a vida nada mais terão que oferecer aos seguidores da besta senão conflito, violência e sofrimento, simbolizados pelo sangue nos rios e nas fontes.

Compare com Êxodo 7:19-21.

V. 5 — E ouvi o anjo das águas que dizia: Justo és Tu, ó Senhor, que és, e que eras, e santo és, porque julgaste estas coisas.

Compare com o anjo que tem autoridade sobre o fogo (14:18); este tem autoridade sobre as águas. As águas (o mar, os rios e as fontes) tinham sido atingidas, mas este anjo declara que o Senhor é justo. As palavras “ó Senhor” não constam no texto grego deste versículo. Note também que ele descreve o Senhor apenas como Aquele que é e que era, omitindo a referência ao futuro; não diz “que hás de vir” como temos em 1:4, 8 etc.. O contexto não permitiria a inclusão desta frase; veja 15:1.

Note a palavra “santo”; é a mesma que encontramos em 15:4 (veja comentário).

V. 6 — Vista como derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também Tu lhes deste o sangue a beber; porque disto são merecedores.

O anjo prossegue mostrando porque Deus é justo em agir desta forma tão drástica. Os seguidores da besta derramaram o sangue dos santos e dos profetas; terão que colher o que semearam. Compare com Gálatas 6:7; Êxodo 21:24; Apocalipse 11:18; 17:16.

V. 7 — E ouvi outro do altar, que dizia: Na verdade, ó Senhor Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos.

No texto grego lemos: “E ouvi o altar dizer:...” Os tradutores queriam eliminar o que parecia ser um problema, pois um altar não fala. A beleza, porém, do texto sagrado ficou obscurecida. Apocalipse é um livro de símbolos e nada mais natural do que, nesta situação, o Espírito dizer: “o altar falou”.

Já tivemos o testemunho do anjo das águas, justificando a ação de Deus; agora o altar (veja o comentário sobre “altar” em 8:3) declara que estes juízos são verdadeiros e justos. Compare com 6:9.

As almas dos mártires estavam debaixo deste altar. Agora, o altar, que viu o seu martírio e ouviu seus rogos (6:10), vindica os juízos retributivos de Deus. Compare com Gênesis 4:10. Veja o comentário sobre Todo-Poderoso em 1:8.

V. 8 — E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lho permitido que abrasasse os homens com fogo.

Compare com 8:12.

Continuando a interpretação simbólica, vemos que o próprio governo (“sol”) será a causa de grandes sofrimentos para os homens. Note o contraste com a quarta trombeta, quando houve uma redução no brilho do sol; nesta taça, há um aumento na sua intensidade.

V. 9 — E os homens foram abrasados com grandes calores, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para Lhe darem glória.

Veja quão perversa é a natureza humana! O pecador reconhece que Deus tem poder sobre estas pragas. Sabe que é a mão de Deus que está pesando sobre ele, mas estes sofrimentos e este conhecimento não o levam ao arrependimento; pelo contrário, produzem maiores blasfêmias. Compare com Isaías 42:25. Veja a mensagem do anjo que anunciou um evangelho eterno (14:6, 7); mas os homens recusam-se dar glória a Deus. Compare com Faraó (Êxodo 5:2 etc.).

V. 10 — E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e eles mordiam as suas línguas de dor.

Compare com 9:1 e 2.

A palavra traduzida “tenebroso” ocorre somente aqui em o Novo Testamento, mas o substantivo da mesma raiz ocorre frequentemente, sendo usado para descrever trevas espirituais (Mateus 4:16; 6:23); as trevas do inferno (Mateus 8:12; 22:13); as trevas que vieram sobre a terra quando o Senhor Jesus foi crucificado (Mateus 27:45); o reino de Satanás (Romanos 13:12; 1 Coríntios 4:5 Efésios 5:11). Compare com o efeito da fumaça do poço do abismo (9:2).

Este juízo atingiu o trono da besta, isto é, a autoridade do seu governo, e os efeitos foram sentidos profundamente pelos seus súditos.

Veja Êxodo 10:21-23.

V. 11 — E por causa das suas dores, e por causa das suas chagas, blasfemaram do Deus do céu; e não se arrependeram das suas obras.

A ordem das palavras no texto grego dá ênfase à blasfêmia deles. A causa desta blasfêmia é dupla:

1 — “Por causa das suas dores”. A palavra traduzida “dores” ocorre somente três vezes em o Novo Testamento e é peculiar do Apocalipse. Duas destas ocorrências estão neste capítulo; veja o v. 10, onde, na forma singular, esta dor levou os homens a morder as suas línguas; aqui, na forma plural, leva-os a blasfemar. A terceira ocorrência desta palavra apresenta um contraste alegre, pois na Nova Jerusalém não haverá mais dor (21:4).

2 — *“Por causa das suas chagas”*. Veja o v. 2, onde encontramos a forma singular da mesma palavra.

V. 12 — *E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente.*

Compare com 9:14.

O Eufrates era a fronteira natural do Império Romano e uma defesa natural contra ataques do Oriente. Interpretando isto simbolicamente, vemos a remoção daquelas barreiras que defendem dos ataques do inimigo. Creio que aqui temos mais um exemplo do princípio de interpretação dupla (veja o comentário sobre o v. 2), pois haverá literalmente uma grande invasão dos reis do Oriente; veja 19:19; Zacarias 12:3; 14:2.

V. 13 — *E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs.*

Após a remoção das defesas naturais, vemos grande atividade demoníaca. Compare com o capítulo 9. Um decreto, ou discurso da besta e de seu ajudante, o falso profeta, será de fato a mensagem do dragão e porá em andamento os eventos que culminarão nas batalhas de Armagedom.

Compare com Êxodo 8:1-6.

V. 14 — *Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso.*

Aqui aprendemos algo mais sobre estes espíritos imundos:

1 — Identidade: são espíritos de demônios;

2 — Trabalho: fazem prodígios. Compare com 13:13, 14; 2 Tessalonicenses 2:9; Mateus 24:5, 11,24;

3 — Objetivo: reunir os reis de todo o mundo para a batalha. Por meio dos prodígios que farão, hão de influenciar as lideranças mundiais a fim de levá-las à batalha. A palavra traduzida *“batalha”* significa *“guerra”*; não é uma batalha isolada, mas uma campanha militar, que poderá ser composta de muitas batalhas. A ocasião desta guerra é o grande dia do Deus Todo-Poderoso. Note o contraste em Lucas 22:53. Veja o comentário sobre Todo- Poderoso em 1:8.

V. 15 — *Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda os seus vestidos, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas.*

De repente, a narração destes acontecimentos tão dramáticos é interrompida pelo clamor do Senhor Jesus: *“Eis que venho como ladrão”*. A narração destes acontecimentos recomeça no v. 16.

Para o mundo, Ele virá como ladrão. Isto quer dizer que a Sua vinda não será desejada, nem esperada. Mas aquele que vigia, espera e deseja a vinda do Senhor. Este é “*bem-aventurado*”; veja o comentário sobre as bem-aventuranças em 1:3.

A atitude que convém aos servos do Senhor, mesmo nos dias da Grande Tribulação, é de vigilância e de separação do mal. Não devem se impressionar com os prodígios dos demônios, nem se contaminar com as suas imundícias (v. 13).

V. 16 — E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom.

Terminado o parêntese, a narração prossegue agora. A missão dos demônios terá pleno êxito. Os reis de todo o mundo se congregarão em Armagedom.

Armagedom significa a “colina de Megido”; Megido significa “matança”. Lemos de Megido em Juízes 5:19; reis dos gentios vieram a Megido para pelear contra Israel, mas, dos céus, Deus pelejou contra eles e os derrotou. Megido não poderá conter as multidões que virão à guerra no Dia do Deus Todo-Poderoso, mas o nome de Armagedom é dado àquela guerra para indicar que acontecerá o que aconteceu em Megido. Compare com Salmos 83:3-5; Joel 3:2, 12, 14; Zacarias 14:2, 3; Isaías 63:1-6.

Estas referências mostram que a campanha de Armagedom se estenderá desde Megido, ao norte, até Edom e Bozra, ao sul, incluindo o vale de Josafá e a cidade de Jerusalém. Os participantes incluirão os dez reinos liderados pela besta (Apocalipse 19:19), os reis do oriente (veja 16:12), o rei do norte e o rei do sul (Daniel 11:40). Vimos no v. 14 que os reis de todo o mundo participarão. Compare com Sofonias 3:8.

V. 17 — E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito.

Veja o comentário sobre “templo” em 15:5. As palavras “do céu” não constam no texto grego. A voz sai do santuário e também do trono, como se este estivesse no santuário; compare com Isaías 6:1.

O anjo anuncia que “*está feito*”. Isto é, o juízo de Deus sobre a terra, derramado nesta série de juízos, já está terminado. A próxima medida pertence ao Filho do homem, que virá pessoalmente à terra para exercer o juízo.

Veja o comentário sobre “ar” em 9:2.

V. 18 — E houve vozes, e trovões, e relâmpagos, e um grande terremoto, como nunca tinha havido desde que há homens sobre a terra: tal foi este tão grande terremoto.

Manifestações assustadoras seguirão a voz do anjo, culminando em um terremoto tal qual nunca houve. Interpretado simbolicamente, isto indica uma convulsão política, econômica, religiosa e social que

abalará o mundo inteiro, destruindo a sua estrutura social. Nunca houve um transtorno semelhante a este. Pode haver uma interpretação dupla (veja o comentário sobre o v. 2) e se dar, literalmente, um grande terremoto.

V. 19 — E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e da grande Babilônia se lembrou Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da Sua ira.

A expressão “a grande cidade” aparece em 11:8, referindo-se a Jerusalém; em 17:18, a referência é claramente a Roma. No capítulo 18 (ocorre cinco vezes) refere-se a Babilônia. O contexto aqui (16:19) indica que a grande cidade é Roma, já que Babilônia é mencionada em separado. Se a grande cidade for Roma, então as cidades das nações serão aquelas fora do império da besta.

As consequências do abalo mencionado no versículo anterior terão maior repercussão nestas cidades fora do império; elas cairão. Compare com 18:9 e 10, onde os reis da terra (não os confederados da besta) lamentam o grande transtorno que resulta da queda da grande Babilônia. O final deste versículo liga este transtorno com o juízo sobre Babilônia. A grande cidade, Roma, a sede do governo da besta, também sofrerá, mas não tanto quanto as demais; ficará dividida em três partes.

Os detalhes sobre os sofrimentos de Babilônia serão apresentados nos capítulos seguintes (capítulos 17 e 18).

V. 20 — E toda a ilha fugiu; e os montes não se acharam.

Já encontramos estes símbolos; veja o comentário sobre 6:14. Centros de governo independentes ou organizações autônomas, bem como os considerados grandes, serão removidos do seu lugar nesta tremenda confusão. Compare com Salmos 18:7; Jeremias 4:24-26.

V. 21 — E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do peso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da saraiva: porque a sua praga era mui grande.

Compare com Êxodo 9:22-26.

Já encontramos “saraiva” na ocasião da primeira trombeta e também da sétima (veja 8:7 e 11:19). Agora lemos de pedras de um talento. Simbolicamente, o talento é a medida da responsabilidade humana (veja Mateus 25:15-29), o que indica que a severidade do juízo será na proporção exata da responsabilidade de cada um. O peso de um talento depende do talento; se for o ático, é de aproximadamente vinte e cinco quilogramas; havia outros talentos cujo peso poderia ser até de cinquenta quilogramas.

Mas não haverá arrependimento; blasfemarão contra Deus. Compare com os vs. 9 e 11.

CAPÍTULO

17

O Espírito Santo interrompe novamente a narração dos acontecimentos para mostrar, em mais detalhes, a queda da Grande Babilônia. Estes detalhes ocupam os capítulos 17 e 18 e ainda uma parte do capítulo 19. Sendo que tanto espaço é dedicado a um assunto que já foi mencionado em 14:8 e em 16:19, julgamos que é de grande importância.

É necessário, mesmo em nossos dias, que entendamos o que é a Grande Babilônia e qual será o seu fim, para que possamos evitar qualquer contato infiel com ela e impedir que as suas características se infiltrem em nosso meio.

ANÁLISE

- 1) O Mistério: A Grande Babilônia — vs. 1-6;
- 2) O Mistério revelado — vs. 7-18;
 - a) A besta — vs. 7-14;
 - b) A mulher — vs. 15-18.

COMENTÁRIO

1) O Mistério: A Grande Babilônia — vs. 1-6

V. 1 — E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo-me: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas;

O fato de ser um dos sete anjos que tinha as sete taças quem mostrou isto a João indica que há uma relação íntima entre as pragas do capítulo 16 e a destruição de Babilônia que vamos considerar agora. Isto confirma que a queda de Babilônia acontecerá bem no final da Grande Tribulação (veja 16:19).

Cinco vezes Deus usa a palavra “*prostituta*” para descrever esta organização (vs. 1, 5, 15, 16; 19:2). Duas vezes Ele acrescenta o adjetivo “*grande*” (17:1 e 19:2), indicando assim a magnitude da sua perversão. Deus a chama uma vez de “*mãe das prostitutas*” (17:5), indicando assim o alcance de sua influência. Já que a Igreja verdadeira é apresentada sob a figura da esposa do Cordeiro, esta mulher imoral e infiel

representa a “igreja” falsa, ou seja, aquela organização que professa ser a Igreja do Senhor. Veja 2 Coríntios 11:2; Efésios 6:32.

O anjo disse que mostraria a sua “condenação”. Veja a mesma palavra (condenação) em 18:20, onde a tradução literal é: “*Deus julgou a condenação de vós por ela*” (veja o comentário sobre 18:20).

A posição da prostituta (“*assentada*”) indica a sua autoridade, bem como a sua opulência. As águas representam povos (veja o v. 15).

V. 2 — Com a qual se prostituíram os reis da terra; e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição.

Veja a intimidade entre esta organização religiosa e as lideranças políticas do mundo. Estes reis não são os mesmos que a destroem (v. 16); compare com 18:9, 10. A sua influência, porém, não se limitará aos reis; atingirá também as massas, pois os que habitam na terra (veja comentário sobre 3:10) se embebedaram. A figura do vinho sugere o prazer que prejudica e escraviza a própria pessoa. A figura de prostituição sugere o prazer ilícito e pecaminoso. Compare com Jeremias 51:7.

V. 3 — E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres.

Veja o comentário sobre “*em espírito*” em 1:10. Para ver esta grande prostituta e sua condenação. João é levado a um deserto; note o contraste com Apocalipse 21:10, quando ele é levado a um alto monte para ver a esposa do Cordeiro. Compare com Isaías 21:1-10.

Em primeiro plano, João viu uma mulher. Ele notou que ela estava assentada sobre uma besta e, antes de descrever a mulher, descreve a besta que a carrega. A besta era de cor de “*escarlata*”. Escarlata também aparece no vestido da mulher (v. 4) e nas mercadorias de Babilônia (18:12), bem como no seu adorno (18:16).

Além destas referências, ocorre em o Novo Testamento somente em Mateus 27:28 e em Hebreus 9:19. Simboliza a grandeza; compare com 2 Samuel 1:24 e com Mateus 27:28.

Veja o comentário sobre os nomes de blasfêmia em 13:1 e note aqui que a besta está cheia de nomes de blasfêmia. Não há dúvida que é a mesma besta. Quanto às cabeças e aos chifres, veja comentário sobre 13:1 e a interpretação dada pelo anjo (17:9-12).

V. 4 — E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição;

As cores das vestes da mulher indicam a sua compatibilidade com a besta; compare com o v. 3. “Púrpura” e “escarlata” eram as cores dos imperadores e senadores romanos. O quadro apresentado pelas cores mencionadas, juntamente com o adorno de ouro, pedras preciosas e pérolas, indica opulência e arrogância. O cálice de ouro na sua mão faz lembrar o v. 2 (veja outra vez Jeremias 61:7). Note que o cálice está cheio; ela oferece em abundância aquilo que o povo quer. Os ingredientes são dois:

1 — Abominações. Esta palavra é usada em toda a Bíblia para indicar a idolatria. Veja, por exemplo. 2 Reis 23:13; Isaías 44:19; Ezequiel 20:7.

2 — Imundícia da sua prostituição. A idolatria e a imoralidade sempre andam juntas; veja Apocalipse 2:14, 20. No mundo pagão, a deusa Vênus foi representada como tendo um cálice de tentação na mão; Semiramis, a precursora desta deusa, estava relacionada com a Babilônia antiga. Veja o contraste; apesar do esplendor e glória descritos na primeira parte do versículo, apresentando tudo que o mundo considera grande, belo e glorioso, vemos a imundícia revoltante no seu cálice.

V. 5 — E na sua testa estava escrito o nome: Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra.

Já notamos a besta cheia de nomes de blasfêmia (v. 3); a meretriz também tem nome (o artigo “o” não consta no texto grego). Este nome estava na sua testa; compare com 7:3 e 13:16.

“Mistério” não é uma parte do seu nome; descreve o nome. O texto grego, nesta parte, diz: “escrito nome, mistério, Babilônia a grande”. Veja comentário sobre “mistério” em 1:20.

O nome revela o caráter desta organização. Veja o comentário sobre Babilônia em 14:8 e compare com 16:19. As religiões do mundo inteiro baseiam-se, em maior ou menor grau, nas ideias da antiga Babilônia. Ela é a mãe de todas as “prostitutas” (o texto grego diz: “prostitutas” e não “prostituições”) e de todas as abominações. Isto é, tanto as organizações religiosas como também as suas práticas idólatras nasceram na Babilônia.

V. 6 — E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração.

Os que habitam na terra se embriagaram com a imundícia que estava no cálice de Babilônia (v. 2); agora vemos a própria Babilônia embriagada (o mesmo verbo ocorre nos dois casos) com o sangue dos justos. O povo mundano procurava, com a sede de um viciado, as imundícias e a opulência que ela oferecia; ela, por sua vez, com igual

intensidade, procurava o sangue dos servos de Deus. Estes servos são descritos como santos (perante Deus) e como testemunhas de Jesus (perante os homens). O Senhor Jesus é chamado de Testemunha (1:5; 3:14); na igreja em Pérgamo, Antipas era a fiel testemunha (veja 2:13); havia duas testemunhas em Jerusalém (capítulo 11).

Vendo esta mulher embriagada, João ficou muitíssimo admirado. A corrupção espiritual e moral de uma organização religiosa não teria causado tanto espanto (João já tinha visto isto no judaísmo), mas ele se admirou com grande admiração vendo aquela organização que professava ser a Igreja de Deus, embriagada com o sangue dos próprios servos de Deus.

2) O Mistério revelado — vs. 7-18

a) A besta — vs. 7-14

V. 7 — E o anjo me disse: Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher, e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres.

Quando Deus interpreta, geralmente Ele acrescenta mais informações. Veremos nos versículos seguintes alguns detalhes novos quanto à mulher e à besta, além da interpretação daquilo que já foi mostrado. Note bem que a mulher e a besta são distintas, embora unidas, no início da visão; veja o comentário sobre v. 3

V. 8 — A besta que viste foi e já não é, e há de subir abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo se admirarão vendo a besta que era e já não é, mas que virá.

Veja o comentário sobre a besta em 13:1. A primeira coisa que o anjo nos diz é que esta besta existiu, não existe, mas reaparecerá. Sendo que outras profecias, como Daniel 9:26. indicam claramente que este império do futuro será romano, entendemos que João está vendo estas coisas não do ponto de vista do ano 96 A. D. (ano em que escreveu o Apocalipse), mas do ponto de vista do capítulo 4:1, ou seja, do tempo do arrebatamento.

O Império Romano existia quando João escreveu, mas não existirá mais no fim desta dispensação. Logo depois, porém, reaparecerá; o verbo traduzido “há” indica certeza e iminência; está para subir.

Na sua forma futura, porém, este império será diabólico; vem do abismo. Veja o comentário sobre 9:2 e 13:1. Vai à perdição; estará com o diabo no seu fim.

Veja o comentário sobre “os que habitam na terra” em 3:10.

Veja o comentário sobre “o livro da vida” em 3:5. Os nomes neste livro foram escritos desde a fundação do mundo. Nisto vemos a presciência de Deus e a imutabilidade dos Seus propósitos. Compare com 13:8.

O verbo traduzido “*se admirarão*” ocorreu nos vs. 6 e 7.

No final do versículo vemos outra vez que a besta era, que não é, mas que estará presente. A palavra traduzida “*virá*” é, literalmente, “*estará presente*”. Note a diferença; no início do versículo vemos o ponto de vista de Deus (“*há de subir do abismo*”); agora, vemos o ponto de vista dos que habitam sobre a terra (“*estará presente*”).

Nisto vemos uma imitação grosseira e grotesca de nosso Senhor; veja como Ele é descrito em 1:4.8; 11:17; 16:5. O Senhor, porém, veio do céu e voltou ao céu; a besta virá do abismo e irá à perdição. Veja o comentário sobre 1:4.

Note a aparente contradição: João viu a besta, mas diz que a besta não é. Ele a viu na visão; na realidade, não existia.

V. 9 — Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada.

Compare com 13:10 e 18.

Interpretando a visão, o anjo diz que as sete cabeças são sete montes ou colinas, assim indicando a localização geográfica desta mulher. Se qualquer livro profano falasse da cidade dos sete montes, todos saberiam que se referia a Roma. Da mesma maneira que Jerusalém é chamada de Sodoma e de Egito (11:8), assim Roma é chamada de Babilônia, porque reflete as características morais e espirituais daquela cidade antiga. A Babilônia antiga situava-se na planície de Sinear.

Observe as posições da mulher; assentada sobre muitas águas (v. 1), assentada sobre a besta (v. 3), assentada sobre sete montes (v. 9).

V. 10 — E são também sete reis: cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo.

As cabeças têm um significado duplo. São também sete reis. Alguns entendem isto como formas de governo dentro do império romano e apontam as diversas formas que se sucederam (reis, cônsules, ditadores, decênviros, tribunas militares e imperadores). O verbo traduzido “*caíram*”, porém, leva a pensar que são realmente reis ou reinos, pois este verbo aplica-se mais à queda de uma nação do que a uma simples mudança na forma do seu governo.

Sendo assim, podemos indicar, como os cinco que caíram: Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia. Estas nações ou impérios tiveram contato direto com Israel e, por esta razão, estão contados aqui

por Deus. Veja a relação entre montanhas e impérios em Daniel 2:35 e 44.

O sexto existe; seria o império romano que dominava quando João escreveu. Há uma dificuldade aqui. O sexto rei existe, mas no v. 8 lemos que a besta não é. Parece que João está vendo dois aspectos do mesmo poder. Quando aparecer o sétimo, que será o romano na sua forma futura, ficará pouco tempo; veja o versículo seguinte.

V. 11 — E a besta que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição.

Aqui temos outra aparente contradição; a besta é um oitavo rei (o artigo “o” de oitavo não consta no grego), mas é também dos sete. O sétimo será a futura confederação de dez reinos na sua condição original. Durará pouco tempo, pois logo aparecerá “a ponta pequena” (Daniel 7:8 etc.), arrancando três das primeiras e passando a controlar o império. Este será realmente o oitavo, mas é também dos sete.

V. 12 — E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão o poder como reis por uma hora, juntamente com a besta.

Compare estes dez chifres com os de Daniel 7:7 e com os dez dedos de Daniel 2:41-44. As sete cabeças eram consecutivas (veja o v. 10), mas os dez chifres são contemporâneos. A expressão “uma hora” não indica a duração do seu reino e sim, o fato que eles reinarão simultaneamente com a besta; o texto grego não diz “por uma hora”, mas simplesmente “uma hora”.

V. 13 — Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta.

Agora vemos como a besta consegue a supremacia. Os dez reis, unanimemente, entregam a sua autoridade à besta e esta assume plenos poderes ditatoriais. Note as duas coisas que entregam:

- 1 — Seu poder; a força dos seus exércitos;
- 2 — Sua autoridade; seus governos serão controlados pela besta.

V. 14 — Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Ele, chamados, eleitos, e fiéis.

Vemos agora o intento (v. 13) que uniu estes reis e os levou a submeterem-se à liderança da besta — rebelião contra Deus e ódio contra o Cordeiro. Poderia haver divergências pessoais, políticas e religiosas, mas acharam uma causa comum que os uniu. Compare com Atos 4:27; Salmos 2:1-3; Lucas 23:12.

O nome “Cordeiro” fala do amor de Deus e da salvação que Ele preparou para pecadores rebeldes, tais como estes reis. Os detalhes da guerra não são dados aqui. Como a queda de Babilônia foi mencionada primeiro (14:8 e 16:19) e os detalhes foram dados mais tarde (capítulos

17 e 18), assim lemos aqui da derrota da besta, mas teremos alguns detalhes desta derrota somente quando chegarmos ao capítulo 19.

O Cordeiro leva o título de “*Senhor dos senhores e Rei dos reis*”. Compare com Filipenses 2:7-11; Apocalipse 5:5, 6; 19:16.

Há três palavras no final do versículo que identificam aqueles que estarão com o Cordeiro na Sua vitória; são “*chamados, e eleitos, e fiéis*”. Anjos são eleitos e fiéis, mas a palavra “*chamados*” nunca é usada na Bíblia com referência a anjos. Portanto, estes não são anjos. São pecadores, chamados pelo Evangelho e salvos pela graça de Deus.

b) A mulher — vs. 15-18

V. 15 — E disse-me: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas.

Compare com o v. 1. A influência maléfica de Babilônia estende-se a todos os povos.

V. 16 — E os dez chifres que viste na besta são os que aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo.

O texto grego diz: “*os dez chifres que viste e a besta*”. Não foram somente os dez reis que aborreceram a prostituta; a besta também. Parecia que ela controlava a besta (v. 3), mas, na realidade, era a besta que a estava usando (v. 7). Agora, a Babilônia já satisfaz o propósito da besta (unindo os que habitam na terra em uma só religião) e esta não precisa mais dela. A besta e os seus comparsas a destruirão. Com reis da terra ela se prostituiu (v. 2); por reis (não os mesmos), ela será destruída. Veja o comentário sobre 16:6.

No texto grego a palavra “*carne*” é plural.

V. 17 — Porque Deus tem posto em seus corações que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma ideia, e que deem à besta o Seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.

O texto grego deixa bem claro que o intento aqui é o de Deus. Isto mostra como foi produzida a união entre estes líderes. Sem dúvida, a besta e o mundo hão de pensar que a união foi conseguida pela sabedoria política da besta, mas aqui vemos a mão de Deus operando em tudo isto. Compare com Atos 4:27, 28. É impressionante como até os inimigos mais inveterados de Deus cumprem, sem querer e sem saber, o Seu propósito. Veja Salmos 76:10.

Veja o comentário sobre “*consumada*” em 15:1.

V. 18 — E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra.

Quando João escreveu estas palavras, a grande cidade que reinava sobre os reis da terra era Roma. Compare com os sete montes do v. 9.

CAPÍTULO

18

Neste capítulo vemos um outro aspecto de Babilônia e mais detalhes quanto à sua queda. No capítulo anterior, vimos a destruição da prostituta (Babilônia) pela besta e pelos dez reis. É um exemplo claro da justa retribuição de Deus. Ela se prostituiu com reis; reis a destruirão. Agora, no capítulo 18, vemos outra vez a sua destruição, mas desta vez sem qualquer menção à besta ou a reis; é Deus Quem a destrói.

Esta diferença, tão óbvia, tem levado alguns a pensar que são dois juízos distintos. Primeiramente, a destruição da Babilônia religiosa (a mulher), no capítulo 17, e, posteriormente, a destruição da Babilônia comercial (a cidade), no capítulo 18. Creio que não há razão em pensar que são dois juízos distintos.

No Velho Testamento, Deus falou que Ele destruiria a Babilônia antiga (Isaiás 48:14), mas com igual clareza mostra que foram os medopersas que derrubaram a Babilônia (Daniel 5: 30, 31). Compare Êxodo 6:8 com Josué 11:23. O capítulo 18 do Apocalipse, portanto, mostra que Deus destruirá a Grande Babilônia, mas no capítulo 17 vimos os instrumentos que Ele usará para fazer isto.

ANÁLISE

- 1) A queda de Babilônia — vs. 1-3;
- 2) A chamada de Deus — vs. 4-8;
- 3) Os lamentos sobre Babilônia — vs. 9-19;
 - a) Os reis da terra lamentam — vs. 9-10;
 - b) Os mercadores lamentam — vs. 11-16;
 - c) Os marinheiros lamentam — vs. 17-19;
- 4) A alegria dos santos no céu — v. 20;
- 5) Descrição da ruína de Babilônia — vs. 21-24.

COMENTÁRIO

1) A queda de Babilônia — vs. 1-3

V. 1 — E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo. que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória.

A expressão “depois destas coisas” não quer dizer que as coisas aqui relatadas acontecerão depois que a besta destruir Babilônia, mas

sim, que depois de ver aquela destruição João viu este outro aspecto dela. Veja Ezequiel 43:2, onde lemos que a terra resplandeceu por causa da glória do Senhor; veja também Salmos 72:19 e Isaías 6:3. Estas passagens indicam que o “Anjo” mencionado aqui, só pode ser o Senhor mesmo; veja o comentário sobre 10:1.

V. 2 — E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e coito de todo espírito imundo, e coito de toda ave imunda e aborrecível.

Compare este anúncio da queda de Babilônia com o de 14:8. No capítulo 14, o anjo mostrou que a razão da sua queda foi a sua prostituição, influenciando e dominando todas as nações, ao passo que, neste capítulo 18, o Senhor revela que ela foi influenciada e dominada por demônios e espíritos imundos. A opressora foi oprimida; compare com 2 Timóteo 3:13.

O verbo “*caiu*” está no passado; a forma grega indica uma ação completa. Na ocasião desta proclamação, porém, Babilônia ainda não havia caído, pois o Senhor chama a Seu povo a sair do meio dela (v. 4).

Note as duas palavras usadas para mostrar a relação destes demônios e espíritos com a Babilônia:

1 — Morada. Os demônios estavam “em casa” nesta organização. Compare com Mateus 13:4, 19, 32;

2 — Coito. A palavra grega *traduzida duas vezes por “coito”* significa “prisão”. Tanto os espíritos como as “aves” são chamados de imundos; compare com 16:13. Compare com a descrição do conteúdo do seu cálice em 17:4. Veja também 1 Timóteo 4:1.

V. 3 — Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias.

A primeira parte deste versículo é uma repetição de 14:8 (veja comentário); a segunda parte é uma repetição de 17:2 (veja comentário).

Agora, no final do versículo, o Senhor introduz um elemento novo: a relação da Babilônia com os mercadores da terra. A palavra “*mercador*” ocorre cinco vezes em o Novo Testamento (Mateus 13:45; Apocalipse 18:3, 11, 15, 23). Já vimos a opulência de Babilônia (17:4); agora aprendemos que outros vão tirar proveito disto. Os reis da terra serão atraídos a ela pelos prazeres que ela lhes proporcionará; os mercadores, pelo lucro que ela lhes possibilitará,

A palavra traduzida “*delícias*” ocorre somente aqui em o Novo Testamento e traz a ideia de devassidão ou libertinagem. O verbo formado da mesma raiz ocorre nos vs. 7 e 9.

2) A chamada de Deus — vs. 4-8

V. 4 — *E ouvi outra voz do céu que dizia: Sai dela, povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.*

A voz que João ouve agora não é do anjo; é a voz de Deus, pois chama os santos de “*povo Meu*”. Observe que o motivo principal da separação dos santos é para que não participem dos pecados de Babilônia. Mesmo um incrédulo gostaria de evitar as suas pragas, mas os santos saem, primeiramente, para evitar os seus pecados. Compare com 1 Timóteo 5:22:

V. 5 — *Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela.*

Assim como na Babel antiga puseram tijolo sobre tijolo na construção da sua torre, assim a Babilônia acumulará pecado sobre pecado, de forma que o juízo será inevitável. Compare com Gênesis 19:13 e com Jeremias 51:9.

V. 6 — *Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras: no cálice em que vos deu de beber dai-lhe a ela em dobro.*

Note neste versículo a palavra “*dobro*” é usada duas vezes, além do verbo da mesma raiz traduzido “*retribuí-lhe*” na Versão Corrigida (literalmente, “*dobrai-lhe em dobro*”). Deus, falando do céu, manda retribuir em dobro o que a Babilônia fez. Esta vingança não é compatível com a atitude cristã (veja Romanos 12:19), mas está em perfeito acordo com as normas daquele tempo; é outra dispensação. Compare com 6:10. Isto confirma que estas coisas acontecerão depois do arrebatamento. Veja o comentário sobre 4:1. Compare com Jeremias 50:29.

V. 7 — *Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto; porque diz em seu coração: Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto.*

A medida da sua arrogância e luxúria seria a medida do seu tormento e pranto. O texto grego diz: “*dai-lhe tormento e pranto*”. O negativo usado por ela no final do versículo é muito forte: “*de forma alguma verei o pranto*”.

Compare esta atitude de autoconfiança e falsa segurança com a da igreja em Laodiceia (3:17). O espírito de Babilônia estava na igreja em Laodiceia!

Repare também nos termos que ela usou:

1 — Rainha. Compare com 1 Coríntios 4:8;

2 — Não sou viúva. O seu “marido” não morreu; é a “igreja” falsa.

Veja o comentário sobre “*tormento*” em 9:5. A palavra traduzida “*pranto*” ocorre cinco vezes em o Novo Testamento e duas destas ocorrências estão neste versículo (veja também Tiago 4:9; Apocalipse 18:8; 21:4).

V. 8 — Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga.

A execução da ira de Deus contra ela será repentina: “*num dia virão as suas pragas*”. Veja o comentário sobre “*pragas*” em 9:20. Veja o comentário sobre “*pranto*” no v. 7.

No capítulo anterior vimos a destruição de Babilônia efetuada pela besta e pelos dez reis; neste capítulo vemos que é o Senhor que a julga. As pragas, a morte, o pranto, a fome e o fogo podem ser causadas pela ação da besta e dos reis, mas estes serão apenas a vara que o Senhor usará.

3) Os lamentos sobre Babilônia — vs. 9-19

a) Os reis da terra lamentam — vs. 9-10

V. 9 — E os reis da terra, que se prostituíram com ela, e viveram em delícias, a chorarão, e sobre ela prantearão, quando virem o fumo do seu incêndio;

Os reis da terra mencionados neste versículo não são os dez que aborrecerão a prostituta (17:16); são os de 17:2. Veja o comentário sobre eles em 17:2 e em 17:16. A expressão “*viveram em delícias*” traduz um verbo que ocorre somente duas vezes em o Novo Testamento; aqui e no v. 7. Babilônia viveu em delícias (v. 7); os reis também. O substantivo da mesma raiz ocorre uma vez só em o Novo Testamento (veja comentário sobre “*delícias*” em 18:3).

O verbo traduzido “*chorarão*” significa um choro muito amargo. Ocorre em Mateus 2:18 para descrever o choro das mães em Belém quando o rei matou as crianças; em Mateus 26:75 é usado para descrever o choro amargo de Pedro. Neste capítulo (Apocalipse 18) ocorre quatro vezes (vs. 9, 11, 15, 19). Além de chorar, os reis vão prantear. Este é o mesmo verbo que foi usado em 1:7 e indica uma tristeza desesperada.

A palavra “*fumo*” é característica do Apocalipse. Ocorre treze vezes em o Novo Testamento, doze das quais se encontram no Apocalipse (Atos 2:19; Apocalipse 8:4; 9:2, 2, 2, 3, 17, 18; 14:11; 15:8; 18:9, 18; 19:3). Veja o comentário sobre 9:2. A palavra traduzida “*incêndio*” ocorre somente três vezes em o Novo Testamento (1 Pedro 4:12; Apocalipse 18:9, 18).

V. 10 — Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! pois numa hora veio o seu juízo.

Veja o comentário sobre “tormentos” em 9:5. Este tormento causa tanto medo aos reis da terra que ficam em pé, de longe; compare com os mercadores (v. 15) e com os marinheiros (v. 17). Mas este medo será de pouca duração, pois logo veremos estes mesmos reis indo à guerra para batalhar contra o Cordeiro (19:19).

Eles usam dois adjetivos para descrever Babilônia: “grande” e “forte”. Deus também a descreve como grande (v. 2). A palavra “forte” é usada mais duas vezes neste capítulo; o Senhor que julga a Babilônia é forte (v. 8) e o anjo que anuncia a sua destruição é forte (v. 21).

A palavra traduzida “juízo” ocorre apenas quatro vezes no Apocalipse. Duas vezes (16:7 e 19:2) lemos que estes juízos são verdadeiros e justos. Uma vez este juízo é chamado o juízo de Deus (14:7) porque é Ele Quem julga e uma vez é o juízo da Babilônia (18:10) porque é ela que sofre o juízo.

A expressão “numa hora” não precisa ser entendida literalmente como sendo de sessenta minutos; quer dizer que o juízo de Deus virá repentinamente e será executado com rapidez assustadora.

b) Os mercadores lamentam — vs. 11-16

V. 11 — E sobre ela choram e lamentam os mercadores da terra; porque ninguém mais compra as suas mercadorias:

Tanto os reis (v. 9) como os mercadores choram a queda de Babilônia; além disto, os reis prantearão e os mercadores lamentarão. O verbo traduzido “lamentam” ocorre também nos vs. 15 e 19.

Ambos (reis e mercadores) são da terra; veja o comentário sobre 6:10.

A razão da tristeza dos mercadores é diferente da dos reis. Com a queda desta organização, os reis perderão a fonte do seu prazer e os mercadores perderão a fonte do seu lucro. Com a queda de Babilônia, todo o sistema comercial do mundo entra em colapso; ninguém mais compra as suas mercadorias.

V. 12 — Mercadores de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e toda a madeira odorífera, e todo o vaso de marfim, e todo o vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore;

Esta lista de mercadorias indica opulência e orgulho. Não encontramos aqui os alimentos e produtos básicos e essenciais à vida,

mas somente aqueles artigos que estimulam a arrogância da classe mais abastecida.

V. 13 — E cinamomo, e amomo, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e cavalgadas, e ovelhas; e mercadorias de cavalos, e de carros, e de corpos e de almas de homens.

Nestes versículos encontramos alguns alimentos, como flor de farinha e trigo, e encontramos também o vinho e azeite, mas estes não são os alimentos ou bebidas da classe operária; veja comentário sobre isto em 6:6.

Note bem como a lista de mercadorias termina. A Babilônia faz comércio de corpos e de almas humanos. A palavra traduzida “*homens*” é um termo genérico que inclui ambos os sexos. Em nome da religião, corpos e almas são vendidos a serviço de Satanás; no esporte profissional, seres humanos são vendidos e comprados como se fossem escravos ou meros objetos; na busca de prazer ilícito, corpos são vendidos com a maior naturalidade. Veja Marcos 8:36, 37.

V. 14 — E o fruto do desejo da tua alma foi-se de ti; e todas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás.

Este versículo é parentético. É uma palavra dirigida diretamente a Babilônia. Ela faz comércio das almas humanas e agora a sua própria alma sofre a perda das coisas de que mais gostava. A retribuição de Deus é justa. O verbo traduzido “*foi-se*” e “*se foram*” ocorre outra vez em 21:4, onde é traduzido “*passadas*”. Veja o contraste. Para Babilônia, as coisas gostosas e excelentes (o desejo da sua alma) passaram; mas, para os salvos, na Nova Jerusalém, as lágrimas, a morte e o pranto, o clamor e a dor, são as coisas que terão passado.

Veja o negativo no final do versículo; o texto grego, traduzido literalmente, diz: “*e não mais de forma alguma as acharás*”. Babilônia terá perdido o seu prazer para sempre.

V. 15 — Os mercadores destas coisas, que com elas se enriqueceram, estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando e lamentando,

A palavra “*elas*” é singular no texto grego; não significa as mercadorias e sim, a Babilônia. Os mercadores estarão de pé, de longe, por medo do seu tormento. Veja as mesmas palavras descrevendo a atitude dos reis (v. 10). Estarão chorando e lamentando; veja os mesmos verbos no v. 11.

V. 16 — E dizendo: Ai, ai daquela grande cidade! que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata; e adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas! Porque numa hora foram assoladas tantas riquezas.

Veja o comentário sobre o v. 10.

Compare coma descrição do adorno da mulher (Babilônia) em 17:4.

c) Os marinheiros lamentam — vs. 17-19

V. 17 — E todo o piloto, e todo o que navega em naus, e todo o marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe;

O grupo de espectadores amedrontados aumenta. Além dos reis e dos mercadores, vemos agora esta classe trabalhadora, desde o piloto até o marinheiro, e incluindo as firmas de transportes marítimos. Estes também ficam em pé de longe (veja os vs. 10 e 15).

V. 18 — E, vendo o fumo do seu incêndio, clamaram, dizendo: Que cidade é semelhante a esta grande cidade?

Veja o comentário sobre “fumo” e “incêndio” no v. 9. Veja também o comentário sobre “grande” no v. 10. Compare o que falaram da cidade com 13:4 e note o contraste com Miguel (12:7).

V. 19 — E lançaram pó sobre as suas cabeças, e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai, ai daquela grande cidade! na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência; porque numa hora foi assolada.

Compare esta lamentação com a dos reis (v. 10) e com a dos mercadores (v. 16). As semelhanças são muitas, mas em cada caso percebe-se os interesses de cada grupo, salientando o egoísmo natural do ser humano.

4) A alegria dos santos no céu — v. 20

V. 20 — Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela.

Três classes na terra (reis, mercadores e marinheiros) lamentarão a queda de Babilônia; três classes no céu (santos, apóstolos e profetas) se regozijarão na sua destruição. O texto grego diz: “os santos e os apóstolos e os profetas”. Veja o comentário sobre o v. 6. O final do versículo diz: “Deus julgou o julgamento de vocês [feito] por ela”. Ela havia julgado e condenado os servos do Senhor; agora Deus lhe retribui o que ela fez. Veja 6:9-11.

5) Descrição da ruína de Babilônia — vs. 21-24

V. 21 — E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó, e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada.

O anjo ilustrou a queda de Babilônia, lançando uma pedra no mar. A pedra era como uma grande mó, simbolizando a sua indústria. Foi lançada com ímpeto, indicando a rapidez e a violência da sua destruição. O anjo ainda anunciou que a sua destruição seria definitiva. A expressão “*não será jamais achada*” se destaca nestes últimos versículos; ocorre seis vezes em três versículos (vs. 21-23).

V. 22 — E em ti não se ouvirá mais a voz de harpistas, e de trombeteiros. e nenhum artífice de arte alguma se achará mais em ti; e ruído de mó em ti se não ouvirá mais;

Nesta descrição solene e triste da destruição de Babilônia, vemos algumas das suas características:

- 1 — Apresentações musicais que agradam;
- 2 — Artes que causam admiração;
- 3 — Comércio que enriquece.

Estas características de Babilônia (a “igreja” falsa) aparecem em contraste nítido com a simplicidade do modelo para as igrejas de Deus, as quais precisam estar atentas para que o espírito de Babilônia não penetre no seu meio (veja o comentário sobre o v. 7).

V. 23 — E luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias.

Vemos neste versículo o lado social de Babilônia.

A palavra traduzida “*candeia*” significa “lâmpada” e ocorre três vezes no Apocalipse. Vemos aqui que a Babilônia nunca mais terá a luz de lâmpada e em 22:5 aprendemos que a Nova Jerusalém não há de precisar de luz de lâmpada. A razão desta condição feliz na Nova Jerusalém aparece em 21:23, onde lemos que o Cordeiro é a sua lâmpada.

Não se ouvirá mais na Babilônia a voz de esposo e de esposa, mas na Nova Jerusalém o Noivo estará presente eternamente junto com a esposa do Cordeiro!

Vemos ainda duas razões para esta destruição:

1 — Porque os mercadores de Babilônia eram os grandes da terra. Os seguidores do desprezado Cordeiro não são grandes no conceito do mundo. Ser grande na terra revela uma ignorância dos valores celestiais e uma descrença na destruição total deste sistema de coisas. Compare com Ninrode (Gênesis 10:8-14);

2 — Porque enganou as nações com as suas feitiçarias. Os magos e astrólogos ocupavam posições importantes na Babilônia antiga (veja Daniel 2:2 etc.) e estas práticas diabólicas reaparecem na grande Babilônia. Veja o comentário sobre “*feitiçarias*” em 9:21.

V. 24 — *E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra.*

Temos ainda uma terceira razão pela destruição de Babilônia; o que ela semeou, tem que ceifar. Compare com 17:6.

.oOo.

CAPÍTULO 19

Neste capítulo estamos entrando na reta final. Aqui contemplamos cenas mais animadoras. As trevas se dissipam e vemos os primeiros raios de um novo dia.

No capítulo anterior vimos vários grupos na terra (reis, mercadores e marinheiros) chorando a queda de Babilônia; um verdadeiro coro mundial de tristeza e desespero. Agora vamos ouvir um coro celestial de alegria e louvor, motivado pelo mesmo evento. Vamos contemplar os últimos momentos da Grande Tribulação.

ANÁLISE

- 1) Alegria no céu — vs. 1-10;
 - a) Pela queda de Babilônia — vs. 1-6;
 - b) Pelas bodas do Cordeiro — vs. 7-10;
- 2) Conflito na terra — vs. 11-21;
 - a) Cristo, o Vencedor — vs. 11-16;
 - b) A Ceia do Grande Deus — vs. 17-18;
 - c) A derrota da besta — vs. 19-21.

COMENTÁRIO

1) Alegria no céu — vs. 1-10

a) Pela queda de Babilônia — vs. 1-6

V. 1 — E, depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: Aleluia: Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor nosso Deus;

A palavra traduzida “honra” não consta no texto grego; também não há verbo no final do versículo, mas os tradutores acrescentaram “pertencem” (Versão Corrigida) e “são” (Versão Atualizada) para completar o sentido em português.

No início da revelação das coisas que hão de acontecer houve um cântico de louvor (4:8-11) e outro quando o Cordeiro se apresentou para abrir os selos (5:9-14). No término dos selos, houve ainda outro cântico (7:10-12) e mais um ao terminar os juízos das trombetas (11:15-17). A vitória dos santos sobre a besta é motivo de outro cântico de louvor (15:3) e agora, com a derrota de Babilônia, se ouve mais este cântico (19:1-6).

Contraste as lamentações na terra (capítulo 18) com estas alegrias no céu.

A palavra “*aleluia*” ocorre aqui pela primeira vez em o Novo Testamento e nos seis primeiros versículos deste capítulo ocorre quatro vezes. Ninguém na terra usou esta palavra em o Novo Testamento, embora seja frequente o seu uso no Velho Testamento. Significa “*louvai a Já*”. A destruição da igreja falsa, a Babilônia, produz pela primeira vez esta doxologia de louvor.

V. 2 — Porque verdadeiros e justos são os Seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos Seus servos.

Veja o comentário sobre 16:7, onde o altar também afirma que os juízos de Deus são verdadeiros e justos. Veja também 15:3, onde os mesmos adjetivos descrevem os caminhos de Deus. O juízo está de acordo com o pecado; compare com 18:24. Veja também 16:6 e o comentário sobre 17:17. Esta vingança do sangue dos servos de Deus é a resposta à oração de 6:10.

V. 3 — E outra vez disseram: Aleluia. E o fumo dela sobe para todo o sempre.

A primeira exclamação de “*aleluia*” foi por causa do juízo de Deus sobre Babilônia. Esta segunda exclamação é motivada pela permanência e finalidade deste juízo. O fumo dela sobe para todo o sempre. Nunca cessará. Isto destrói qualquer esperança de aniquilação ou de recuperação. Babilônia nunca será recuperada e jamais deixará de sofrer as consequências do seu pecado. Compare com o juízo predito sobre Edom em Isaías 34:10.

V. 4 — E os vinte e quatro anciãos, e os quatro animais, prostraram-se e adoraram a Deus, assentado no trono, dizendo: Amém. Aleluia.

Veja o comentário sobre os vinte e quatro anciãos em 4:4 e sobre os quatro seres vivos em 4:6. Na primeira vez que aparecem adorando, os quatro seres vivos parecem tomar a iniciativa, sendo seguidos pelos anciãos (4:9-11); agora a ordem é invertida. Talvez a razão seja que o motivo da adoração aqui (capítulo 19) está mais intimamente ligado à Igreja. Veja o comentário sobre “*assentado*” em 4:2.

Além de exclamar “Aleluia”, eles dizem “Amém”. Veja o comentário sobre “amém” em 1:6.

V. 5 — E saiu uma voz do trono, que dizia: Louvei o nosso Deus, vós, todos os Seus servos, e vós que O temeis, assim pequenos como grandes.

Após as exclamações de louvor dos versículos anteriores, João ouve uma voz do trono (autoridade), convocando todos os Seus servos a adorarem, O júbilo atinge proporções cada vez maiores. Note que um dos motivos do júbilo é que Deus vingou o sangue dos Seus servos; agora os servos são chamados a adorar. A palavra traduzida “servos” significa “escravos”; é a mesma palavra que foi usada no v. 2. Veja o comentário sobre os que temem ao Senhor em 11:18. Veremos no v. 7 que a Igreja não está incluída neste grupo de adoradores.

V. 6 — E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia, pois já o Senhor Deus Todo-Poderoso reina,

Esta voz era como a de:

- 1 — Uma grande multidão. Veja 19:1;
- 2 — Muitas águas. Veja 1:15 e 14:2;
- 3 — Grandes trovões. Veja 14:2.

No seu louvor, vemos a quarta ocorrência de “Aleluia”. Desta vez a razão é que Deus reinou (o texto grego tem o verbo no passado). Esta razão complementa a do v. 2; Deus não só derrubou a Babilônia, mas Ele próprio reinou.

O verbo “reinar” ocorre sete vezes no Apocalipse. Em três destas ocorrências, refere-se ao Senhor reinando (11:15, 17; 19:6); nas outras quatro ocorrências refere-se aos salvos reinando com Ele (5:10; 20:4, 6; 22:5). Veja o comentário sobre o Senhor Deus Todo-Poderoso em 1:8.

b) Pelas bodas do Cordeiro — vs. 7-10

V. 7 — Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-Lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a Sua esposa se aprontou.

Este versículo mostra que a Igreja não estava incluída no coro do v. 6. Aqueles servos, tementes a Deus (v. 5), que estavam adorando no v. 6, continuam falando neste versículo, dizendo que a chegada das bodas do Cordeiro é mais um motivo de sua alegria. Eles falam da esposa, a Igreja, na terceira pessoa.

No Velho Testamento, Israel aparece como a esposa do Senhor (veja, por exemplo, Ezequiel 16; Isaías 54:5), mas ela foi infiel (Oseias 2:2; Jeremias 3:8). Um dia, porém, ela será restaurada à sua posição de honra e privilégio (Jeremias 3:14; Oseias 2:19). Em o Novo Testamento, Paulo fala à igreja em Corinto, dizendo que os “desposou como uma

virgem pura a um marido, a saber, Cristo” (2 Coríntios 11:2). Veja também Efésios 5:32.

Portanto, os versículos 1 a 6 mostram alegria porque a “igreja” falsa, a meretriz, foi destruída e os versículos 7 a 10 mostram alegria porque a Igreja verdadeira, a esposa, se preparou. Note a forma ativa do verbo; ela se preparou. Veja a forma passiva do mesmo verbo em 21:2.

V. 8 — E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos.

O adorno da esposa é descrito agora — “*linho fino, puro e resplandecente*”. A simplicidade deste adorno apresenta um contraste nítido com o da meretriz (veja 17:4). A figura aqui usada é interpretativa. O linho fino são os atos de justiça (não justiça imputada) dos santos. Nisto vemos como a esposa se preparou; foi pelos atos de justiça que ela praticou aqui.

A palavra traduzida “*linho fino*” ocorre somente quatro vezes em o Novo Testamento e todas estas ocorrências estão no Apocalipse. E a vestimenta da grande Babilônia (18:16), aqui, duas vezes refere-se à vestimenta da esposa do Cordeiro e no v. 14 é a vestimenta dos exércitos do céu. Note, porém, que o linho fino da Babilônia não é puro e nem resplandecente (como em 19:8), nem branco e puro (como em 19:14). É mais uma imitação pobre, feita por Satanás.

V. 9 — E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus.

Veja o comentário sobre as “*bem-aventuranças*” em 1:3.

Os convidados não são anjos (veja o comentário sobre “*chamados*” em 17:14). São os salvos que não são da Igreja; compare com João 3:29 e com os diversos grupos em Hebreus 12:22-24. Devemos distinguir entre as bodas do Cordeiro (v. 7) e a Ceia das bodas do Cordeiro (v. 9). As bodas são a união entre Cristo e a Sua esposa, quando ela, divinamente preparada, será apresentada ao Esposo, uma Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante (Efésios 5:27); a Ceia das bodas refere-se à jubilosa celebração que seguirá às bodas.

Como que prevendo a descrença dos homens, o anjo afirmou: “*Estas são as verdadeiras palavras de Deus*”. Compare as palavras no começo do livro (1:3) e no final (22:6).

V. 10 — E eu lancei-me a seus pés para o adorar; mas ele me disse: Olha não faças tal; sou teu conservo, e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus: adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.

Parece estranha esta atitude de João. Talvez ele se tenha deixado levar pela grande emoção; talvez ele pensasse que se tratava do próprio Senhor Jesus Cristo (veja o comentário sobre 10:1).

O anjo não aceitou a adoração. Note o contraste em Mateus 2:11; 8:2 etc., onde o Senhor Jesus aceitou adoração, mostrando assim a Sua divindade. Satanás queria ser adorado (Mateus 4:9) e aceitou (veja Apocalipse 13:4), mas adoração só pode ser dada a Deus (Mateus 4:10).

O anjo se identificou como coescravo de João e coescravo dos irmãos de João. Tanto o anjo como João e os demais irmãos eram escravos do Soberano, mas o anjo não era irmão de João.

A última parte do versículo é importante: O testemunho de Jesus não se limita a uma dispensação, O Senhor Jesus está em todas as Escrituras e é o alvo dos salvos de todas as épocas. Antes do Seu nascimento, falavam do “Descendente” que havia de vir. Hoje, testemunhamos dAquele que veio e que virá. Na Grande Tribulação, anunciarão o mesmo Jesus, que há de restaurar e de reinar. E este testemunho de Jesus é o espírito da profecia, O centro de toda a profecia é o homem Jesus — o segundo Homem — o último Adão, que cumprirá todo o propósito de Deus.

2) Conflito na terra — vs. 11-21

a) Cristo, o Vencedor — vs. 11-16

V. 11 — E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco: e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça.

Aqui a narrativa continua após o parêntese que começou em 17:1 e se estendeu até 19:10.

Deste versículo até 21:2, encontramos a expressão “*eu vi*” dez vezes. Veja também os vs. 17, 19; 20:1, 4, 4, 11, 12; 21:1, 2. O céu foi aberto em 4:1 para deixar João ver os propósitos de Deus; está aberto aqui (19:11) para mostrar Aquele que vem para realizar os propósitos de Deus. Compare também com 11:19 e com 15:5.

Veja o comentário sobre o “*cavalo branco*” em 6.2.

Neste versículo e nos que seguem temos diversos nomes do Senhor. Geralmente um nome, nas Escrituras, reflete caráter. Neste versículo, Ele é chamado de “*Fiel e Verdadeiro*”. Veja estas duas palavras juntas em 3:14; 21:5; 22:6. Veja o comentário sobre 3:14. Este cumprirá os propósitos de Deus, pois Ele é Fiel. Este não é o falso Cristo que Satanás apresentará. Este é o Verdadeiro.

Note a ordem dos verbos no final do versículo: “*Ele julga e peleja*”. Sendo Fiel e Verdadeiro, Ele julga primeiro e, tendo julgado, Ele peleja contra os inimigos. Ele age em justiça. Compare com Atos 17:31 e com Hebreus 1:9.

V. 12 — E os Seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a Sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão Ele mesmo.

Veja o comentário sobre os “olhos como chama de fogo” em 1:14.

A palavra traduzida “diademas” ocorre somente três vezes em o Novo Testamento, O dragão, Satanás, tem sete diademas (12:3); a besta tem dez (13:1); o Senhor Jesus tem muitos. Veja o comentário sobre 12:3.

Além dos nomes do versículo anterior, o Senhor tem mais um neste versículo, mas é um que ninguém sabe, senão Ele mesmo. Já O conhecemos como Fiel e Verdadeiro, mas este nome desconhecido indica que ainda, no Milênio, havemos de ver aspectos do Seu caráter maravilhoso que ainda não podemos conhecer. Compare com 2:17 e com 3:12. Veja Mateus 11:27.

V. 13 — E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus,

O verbo traduzido “salpicado” significa “mergulhar” e a Versão Atualizada traduz por “manto tinto de sangue”. Note bem que, ao aparecer, saindo do céu, o Senhor vem com a Sua veste tingida de sangue. Alguns veem nisto a Sua vitória sobre os seis impérios que já caíram (veja, o comentário sobre 17:10) e, portanto, a garantia de que também vencerá a besta. Outros veem nisto os vestidos tintos de sangue de Isaías 63:1-6. Não pode ser o mesmo de Isaías 63 porque aqui, em Apocalipse 19, Ele vem para a guerra de Armagedom, da qual Isaías está falando, Creio que estas vestes tingidas de sangue são uma recordação da batalha travada e ganha no Calvário, a base e a garantia de todas as vitórias. Compare com 5:5 e 6.

Mais um nome é acrescentado agora: “a Palavra de Deus”. Ele transmite a nós os pensamentos do Pai. Compare com João 1:1 e 14.

V. 14 — E seguiam-nO os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro.

O Senhor não irá sozinho à luta; os salvos O seguem. Veja duas coisas impressionantes aqui:

1 — O Senhor vem sobre um cavalo branco; os salvos também;

2 — A veste do Senhor está manchada de sangue; a dos salvos é branca e pura!

Ele reparte conosco a glória de vir sobre cavalos brancos, mas Ele enfrentou o inimigo sozinho. Temos parte na glória; não temos parte alguma na luta.

V. 15 — E da Sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e Ele as regerá com vara de ferro; e Ele mesmo é

que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso.

A única arma que o Senhor carrega é uma “*espada*” que sai da Sua boca; veja o comentário sobre 1:16. Note, porém, o contraste; os exércitos que O seguem não têm armas! Não são exércitos de combatentes. Não teremos parte na batalha, mas participaremos da vitória.

O verbo traduzido “*regerá*” significa “*apascentar*”. Vemos o cuidado do Senhor sobre as nações, porém, um cuidado aplicado à força. Toda a necessidade será amplamente suprida, mas nenhuma desobediência será permitida. Ele usará a “*vara de ferro*”. Veja o comentário sobre 2:27 e 12:5.

Ele pisará o lagar; veja o comentário sobre isto em 14:19. 20. Compare com Isaías 63:1-6. As palavras traduzidas “*furor*” e “*ira*” aparecem juntas em 14:10 (veja comentário). Veja também o comentário sobre “*Todo-Poderoso*” em 1:8. Os inimigos serão pisados com a força do Onipotente.

V. 16 — E no vestido e na Sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores.

Provavelmente estas palavras dizem que o nome está escrito na veste à altura da coxa. As palavras gregas permitem traduzir assim. Isto indica que o nome está exatamente no lugar onde qualquer guerreiro carregaria a sua espada.

Veja o comentário sobre “*Rei dos reis*” em 17:14. Compare com os muitos diademas no v. 12.

b) A Ceia do Grande Deus — vs. 17-18

V. 17 — E vi um anjo, que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, e ajuntai-vos à ceia do grande Deus;

Estar no sol indica uma posição central e de autoridade.

A palavra traduzida “*aves*” ocorre somente no Apocalipse (veja 18:2 e 19:21) e é diferente da palavra empregada para as aves no resto do Novo Testamento.

A expressão “*pelo meio do céu*” traduz uma única palavra do texto grego; ocorre também em 8:13 e em 14:6. Compare com o convite de Ezequiel 39:17-20.

Esta é a segunda ceia mencionada neste capítulo; veja o contraste entre a do v. 9 e esta. Observe também que o anjo está antecipando o resultado da guerra; o Senhor ainda não tinha entrado na luta quando o anjo convidou as aves. O resultado não está em dúvida, pois os propósitos de Deus, o Todo-Poderoso, são irresistíveis.

V. 18 — Para que comais a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que

sobre eles se assentam; e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes.

Note a repetição da palavra “carne”; ocorre cinco vezes neste versículo. No texto grego é plural — as carnes dos reis etc.. Estes reis incluem os dez que deram o seu poder à besta (17:13) e também os reis da terra (18:9). Os reis de todo o mundo estarão presentes (16:14). Livres e servos, pequenos e grandes, todos os que receberam marca da besta (13:16), agora participam da sua derrota. Estes homens não permitiram que os corpos das duas testemunhas fossem enterrados (11:9); agora Deus não permite que os seus corpos sejam enterrados; serão entregues às aves de rapina. A retribuição divina é justa.

c) A derrota da besta — vs. 19-21

V. 19 — E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra Àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao Seu exército.

Compare com 16:14-16. Os reis de todo o mundo estarão em guerra na Palestina; os reis do oriente estarão provavelmente em conflito com a besta e seus aliados. A causa da guerra será Jerusalém (veja Zacarias 12:2, 3). Mas o Senhor voltará (Zacarias 14:2, 3) e os exércitos do mundo inteiro esquecerão as suas divergências, unindo-se com um só propósito: lutar contra o Cordeiro. Compare com Lucas 23:12.

V. 20 — E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre.

Nenhum detalhe desta batalha é fornecido; sabemos apenas o resultado. A besta (veja 13:1) e o falso profeta (veja 13:11) foram presos e lançados vivos no lago de fogo. Compare com Números 16:30, 33. Enoque e Elias foram ao céu sem morrer; muitos outros irão da mesma maneira (1 Tessalonicenses 4:17). A besta e o falso profeta irão vivos ao lago de fogo. A palavra traduzida “lago” ocorre dez vezes em o Novo Testamento; cinco vezes é usada por Lucas para descrever o mar da Galileia (Lucas 5:1, 2; 8:22, 23, 33) e cinco vezes é usada por João, no Apocalipse, para descrever o Geena (Apocalipse 20:10, 14, 15; 21:8). Em três destas ocorrências temos menção de enxofre (19:20; 20:10; 21:8). A única menção de enxofre em o Novo Testamento. (fora do Apocalipse) é Lucas 17:29, onde lemos do fogo e enxofre que caíram sobre Sodoma. Outras menções de enxofre no Apocalipse são 9:17, 18 e 14:10.

V. 21 — *E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes.*

Compare com Daniel 2:34, 35, 44, 45; Zacarias 14:12; 2 Tessalonicenses 2:8. Veja também 2 Reis

19:35. O Senhor não precisa de nenhuma arma; tão somente da Sua própria palavra. “Os demais” significa toda aquela multidão de reis, oficiais militares e soldados que estavam com a besta e o falso profeta. Esta multidão será morta e as aves se fartarão com as suas carnes. Toda a glória e o poder do sistema estabelecido pelos homens cairão em ignomínia e ruína, enquanto as aves de rapina, fartas, descansarão entre os cadáveres apodrecidos. Compare com 18:2.

.oOo.

CAPÍTULO 20

Neste capítulo, o Espírito começa a revelar o que há de acontecer depois da vitória do Senhor Jesus sobre a besta e os seus exércitos. Veja a análise da terceira parte do livro, apresentada na introdução ao capítulo 4.

ANÁLISE

- 1) O Milênio — vs. 1-6;
 - a) A prisão de Satanás — vs. 1-3;
 - b) A vitória dos mártires — vs. 4-6;
- 2) Depois do Milênio — vs. 7-15;
 - a) A revolta final — vs. 7-10;
 - b) O julgamento final — vs. 11-15.

COMENTÁRIO

1) O Milênio — vs. 1-6

a) A prisão de Satanás — v. 1-3

V. 1 — *E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão.*

Não devemos permitir que a divisão do texto em capítulos obscureça a continuidade da narração. No final do capítulo anterior,

vimos como o Senhor prendeu a besta e o falso profeta (v. 20) e como os exércitos foram mortos pela palavra do Senhor (v. 21); agora vemos um anjo descer para prender Satanás.

Observe que o Senhor não fez isto pessoalmente, como nos casos da besta e do falso profeta. Ele confiou esta tarefa a um anjo. A razão é que esta não é a derrota final de Satanás; ele terá de ser posto em liberdade outra vez.

Veja o comentário sobre “*abismo*” em 9:1. A “*chave*” e a “*cadeia*” são símbolos claros. Satanás perderá a sua liberdade de ação, ficando preso no abismo. A localização do abismo não é indicada, pois não é importante que saibamos. A palavra traduzida “*chave*” ocorre seis vezes em o Novo Testamento, das quais quatro estão no Apocalipse (Mateus 16:19; Lucas 11: 52; Apocalipse 1:18; 3:7; 9:1; 20:1). Esta é a única ocorrência de “*cadeia*” no Apocalipse, embora seja usada frequentemente no resto do Novo Testamento. A chave e a cadeia são uma garantia dupla da prisão de Satanás.

V. 2 — Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos.

Note os nomes dados a este preso; veja o comentário sobre 12:9. O anjo “*prende*” (literalmente, “*agarrar*”) o inimigo e, usando a cadeia e a chave, o amarrou. Esta prisão, porém, não será perpétua; durará mil anos. Este período deve ser entendido literalmente; veja o comentário sobre 9:5.

V. 3 — E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto, um pouco de tempo.

O verbo traduzido “*lançou*” ocorre frequentemente em o Novo Testamento, mas é interessante notar que a sua primeira ocorrência no Apocalipse mostra Satanás lançando cristãos na prisão (2:10). Mais tarde, vemos que Satanás foi lançado na terra (12:9). Aqui ele é lançado no abismo e ainda veremos como ele será lançado no lago de fogo (20:10).

O verbo traduzido “*pôs selo*” é o mesmo que ocorre tantas vezes no capítulo 7; veja o comentário sobre 7:2.

Depois dos mil anos é necessário que Satanás seja solto. Note bem a palavra “*importa*”. Deus há de demonstrar que a natureza humana, mesmo livre das tentações e das ciladas de Satanás, é perversa e, para demonstrar isto plenamente, é necessário que Satanás seja solto outra vez. Mas será por pouco tempo.

b) A vitória dos mártires — vs. 4-6

V. 4 — E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos.

Observe três classes de pessoas nestes ver- sículos:

1 — As pessoas assentadas sobre tronos. São os salvos, arrebatados antes da Tribulação, ou seja, os vinte e quatro anciãos. Veja o comentário sobre 4:4. Vieram do céu com o Cordeiro (19:14). No capítulo 19, o Cordeiro estava sobre um cavalo branco; eles também. No capítulo 20, o Senhor se assentará sobre o trono para julgar; eles também. Compare com 1 Coríntios 6:2.

2 — As almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus. São almas, ainda fora de seus corpos; veja 6:9-11. São santos que morrerão pelo seu testemunho e pela Palavra de Deus, na primeira parte da Tribulação. Veja o comentário sobre o testemunho e a palavra em 6:9.

3 — Os que não adoraram a besta. São almas, como o segundo grupo, mas morreram na segunda parte da Tribulação, por não aceitarem a besta. São mencionadas em 6:11 como os conservos e irmãos daqueles que morreram na primeira parte. Compare com 13:7, 15, 17.

Alguns consideram estes dois últimos grupos como sendo um só, mas a estrutura do versículo indica dois grupos de almas (a palavra “*hoitiness*” separa os dois grupos), além das pessoas mencionadas na primeira parte.

“*E viveram*”, isto é, ressuscitaram. Isto refere-se às almas, pois o primeiro grupo já havia ressuscitado fazia vários anos. Os santos, martirizados durante a Tribulação, ressuscitarão quando o Senhor voltar à terra e reinarão com Cristo, juntamente conosco. Este reino é terreno, mas não devemos pensar que os ressuscitados reinarão na terra; veremos no capítulo 21 que reinarão sobre a terra; estarão na Nova Jerusalém.

V. 5 — Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição.

Os outros mortos mencionados aqui são todos os que morreram sem a salvação. Vemos aqui que não haverá uma ressurreição geral, mas sim, duas ressurreições, separadas por um período de mais de mil anos. A primeira ressurreição acontecerá em etapas; por ocasião do arrebatamento, ressuscitarão os que são de Cristo, mas esta primeira ressurreição só será completada alguns anos mais tarde, quando

ressuscitarão os salvos que morrerão durante o intervalo entre o arrebatamento e a vinda de Cristo à terra.

O verbo traduzido “*reviveram*” neste versículo é o mesmo que foi traduzido “*viveram*” no versículo anterior. Compare com Lucas 14:14; 20:35; João 5:29.

V. 6 — Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição: sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos.

Aquele que participa da primeira ressurreição é bem-aventurado; veja o comentário sobre as “*bem-aventuranças*” em 1:3. A bem-aventurança destas pessoas está relacionada com a sua separação para Deus; são bem-aventurados e santos. Não participaram dos pecados da besta e do mundo e, conseqüentemente, não participarão no seu juízo, a segunda morte. Compare com João 8:51.

Já notamos que reinarão com Cristo durante mil anos (veja o v. 4) e este fato é repetido aqui. Há, porém, um detalhe a mais; serão sacerdotes (veja o comentário sobre 1:6). Veja o comentário sobre a segunda morte em 2:1.

2) Depois do Milênio — vs. 7-15

a) A revolta final — vs. 7-10

V. 7 — E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão,

Veja o comentário sobre a necessidade de Satanás ser solto (v. 3). Ele só pode agir dentro dos limites impostos pelo Soberano Deus. A palavra “*prisão*” é a mesma de 2:10.

V. 8 — E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha.

A referência aos “*quatro cantos da terra*” pode significar as nações do mundo inteiro ou pode indicar os lugares mais distantes de Jerusalém, que será o centro. Se for neste segundo sentido, vemos que, mesmo durante o Milênio, corações perversos, que não apreciarão o governo do Senhor, procurarão afastar-se o mais longe possível dEle e, conseqüentemente, o diabo achará nestas terras longínquas muitos dispostos a segui-lo.

O fato destas nações serem chamadas de Gogue e Magogue confirma esta interpretação. Já notamos como no Apocalipse são usados nomes do Velho Testamento em um sentido figurado ou moral; veja o comentário sobre Jezabel em 2:20.

Não devemos pensar que estes Gogue e Magogue são os mesmos de Ezequiel capítulos 38 e 39. Este povo, no Apocalipse, ataca depois do Milênio; aquele de Ezequiel, antes do Milênio. Mas as características serão as mesmas. Assim, em Ezequiel, Gogue virá de longe, das bandas do norte (38:15); no Apocalipse, virá dos quatro cantos da terra.

E será inumerável como a areia do mar! Esta multidão será composta de pessoas que nascerão durante o Milênio, serão somente os salvos que passarão da Tribulação para o Milênio. Apesar das evidências da bondade do Senhor durante toda a sua vida, estas pessoas não se arrependerão para serem salvas. Veja Isaías 65:17-25.

A palavra traduzida “*batalha*” é a mesma de 16:14; veja comentário.

Note o verbo “*enganar*”. Tem sido a maior arma de Satanás desde o começo; ocorre mais duas vezes neste capítulo; veja os vs.3e10.

V. 9 — E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu, e os devorou.

Deus permitirá que o inimigo se organize e chegue ao arraial dos santos. Este arraial, a cidade amada, é Jerusalém terrestre (a Nova Jerusalém é a cidade santa). Compare o resultado desta guerra com o da guerra de Armagedom. Os líderes em Armagedom (a besta e o falso profeta) serão presos e lançados vivos no lago de fogo (19:20) e os seus exércitos serão mortos; assim, nesta última guerra, o líder, Satanás, será preso e lançado no lago de fogo (v. 10), mas os seus exércitos serão mortos pelo fogo que desce do céu.

V. 10 — E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.

Aqui vemos a etapa final na queda de Satanás; veja as várias etapas em Ezequiel 28:16; Lucas 10:18; Apocalipse 12:9; 20:2, 3.

Observe bem que a besta e o falso profeta foram lançados no mesmo lago de fogo e enxofre mil anos antes (19:20 com 20:2), mas quando Satanás também for lançado ali os primeiros dois ainda estarão naquele lugar. Não serão aniquilados. No final do versículo, encontramos a forma plural do verbo; eles serão atormentados. Este versículo prova, irrefutavelmente, que os perdidos existirão eternamente em plena consciência e tormentos.

b) O julgamento final — vs. 11-15

V. 11 — E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para eles.

No capítulo 19 vimos o Senhor Jesus vindo sobre um cavalo branco; agora vemo-lo sobre um trono branco. As figuras não são novas. O cavalo fala da aquisição de poder; o trono, da administração do poder adquirido. Ambos são brancos, falando da pureza e da justiça que caracterizam todos os Seus atos. O Ocupante do trono só pode ser o Senhor Jesus Cristo; veja João 5:22-27; Atos 17:31.

Este trono estará no espaço, pois a terra e o céu (não a morada de Deus, mas o firmamento que nós conhecemos como céu) fugirão. O texto aqui apenas menciona o fato da passagem da terra e do céu, sem explicar como isto acontecerá; Pedro, porém, na sua carta, fornece estes detalhes (veja 2 Pedro 3:7, 10, 12).

A palavra “trono” ocorre quarenta e seis vezes no Apocalipse, referindo-se a vários tronos. Veja, por exemplo, os de 1:4; 3:21; 4:4; 22:1, 3.

V. 12 — E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida: e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.

Diante deste trono serão julgados os mortos. Se entendermos esta palavra “mortos” no sentido espiritual, então será o julgamento dos perdidos; se a entendermos literalmente, ainda será o julgamento dos perdidos, pois todos os salvos terão ressuscitado na primeira ressurreição; estes mortos são aqueles que não participarão da ressurreição da vida. Portanto, nenhuma pessoa salva será julgada perante este trono branco.

A expressão “grandes e pequenos” não deve ser entendida no sentido de adultos e crianças, mas sim, os grandes da terra (veja 18:23) e o povo comum; compare também com 13:16.

Esta multidão de condenados permanecerá diante do trono. A terra e o céu, como que espantados, fugirão da presença deste Juiz, mas os pobres pecadores, suspensos no espaço pelo poder da onipotência, não terão onde se esconder dos horrores daquele dia.

Os livros serão abertos. Isto indica que Deus julgará com justiça absoluta. Veja Atos 17:31. Os mortos serão julgados pelas coisas que estão escritas nos livros; não há nenhuma palavra de testemunhos verbais. Serão julgados segundo as suas obras. Veja Salmos 50:21. Note bem que a salvação é pela graça, independente de obras (Efésios 2:8, 9; 2 Timóteo 1:9; Tito 3:5), mas o julgamento sempre é conforme as obras. Não há contradição nisto; há graça e justiça. Graça na salvação; justiça no juízo. Todos não terão o mesmo sofrimento; será conforme as obras de cada um; veja Mateus 11:22.

Para demonstrar ainda mais a Sua justiça, um outro livro será aberto; é o livro da vida. Este livro contém os nomes de todos os salvos; veja o comentário sobre este livro em 3:5.

V. 13 — E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras.

Reforçando a palavra do versículo anterior, vemos agora que até o mar entregará os mortos que nele estão; cadáveres devorados ressuscitarão.

A palavra traduzida “*inferno*” é Hades, para a qual não há palavra equivalente na língua portuguesa. A que melhor expressa a ideia contida em Hades é o Além. A morte recebe a parte material (o corpo) e o Hades recebe as partes imateriais (alma e espírito). A morte não é um lugar; é uma condição. O Hades também não é um lugar; é uma condição. Na ressurreição, a morte devolverá o corpo e o Hades devolverá a alma e o espírito; então o ser completo comparecerá perante o Senhor para ser julgado conforme as suas obras. Esta última frase é repetição do v. 12, devido à sua grande importância.

V. 14 — E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo: esta é a segunda morte.

A partir deste julgamento, a morte e o Hades não serão necessários; o lago de fogo será o lugar dos impenitentes para todo o sempre. Já observamos que ambos (a morte e o Hades) são condições; agora vemos que serão substituídos por outra condição, a segunda morte. Já que este lago de fogo é um lugar de tormentos eternos, a segunda morte, obviamente, não é uma cessação de existência, mas uma eterna separação de Deus.

A segunda morte indica uma condição, mas o lago de fogo indica um lugar. Este lugar é chamado de Geena, traduzida doze vezes por “*inferno*” em o Novo Testamento (veja Mateus 5:22, 29, 30; 10:28; 18:9; 23:15, 33; Marcos 9:43, 45, 47; Lucas 12:5; Tiago 3:6). As expressões “*segunda morte*” e “*lago de fogo*” são exclusivas de Apocalipse; veja o comentário sobre 2:11.

V. 15 — E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.

A condenação final e irrevogável dos perdidos será decretada, não só por causa das suas obras, mas porque não estão escritos no livro da vida. Veja o comentário sobre o livro da vida em 3:5.

.oOo.

CAPÍTULO

No final do capítulo anterior, João começou a contemplar o estado eterno. O céu e a terra passaram e o primeiro ato que ele presenciou na eternidade foi o julgamento e a condenação dos pecadores impenitentes. Agora, no começo do capítulo 21, ele vê o lado feliz do quadro: a felicidade e a glória dos salvos na eternidade.

ANÁLISE

- 1) O Estado Eterno — vs. 1-8;
- 2) O Milênio; a Nova Jerusalém — vs. 9-27;
 - a) A Cidade vista de fora — vs. 9-14;
 - b) As medidas da Cidade — vs. 15-17;
 - c) Os materiais da Cidade — vs. 18-21;
 - d) A Cidade vista de dentro — vs. 22, 23;
 - e) A Cidade em relação à terra — vs. 24-27.

COMENTÁRIO

1) O Estado Eterno — vs. 1-8

V. 1 — E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.

Veja 20:11. Note a forma singular de “céu” nestes versículos e compare com a forma plural em Hebreus 1:10-12 e com 2 Pedro 3:7-12. Os céus que passarão são os céus que foram criados (Gênesis 1:1), mas a habitação de Deus, chamada “o céu dos céus” (1 Reis 8:27), jamais passará. Os céus dos pássaros, bem como o céu das estrelas e dos planetas, esses passarão. Veja o comentário sobre isto em 20:11.

O mar é mencionado frequentemente no Apocalipse; às vezes, em um sentido figurativo (13:1) e, às vezes, em um sentido literal (18:19). Já que o céu e a terra são mencionados duas vezes neste versículo em sentido literal, parece mais coerente entender o mar também literalmente. Agora não podemos sobreviver sem o mar, mas tudo será diferente na eternidade.

V. 2 — E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.

No texto grego não consta o nome próprio João.

Aprendemos agora que, além de haver um novo céu e uma nova terra, haverá uma nova Jerusalém. Compare com Gálatas 4:26; Hebreus 11:10, 16; 12:22; Apocalipse 3:12. Observe o contraste com a

cidade do capítulo 18; a Babilônia é descrita como a “*grande cidade*”, nunca como a santa, mas a nova Jerusalém é descrita como a “*santa cidade*”, nunca como a grande. Os homens dão valor a coisas grandes; Deus dá valor a coisas santas. A Versão Corrigida usa a palavra “*grande*” no v. 10 para descrever a nova Jerusalém, mas esta palavra não consta no texto grego.

Esta cidade santa descia de Deus, do céu, porém, não chegou à terra. O resto deste capítulo vai deixar claro que ela ficará suspensa sobre a terra (veja especialmente os vs. 16-24).

Ela vem como uma esposa. Veja comentário sobre 19:7. Compare também com 21:9 e 10. No capítulo 19 lemos que ela “*se aprontou*”; é a forma ativa do verbo, indicando que ela se preparou pelos atos de justiça que praticou (19:7, 8). O mesmo verbo é usado aqui (traduzido “*adereçada*”), mas agora está na forma passiva, indicando que foi Deus Quem a preparou, pela Sua graça.

O verbo traduzido “*ataviada*” também está na forma passiva. Daremos os detalhes deste adorno nas figuras apresentadas a partir do v. 11.

V. 3 — E ouvi urna grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.

No texto grego lemos: “*ouvi uma grande voz do trono*” (não “*do céu*”). Note que a figura usada aqui não é o Templo e sim, o Tabernáculo. A nova Jerusalém será o Tabernáculo de Deus; compare com Êxodo 25:8. Deus não virá visitar os homens, como fazia no Jardim do Éden, mas habitará entre eles.

O verbo traduzido “*habitar*” é da mesma raiz do substantivo “*tabernáculo*”; veja comentário sobre 7:15. Ele habitará com os homens. Note o termo genérico. Na eternidade, não haverá mais distinções raciais ou nacionais, mas, como Deus habitou entre o Seu povo, Israel, no deserto, assim Ele habitará com os homens e estes, a raça humana, serão o Seu povo (a palavra “*povo*” é plural no texto grego). A última frase na Versão Corrigida não consta no texto grego.

V. 4 — E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima: e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.

Este versículo não está dizendo que haverá lágrimas nos olhos dos salvos no estado eterno; pelo contrário, é uma forma linda de dizer que teremos tanta satisfação no nosso Deus que jamais poderá haver uma lágrima. Compare com Isaías 25:8 e com Apocalipse 7:17.

Mais negativos são usados para dar uma ideia da felicidade dos santos. Não haverá mais morte; compare com Gênesis 2:17; Apocalipse

1:18; 18:18 etc.. Veja comentário sobre “pranto” em 18:7. Tanto a morte quanto o pranto serão a porção da grande Babilônia (18:8), mas não serão conhecidos na santa Jerusalém.

A palavra traduzida “clamor” indica uma voz forte, como em 14:18 (traduzida “voz” na Versão Corrigida). Pode ser causada por vários motivos, inclusive à ira e confusão (Atos 23:9) ou a angústia intensa (Hebreus 5:7). A palavra “dor” ocorre somente três vezes em o Novo Testamento (Apocalipse 16:10, 11; 21:4). Mas nem o clamor do angustiado, nem a dor entrarão na santa cidade.

Compare as consequências do pecado em Gênesis 3 com esta lista de coisas que não existirão na santa Jerusalém.

O verbo traduzido “passadas” ocorre duas vezes em 18:14, onde aprendemos que tudo que era desejável e gostoso passou da Babilônia, mas aqui o mesmo verbo diz que tudo que era desagradável e doloroso passou da Nova Jerusalém.

V. 5 — E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis.

O trono aparece frequentemente neste livro desde 1:4. Agora, quase no fim, depois de todas as convulsões naturais, sociais e políticas na terra e no universo, Deus ainda está no trono, supremo e soberano. Ele anuncia que faz novas todas as coisas. Isto é, as mudanças mencionadas no versículo anterior não são um mero paliativo, distraindo a atenção dos homens das injustiças e tristezas de séculos, mas são amostras de uma verdadeira recriação de tudo, onde não há lugar para o pecado e as suas consequências nefastas. Compare com 2:17; 3:12; 14:3; 21:1, 2; 2 Coríntios 5:17.

Como se o Senhor antecipasse a incredulidade dos homens, Ele manda escrever (compare com 1:11, 19; 14:13; 19:9), afirmando que estas palavras são fiéis e verdadeiras. Veja 3:14; 19:11; 22:6.

V. 6 — E disse-me mais: Está cumprido: Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida,

“Está cumprido” traduz uma só palavra do texto grego; é uma palavra plural, coletiva e neutra. A mesma palavra é usada em 16:17, quando se completou a ira de Deus; agora é usada quando Deus completa a nova criação.

Veja comentário sobre “Alfa e Ômega” em 1:8. A frase “o princípio e o fim” expressa praticamente a mesma ideia. Talvez poderemos ver em “Alfa e Ômega” a mensagem de Deus para os homens e em “o princípio e o fim”, as obras de Deus. Tendo feito tudo novo (v. 5), é com razão óbvia que Ele diz que é o princípio e o fim, pois na primeira criação tudo se originou nEle e tudo foi aperfeiçoado nEle na nova criação.

Sendo Ele completo e autossuficiente, Ele pode satisfazer todas as necessidades das Suas criaturas. Da eternidade, onde os salvos nunca terão sede (7:16), Ele anuncia a Sua disposição de saciar a sede daquele que sente a sua necessidade. Compare com Isaías 55:1; João 4:14; Apocalipse 7:17.

V. 7 — Quem vencer, herdará todas as coisas; e Eu serei seu Deus, e ele será Meu filho.

Todos os salvos serão vencedores neste sentido (veja Romanos 8:37) e note o contraste nas cartas dos capítulos 2 e 3 de Apocalipse. O texto grego diz que “*ele herdará estas coisas*” (não “*todas as coisas*”). Isto é, as coisas mencionadas no contexto, ou seja esta nova criação. Compare 2 Coríntios 6:18 com o fim do versículo.

V. 8 — Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicários, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte.

Após contemplarmos a felicidade dos salvos, vemos mais uma vez a triste sorte dos perdidos. A lista de condenados começa com os tímidos. São aqueles que temeram os homens e, conseqüentemente, rejeitaram a Cristo. Em segundo lugar, lemos de incrédulos; são aqueles que não acreditaram. Juntamente com os incrédulos estarão os idólatras, que acreditaram até em vãs superstições. Os abomináveis, os violentos e os imorais também terão parte neste sofrimento. A palavra traduzida “*feiticeiros*” é da mesma raiz de “*feitiçarias*”, que já foi comentada em 9:21. Completando a lista, temos menção dos mentirosos ou, literalmente, os falsos.

Veja comentário sobre “*lago de fogo*” em 19:20 e comentário sobre a “*segunda morte*” em 20:14. As coisas que não existirão na Nova Jerusalém serão a porção eterna dos perdidos no lago de fogo.

2) O Milênio; a Nova Jerusalém — vs. 9-27

Neste ponto, voltamos ao Milênio. Os primeiros oito versículos deste capítulo são uma continuação lógica e cronológica dos acontecimentos relatados no capítulo 20. Agora, voltamos ao assunto de 20:1-6 para ver a esposa do Cordeiro em relação ao Milênio.

a) A Cidade vista de fora — vs. 9-14

V. 9 — E vi um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro.

Compare com 17:1. As semelhanças entre estes dois versículos destacam o contraste entre a meretriz e a esposa do Cordeiro. Veja também o comentário sobre 19:7.

V. 10 — E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu.

No versículo anterior, o anjo disse que mostraria a esposa, a mulher do Cordeiro e mostrou a cidade, a santa Jerusalém (o adjetivo “grande” não consta no texto grego; veja comentário sobre o v. 2). A esposa do Cordeiro, portanto, é a santa Jerusalém. São duas figuras da Igreja (esposa e cidade) como há duas figuras da “igreja” falsa (meretriz e cidade). Como esposa, vemos a intimidade da sua comunhão com o Cordeiro e a sua união com Ele; como cidade, vemos a habitação de Deus e a vida conjunta e organizada dos salvos.

Para ter esta visão gloriosa, João foi levado a um alto e grande monte. Note o contraste em 17:3 e veja comentário sobre 1:10.

Não confunda a descida da cidade aqui com a do v. 2. Haverá duas descidas distintas. Esta, a do v. 10, acontecerá no início do Milênio, mas a do v. 2 acontecerá mais de mil anos mais tarde, após a criação de um novo céu e de uma nova terra.

V. 11 — E tinha a glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente.

Qual luminária, a cidade descia do céu, refletindo a glória de Deus, como uma pedra de jaspe cristalino. Esta pedra aparece três vezes na descrição da cidade (veja também os vs. 18 e 19). Veja comentário sobre 4:3.

V. 12 — E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel.

Compare com a promessa do Senhor para a Jerusalém terrestre em Zacarias 2:5; também com as doze portas da Jerusalém terrestre, no Milênio, em Ezequiel 48:31 e 34. O muro grande e alto fala de separação e de segurança. Os anjos nas doze portas também reforçam a ideia de segurança total. A porta da cidade era o lugar de governo; doze é o número que indica perfeição governamental. A figura aqui representada, portanto, é de perfeição na administração da nova Jerusalém. Os nomes das tribos nas portas da cidade indicam que estas tribos de Israel serão administradas da nova Jerusalém. Veja Mateus 19:28.

V. 13 — Da banda do levante tinha três portas, da banda do norte três portas, da banda do sul três portas, da banda do poente três portas.

Note a distribuição das portas em simetria, reforçando a ideia de perfeição de administração. Compare outra vez com Ezequiel 48:31-34.

V. 14 — E o muro da cidade tinha doze fundamento, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

Compare com Efésios 2:20. Os apóstolos não são o fundamento da Igreja, mas foram usados por Deus para lançar o fundamento. Veja também 1 Coríntios 3:11 e 1 Pedro 2:4-8.

b) As medidas da Cidade — vs. 15-17

V. 15 — E aquele que falava comigo tinha uma cana de ouro, para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro.

Aquele que falava com João aqui é o mesmo anjo do v. 9. O homem que foi medir o templo na Jerusalém terrestre (Ezequiel capítulo 40) usou um cordel de linho e uma cana de medir (v. 3). Aquele templo será o terreno e poderá ser medido por meios terrenos, mas somente uma cana de ouro (símbolo daquilo que é divino) poderá medir a Nova Jerusalém. Veja comentário sobre 11:1.

V. 16 — E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto quanto a sua largura. E mediu a cidade com a cana até doze mil estádios: e o seu comprimento, largura e altura eram iguais.

Este versículo confirma a impressão dada no v. 13 de que a cidade é quadrada. E mostra mais um detalhe — a altura é igual ao comprimento e à largura. Poderia ser, então, em forma de cubo ou (o que parece ser mais provável) de pirâmide. O anjo mediu a cidade em doze mil estádios. Note mais uma vez a repetição do número doze. Doze mil estádios seriam mais de dois mil quilômetros! Se estas medidas forem literais, a cidade é tão grande que desafia a nossa imaginação. Como símbolos, mostram a perfeição da administração divina dos assuntos terrenos.

V. 17 — E mediu o seu muro, de cento e quarenta e quatro côvados, conforme a medida de homem, que é a dum anjo.

Para medir o muro, ele não usou a medida grega (estádio) como fez para medir a cidade, mas a medida judaica - o côvado. Há diferenças de opinião quanto ao comprimento de um côvado (que significa o antebraço de um homem), mas, se aceitarmos a medida de cinquenta centímetros para cada côvado, então o muro teria setenta e dois metros de altura.

O final do versículo, porém, diz que a medida é a de um anjo, talvez indicando que não é o côvado comum que foi usado e, conseqüentemente, não seria possível calcularmos a altura destes muros.

O que é importante é notar que são cento e quarenta e quatro côvados, ou seja, doze vezes doze. Mais uma vez, o número que simboliza a perfeição governamental está evidente nesta cidade.

c) Os materiais da Cidade — vs. 18-21

V. 18 — E a fábrica do seu muro era de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante a vidro puro.

As figuras usadas aqui não são novas. Veja comentário sobre a pedra “*jaspe*” em 4:3 e compare com 21:11 e 19. Veja comentário sobre o “*ouro*” em 1:12. O “*vidro*” é mencionado aqui pela primeira vez em o Novo Testamento e ocorre só mais uma vez (v. 21). O adjetivo, da mesma raiz, porém, ocorre em 4:6 e duas vezes em 15:2. Veja o comentário sobre 4:6.

Note a repetição da palavra “*puro*”. As demais ocorrências desta palavra no Apocalipse são: 15:6; 19:8, 14; 21:21; 22:1.

V. 19 — E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda a pedra preciosa. O primeiro fundamento era jaspe; o segundo, safira; o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda;

Os fundamentos desta cidade são visíveis (não enterrados, como nas cidades terrestres) e refletem a glória de Deus. Veja comentário sobre o “*jaspe*” em 4:3 e compare com 21:11 e 18. Há diversas opiniões quanto ao jaspe, mas parece que se refere a uma pedra verde, opaca, com veias de várias cores. A “*safira*” é uma pedra de cor azul celeste, quase totalmente transparente. Esta é a única menção dela em o Novo Testamento. No Velho Testamento é mencionada várias vezes, tendo lugar no peitoral do sumo sacerdote (Êxodo 28:18) e no adorno de Satanás (Ezequiel 28:13).

A “*calcedônia*” é mencionada somente neste versículo. Parece ser uma pedra de cor azul clara, que recebe este nome por ser achada em Calcedônia, na Bitínia. A “*esmeralda*” é uma pedra de um verde forte; veja comentário sobre 4:3. Esta pedra também tinha lugar no peitoral do sumo sacerdote (Êxodo 28:18) e no adorno de Satanás (Ezequiel 28:13).

V. 20 — O quinto, sardônica; o sexto, sárdio; o sétimo, crisólito; o oitavo, berilo; o nono, topázio; o décimo, crisópraso; o undécimo, jacinto; o duodécimo, ametista.

A “*sardônica*” é mencionada somente aqui e em Gênesis 2:12. É uma pedra composta de camadas de vermelho e branco. Veja comentário sobre o “*sárdio*” em 4:3. É uma pedra vermelha. O “*crisólito*”, mencionado somente aqui em o Novo Testamento, é uma pedra dourada, encontrada principalmente no oriente. O “*berilo*” é uma pedra transparente, de cor verde marinho. Esta pedra também tinha

lugar no peitoral (Êxodo 28:20) e no adorno de Satanás (Ezequiel 28:13).

Note que no Velho Testamento a Versão Corrigida traduz este nome por “turquesa”. O “topázio” é mencionado somente aqui em o Novo Testamento, mas também, aparece no peitoral do sumo sacerdote e no adorno de Satanás. É uma pedra verde claro. O “crisópraso” é uma pedra verde que não é mencionada em nenhum outro lugar na Bíblia. O “jacinto” é uma variedade de ametista, de cor violeta; veja 9:17. A “ametista” tinha lugar no peitoral do sumo sacerdote.

V. 21 — E as doze portas eram doze pérolas: cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente.

Mais uma vez vemos em destaque o número doze. Cada uma das portas era uma pérola, uma pedra preciosíssima e linda, formada dos sofrimentos e irritações causados na ostra, simbolizando a glória que vem em consequência dos sofrimentos do Senhor Jesus Cristo. A palavra traduzida “praça” pode significar “rua”. Veja comentário sobre o ouro puro e o vidro no v. 18.

d) A Cidade vista por dentro — vs. 22, 23

V. 22 — E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.

João agora olha para dentro da cidade e impressiona-se mais com as usas que não vê. A palavra traduzida “templo” significa o lugar santíssimo e no texto grego está no começo da frase, no lugar de ênfase. Veja comentário sobre “templo” em 3:12. Não havia templo porque não precisava de templo, sendo que o Senhor mesmo era o seu santuário. Veja comentário sobre Deus Todo-Poderoso em 1:8. Veja a divindade do Cordeiro estabelecida. Seria blasfêmia pôr o nome de uma criatura, por mais elevada que fosse, neste contexto. O Pai se apresenta aqui como o Todo-Poderoso e o Filho como o Cordeiro; nisto temos uma combinação de força ilimitada e de amor inesgotável.

V. 23 — E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

As necessidades desta cidade, tanto espirituais (v. 22) como naturais (v. 23) são supridas pelo próprio Deus. Este versículo não diz que o sol e a lua não mais existirão, mas diz que a cidade não precisa deles; a glória de Deus fornece a iluminação. Compare com Gênesis 1:3, 4, onde havia luz antes da criação do sol e da lua. Veja Isaías 60:19. Compare com Êxodo 14:20; Mateus 17:2, 5; Atos 26:13. Note o tempo dos verbos. A cidade não necessita de sol (presente), porque a glória de Deus a tem alumiado (passado).

Veja comentário sobre “*lâmpada*” em 18:23.

Note mais uma confirmação da divindade do Cordeiro.

e) A Cidade em relação à terra — vs. 24-27

V. 24— E as nações andarão à sua luz; e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra,

Tal o resplendor desta cidade celeste, suspensa sobre a terra, que as nações andarão à sua luz. Os reis da terra aqui mencionados, obviamente não são os mesmos de 17:2, pois estes pereceram no Armagedom (19:19, 20). A palavra “*honra*” não consta no texto grego; a palavra traduzida “*glória*” é a mesma que foi usada no versículo anterior, mas a glória dos reis em nada aumentará a glória de Deus.

V. 25 — E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite.

Aqui o Espírito usa um negativo muito forte; Ele diz que as portas não se fecharão de forma alguma. Se os muros e os anjos (v. 12) garantem a segurança da cidade, as portas sempre abertas garantem livre acesso e acolhida à presença do Rei.

Não haverá noite porque a luz não provém do sol, mas dAquele que não muda; compare com Tiago 1:17.

V. 26 — E a ela trarão a glória e honra das nações.

As nações, a exemplo dos seus reis, trarão glória à cidade celeste; trarão também a sua honra. Compare com 4:9, 11; 5:12, 13; 7:12; 19:1.

V. 27 — E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.

Apesar das portas sempre abertas, nada que contamine (nem tampouco uma pessoa sequer que cometa abominação e mentira) entrará nela; nem coisas diversas, nem pessoas pecadoras entrarão. O pecador naturalmente afasta-se de Deus (veja Gênesis 3:8 e João 3:20). Aquela cidade santa não atrairá qualquer pecador impenitente. Só aquele que está inscrito no livro da vida do Cordeiro (veja comentário sobre 3:5) tem uma natureza e capacidade para deliciar-se neste lugar santo. Veja comentário sobre os quatro cantos da terra em 20:8.

.oOo.

CAPÍTULO

21

No final do capítulo anterior, João começou a contemplar o estado eterno. O céu e a terra passaram e o primeiro ato que ele presenciou na eternidade foi o julgamento e a condenação dos pecadores impenitentes. Agora, no começo do capítulo 21, ele vê o lado feliz do quadro: a felicidade e a glória dos salvos na eternidade.

ANÁLISE

- 1) O Estado Eterno — vs. 1-8;
- 2) O Milênio; a Nova Jerusalém — vs. 9-27;
 - a) A Cidade vista de fora — vs. 9-14;
 - b) As medidas da Cidade — vs. 15-17;
 - c) Os materiais da Cidade — vs. 18-21;
 - d) A Cidade vista de dentro — vs. 22, 23;
 - e) A Cidade em relação à terra — vs. 24-27.

COMENTÁRIO

1) O Estado Eterno — vs. 1-8

V. 1 — E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.

Veja 20:11. Note a forma singular de “céu” nestes versículos e compare com a forma plural em Hebreus 1:10-12 e com 2 Pedro 3:7-12. Os céus que passarão são os céus que foram criados (Gênesis 1:1), mas a habitação de Deus, chamada “o céu dos céus” (1 Reis 8:27), jamais passará. Os céus dos pássaros, bem como o céu das estrelas e dos planetas, esses passarão. Veja o comentário sobre isto em 20:11.

O mar é mencionado frequentemente no Apocalipse; às vezes, em um sentido figurativo (13:1) e, às vezes, em um sentido literal (18:19). Já que o céu e a terra são mencionados duas vezes neste versículo em sentido literal, parece mais coerente entender o mar também literalmente. Agora não podemos sobreviver sem o mar, mas tudo será diferente na eternidade.

V. 2 — E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.

No texto grego não consta o nome próprio João.

Aprendemos agora que, além de haver um novo céu e uma nova terra, haverá uma nova Jerusalém. Compare com Gálatas 4:26; Hebreus 11:10, 16; 12:22; Apocalipse 3:12. Observe o contraste com a cidade do capítulo 18; a Babilônia é descrita como a “grande cidade”, nunca como a santa, mas a nova Jerusalém é descrita como a “santa

cidade”, nunca como a grande. Os homens dão valor a coisas grandes; Deus dá valor a coisas santas. A Versão Corrigida usa a palavra “*grande*” no v. 10 para descrever a nova Jerusalém, mas esta palavra não consta no texto grego.

Esta cidade santa descia de Deus, do céu, porém, não chegou à terra. O resto deste capítulo vai deixar claro que ela ficará suspensa sobre a terra (veja especialmente os vs. 16-24).

Ela vem como uma esposa. Veja comentário sobre 19:7. Compare também com 21:9 e 10. No capítulo 19 lemos que ela “*se aprontou*”; é a forma ativa do verbo, indicando que ela se preparou pelos atos de justiça que praticou (19:7, 8). O mesmo verbo é usado aqui (traduzido “*adereçada*”), mas agora está na forma passiva, indicando que foi Deus Quem a preparou, pela Sua graça.

O verbo traduzido “*ataviada*” também está na forma passiva. Veremos os detalhes deste adorno nas figuras apresentadas a partir do v. 11.

V. 3 — E ouvi urna grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.

No texto grego lemos: “*ouvi uma grande voz do trono*” (não “*do céu*”). Note que a figura usada aqui não é o Templo e sim, o Tabernáculo. A nova Jerusalém será o Tabernáculo de Deus; compare com Êxodo 25:8. Deus não virá visitar os homens, como fazia no Jardim do Éden, mas habitará entre eles.

O verbo traduzido “*habitar*” é da mesma raiz do substantivo “*tabernáculo*”; veja comentário sobre 7:15. Ele habitará com os homens. Note o termo genérico. Na eternidade, não haverá mais distinções raciais ou nacionais, mas, como Deus habitou entre o Seu povo, Israel, no deserto, assim Ele habitará com os homens e estes, a raça humana, serão o Seu povo (a palavra “*povo*” é plural no texto grego). A última frase na Versão Corrigida não consta no texto grego.

V. 4 — E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima: e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.

Este versículo não está dizendo que haverá lágrimas nos olhos dos salvos no estado eterno; pelo contrário, é uma forma linda de dizer que teremos tanta satisfação no nosso Deus que jamais poderá haver uma lágrima. Compare com Isaías 25:8 e com Apocalipse 7:17.

Mais negativos são usados para dar uma ideia da felicidade dos santos. Não haverá mais morte; compare com Gênesis 2:17; Apocalipse 1:18; 18:18 etc.. Veja comentário sobre “*pranto*” em 18:7. Tanto a morte

quanto o pranto serão a porção da grande Babilônia (18:8), mas não serão conhecidos na santa Jerusalém.

A palavra traduzida “*clamor*” indica uma voz forte, como em 14:18 (traduzida “*voz*” na Versão Corrigida). Pode ser causada por vários motivos, inclusive à ira e confusão (Atos 23:9) ou a angústia intensa (Hebreus 5:7). A palavra “*dor*” ocorre somente três vezes em o Novo Testamento (Apocalipse 16:10, 11; 21:4). Mas nem o clamor do angustiado, nem a dor entrarão na santa cidade.

Compare as consequências do pecado em Gênesis 3 com esta lista de coisas que não existirão na santa Jerusalém.

O verbo traduzido “*passadas*” ocorre duas vezes em 18:14, onde aprendemos que tudo que era desejável e gostoso passou da Babilônia, mas aqui o mesmo verbo diz que tudo que era desagradável e doloroso passou da Nova Jerusalém.

V. 5 — E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis.

O trono aparece frequentemente neste livro desde 1:4. Agora, quase no fim, depois de todas as convulsões naturais, sociais e políticas na terra e no universo, Deus ainda está no trono, supremo e soberano. Ele anuncia que faz novas todas as coisas. Isto é, as mudanças mencionadas no versículo anterior não são um mero paliativo, distraindo a atenção dos homens das injustiças e tristezas de séculos, mas são amostras de uma verdadeira recriação de tudo, onde não há lugar para o pecado e as suas consequências nefastas. Compare com 2:17; 3:12; 14:3; 21:1, 2; 2 Coríntios 5:17.

Como se o Senhor antecipasse a incredulidade dos homens, Ele manda escrever (compare com 1:11, 19; 14:13; 19:9), afirmando que estas palavras são fiéis e verdadeiras. Veja 3:14; 19:11; 22:6.

V. 6 — E disse-me mais: Está cumprido: Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida,

“*Está cumprido*” traduz uma só palavra do texto grego; é uma palavra plural, coletiva e neutra. A mesma palavra é usada em 16:17, quando se completou a ira de Deus; agora é usada quando Deus completa a nova criação.

Veja comentário sobre “*Alfa e Ômega*” em 1:8. A frase “*o princípio e o fim*” expressa praticamente a mesma ideia. Talvez poderemos ver em “*Alfa e Ômega*” a mensagem de Deus para os homens e em “*o princípio e o fim*”, as obras de Deus. Tendo feito tudo novo (v. 5), é com razão óbvia que Ele diz que é o princípio e o fim, pois na primeira criação tudo se originou nEle e tudo foi aperfeiçoado nEle na nova criação.

Sendo Ele completo e autossuficiente, Ele pode satisfazer todas as necessidades das Suas criaturas. Da eternidade, onde os salvos nunca terão sede (7:16), Ele anuncia a Sua disposição de saciar a sede daquele que sente a sua necessidade. Compare com Isaías 55:1; João 4:14; Apocalipse 7:17.

V. 7 — Quem vencer, herdará todas as coisas; e Eu serei seu Deus, e ele será Meu filho.

Todos os salvos serão vencedores neste sentido (veja Romanos 8:37) e note o contraste nas cartas dos capítulos 2 e 3 de Apocalipse. O texto grego diz que “*ele herdará estas coisas*” (não “*todas as coisas*”), isto é, as coisas mencionadas no contexto, ou seja esta nova criação. Compare 2 Coríntios 6:18 com o fim versículo.

V. 8 — Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicários, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte.

Após contemplarmos a felicidade dos salvos, vemos mais uma vez a triste sorte dos perdidos. A lista de condenados começa com os tímidos. São aqueles que temeram os homens e, conseqüentemente, rejeitaram a Cristo. Em segundo lugar, lemos de incrédulos; são aqueles que não acreditaram. Juntamente com os incrédulos estarão os idólatras, que acreditaram até em vãs superstições. Os abomináveis, os violentos e os imorais também terão parte neste sofrimento. A palavra traduzida “*feiticeiros*” é da mesma raiz de “*feitiçarias*”, que já foi comentada em 9:21. Completando a lista, temos menção dos mentirosos ou, literalmente, os falsos.

Veja comentário sobre “*lago de fogo*” em 19:20 e comentário sobre a “*segunda morte*” em 20:14. As coisas que não existirão na Nova Jerusalém serão a porção eterna dos perdidos no lago de fogo.

2) O Milênio; a Nova Jerusalém — vs. 9-27

Neste ponto, voltamos ao Milênio. Os primeiros oito versículos deste capítulo são uma continuação lógica e cronológica dos acontecimentos relatados no capítulo 20. Agora, voltamos ao assunto de 20:1-6 para ver a esposa do Cordeiro em relação ao Milênio.

a) A Cidade vista de fora — vs. 9-14

V. 9 — E vi um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro.

Compare com 17:1. As semelhanças entre estes dois versículos destacam o contraste entre a meretriz e a esposa do Cordeiro. Veja também o comentário sobre 19:7.

V. 10 — E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu.

No versículo anterior, o anjo disse que mostraria a esposa, a mulher do Cordeiro e mostrou a cidade, a santa Jerusalém (o adjetivo “grande” não consta no texto grego; veja comentário sobre o v. 2). A esposa do Cordeiro, portanto, é a santa Jerusalém. São duas figuras da Igreja (esposa e cidade) como há duas figuras da “igreja” falsa (meretriz e cidade). Como esposa, vemos a intimidade da sua comunhão com o Cordeiro e a sua união com Ele; como cidade, vemos a habitação de Deus e a vida conjunta e organizada dos salvos.

Para ter esta visão gloriosa, João foi levado a um alto e grande monte. Note o contraste em 17:3 e veja comentário sobre 1:10.

Não confunda a descida da cidade aqui com a do v. 2. Haverá duas descidas distintas. Esta, a do v. 10, acontecerá no início do Milênio, mas a do v. 2 acontecerá mais de mil anos mais tarde, após a criação de um novo céu e de uma nova terra.

V. 11 — E tinha a glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente.

Qual luminária, a cidade descia do céu, refletindo a glória de Deus, como uma pedra de jaspe cristalino. Esta pedra aparece três vezes na descrição da cidade (veja também os vs. 18 e 19). Veja comentário sobre 4:3.

V. 12 — E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel.

Compare com a promessa do Senhor para a Jerusalém terrestre em Zacarias 2:5; também com as doze portas da Jerusalém terrestre, no Milênio, em Ezequiel 48:31 e 34. O muro grande e alto fala de separação e de segurança. Os anjos nas doze portas também reforçam a ideia de segurança total. A porta da cidade era o lugar de governo; doze é o número que indica perfeição governamental. A figura aqui representada, portanto, é de perfeição na administração da nova Jerusalém. Os nomes das tribos nas portas da cidade indicam que estas tribos de Israel serão administradas da nova Jerusalém. Veja Mateus 19:28.

V. 13 — Da banda do levante tinha três portas, da banda do norte três portas, da banda do sul três portas, da banda do poente três portas.

Note a distribuição das portas em simetria, reforçando a ideia de perfeição de administração. Compare outra vez com Ezequiel 48:31-34.

V. 14 — E o muro da cidade tinha doze fundamento, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

Compare com Efésios 2:20. Os apóstolos não são o fundamento da Igreja, mas foram usados por Deus para lançar o fundamento. Veja também 1 Coríntios 3:11 e 1 Pedro 2:4-8.

b) As medidas da Cidade — vs. 15-17

V. 15 — E aquele que falava comigo tinha uma cana de ouro, para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro.

Aquele que falava com João aqui é o mesmo anjo do v. 9. O homem que foi medir o templo na Jerusalém terrestre (Ezequiel capítulo 40) usou um cordel de linho e uma cana de medir (v. 3). Aquele templo será o terreno e poderá ser medido por meios terrenos, mas somente uma cana de ouro (símbolo daquilo que é divino) poderá medir a Nova Jerusalém. Veja comentário sobre 11:1.

V. 16 — E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto quanto a sua largura. E mediu a cidade com a cana até doze mil estádios: e o seu comprimento, largura e altura eram iguais.

Este versículo confirma a impressão dada no v. 13 de que a cidade é quadrada. E mostra mais um detalhe — a altura é igual ao comprimento e à largura. Poderia ser, então, em forma de cubo ou (o que parece ser mais provável) de pirâmide. O anjo mediu a cidade em doze mil estádios. Note mais uma vez a repetição do número doze. Doze mil estádios seriam mais de dois mil quilômetros! Se estas medidas forem literais, a cidade é tão grande que desafia a nossa imaginação. Como símbolos, mostram a perfeição da administração divina dos assuntos terrenos.

V. 17 — E mediu o seu muro, de cento e quarenta e quatro côvados, conforme a medida de homem, que é a dum anjo.

Para medir o muro, ele não usou a medida grega (estádio) como fez para medir a cidade, mas a medida judaica - o côvado. Há diferenças de opinião quanto ao comprimento de um côvado (que significa o antebraço de um homem), mas, se aceitarmos a medida de cinquenta centímetros para cada côvado, então o muro teria setenta e dois metros de altura.

O final do versículo, porém, diz que a medida é a de um anjo, talvez indicando que não é o côvado comum que foi usado e, conseqüentemente, não seria possível calcularmos a altura destes muros.

O que é importante é notar que são cento e quarenta e quatro côvados, ou seja, doze vezes doze. Mais uma vez, o número que simboliza a perfeição governamental está evidente nesta cidade.

c) Os materiais da Cidade — vs. 18-21

V. 18 — E a fábrica do seu muro era de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante a vidro puro.

As figuras usadas aqui não são novas. Veja comentário sobre a pedra “*jaspe*” em 4:3 e compare com 21:11 e 19. Veja comentário sobre o “*ouro*” em 1:12. O “*vidro*” é mencionado aqui pela primeira vez em o Novo Testamento e ocorre só mais uma vez (v. 21). O adjetivo, da mesma raiz, porém, ocorre em 4:6 e duas vezes em 15:2. Veja o comentário sobre 4:6.

Note a repetição da palavra “*puro*”. As demais ocorrências desta palavra no Apocalipse são: 15:6; 19:8, 14; 21:21; 22:1.

V. 19 — E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda a pedra preciosa. O primeiro fundamento era jaspe; o segundo, safira; o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda;

Os fundamentos desta cidade são visíveis (não enterrados, como nas cidades terrestres) e refletem a glória de Deus. Veja comentário sobre o “*jaspe*” em 4:3 e compare com 21:11 e 18. Há diversas opiniões quanto ao jaspe, mas parece que se refere a uma pedra verde, opaca, com veias de várias cores. A “*safira*” é uma pedra de cor azul celeste, quase totalmente transparente. Esta é a única menção dela em o Novo Testamento. No Velho Testamento é mencionada várias vezes, tendo lugar no peitoral do sumo sacerdote (Êxodo 28:18) e no adorno de Satanás (Ezequiel 28:13).

A “*calcedônia*” é mencionada somente neste versículo. Parece ser uma pedra de cor azul clara, que recebe este nome por ser achada em Calcedônia, na Bitínia. A “*esmeralda*” é uma pedra de um verde forte; veja comentário sobre 4:3. Esta pedra também tinha lugar no peitoral do sumo sacerdote (Êxodo 28:18) e no adorno de Satanás (Ezequiel 28:13).

V. 20 — O quinto, sardônica; o sexto, sárdio; o sétimo, crisólito; o oitavo, berilo; o nono, topázio; o décimo, crisópraso; o undécimo, jacinto; o duodécimo, ametista.

A “*sardônica*” é mencionada somente aqui e em Gênesis 2:12. É uma pedra composta de camadas de vermelho e branco. Veja comentário sobre o “*sárdio*” em 4:3. É uma pedra vermelha. O “*crisólito*”, mencionado somente aqui em o Novo Testamento, é uma pedra dourada, encontrada principalmente no oriente. O “*berilo*” é uma pedra transparente, de cor verde marinho. Esta pedra também tinha

lugar no peitoral (Êxodo 28:20) e no adorno de Satanás (Ezequiel 28:13).

Note que no Velho Testamento a Versão Corrigida traduz este nome por “turquesa”. O “topázio” é mencionado somente aqui em o Novo Testamento, mas também, aparece no peitoral do sumo sacerdote e no adorno de Satanás. É uma pedra verde claro. O “crisópraso” é uma pedra verde que não é mencionada em nenhum outro lugar na Bíblia. O “jacinto” é uma variedade de ametista, de cor violeta; veja 9:17. A “ametista” tinha lugar no peitoral do sumo sacerdote.

V. 21 — E as doze portas eram doze pérolas: cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente.

Mais uma vez vemos em destaque o número doze. Cada uma das portas era uma pérola, uma pedra preciosíssima e linda, formada dos sofrimentos e irritações causados na ostra, simbolizando a glória que vem em consequência dos sofrimentos do Senhor Jesus Cristo. A palavra traduzida “praça” pode significar “rua”. Veja comentário sobre o ouro puro e o vidro no v. 18.

d) A Cidade vista por dentro — vs. 22, 23

V. 22 — E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.

João agora olha para dentro da cidade e impressiona-se mais com as usas que não vê. A palavra traduzida “templo” significa o lugar santíssimo e no texto grego está no começo da frase, no lugar de ênfase. Veja comentário sobre “templo” em 3:12. Não havia templo porque não precisava de templo, sendo que o Senhor mesmo era o seu santuário. Veja comentário sobre Deus Todo-Poderoso em 1:8. Veja a divindade do Cordeiro estabelecida. Seria blasfêmia pôr o nome de uma criatura, por mais elevada que fosse, neste contexto. O Pai se apresenta aqui como o Todo-Poderoso e o Filho como o Cordeiro; nisto temos uma combinação de força ilimitada e de amor inesgotável.

V. 23 — E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

As necessidades desta cidade, tanto espirituais (v. 22) como naturais (v. 23) são supridas pelo próprio Deus. Este versículo não diz que o sol e a lua não mais existirão, mas diz que a cidade não precisa deles; a glória de Deus fornece a iluminação. Compare com Gênesis 1:3, 4, onde havia luz antes da criação do sol e da lua. Veja Isaías 60:19. Compare com Êxodo 14:20; Mateus 17:2, 5; Atos 26:13. Note o tempo dos verbos. A cidade não necessita de sol (presente), porque a glória de Deus a tem alumiado (passado).

Veja comentário sobre “*lâmpada*” em 18:23.

Note mais uma confirmação da divindade do Cordeiro.

V. 24— E as nações andarão à sua luz; e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra,

Tal o resplendor desta cidade celeste, suspensa sobre a terra, que as nações andarão à sua luz. Os reis da terra aqui mencionados, obviamente não são os mesmos de 17:2, pois estes pereceram no Armagedom (19:19, 20). A palavra “*honra*” não consta no texto grego; a palavra traduzida “*glória*” é a mesma que foi usada no versículo anterior, mas a glória dos reis em nada aumentará a glória de Deus.

V. 25 — E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite.

Aqui o Espírito usa um negativo muito forte; Ele diz que as portas não se fecharão de forma alguma. Se os muros e os anjos (v. 12) garantem a segurança da cidade, as portas sempre abertas garantem livre acesso e acolhida à presença do Rei.

Não haverá noite porque a luz não provém do sol, mas dAquele que não muda; compare com Tiago 1:17.

V. 26 — E a ela trarão a glória e honra das nações.

As nações, a exemplo dos seus reis, trarão glória à cidade celeste; trarão também a sua honra. Compare com 4:9, 11; 5:12, 13; 7:12; 19:1.

V. 27 — E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.

Apesar das portas sempre abertas, nada que contamine (nem tampouco uma pessoa sequer que cometa abominação e mentira) entrará nela; nem coisas perversas, nem pessoas pecadoras entrarão, O pecador naturalmente afasta-se de Deus (veja Gênesis 3:8 e João 3:20). Aquela cidade santa não atrairá qualquer pecador impenitente. Só aquele que está inscrito no livro da vida do Cordeiro (veja comentário sobre 3:5) tem uma natureza e capacidade para deliciar-se neste lugar santo. Veja comentário sobre os quatro cantos da terra em 20:8.

.oOo.

CAPÍTULO 22

Os primeiros versículos deste capítulo continuam e concluem a descrição da cidade celestial. A divisão em capítulos, mais uma vez, foi infeliz, pois estes versículos realmente pertencem ao capítulo anterior.

ANÁLISE

- 1) A Cidade celestial — vs. 1-5;
- 2) O Epílogo; admoestações e promessas finais — vs. 6-21.

COMENTÁRIO

1) A Cidade celestial — vs. 1-6

V. 1 — E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro.

Temos agora mais detalhes sobre o centro da cidade. Compare com Ezequiel 47:1-12. Águas de bênção, trazendo vida, sairão do santuário na Jerusalém celestial durante o Milênio. Este rio de bênção (Ezequiel 47), porém, é apenas uma figura de coisas celestes, como vemos aqui. Compare com o aspecto parabólico do tabernáculo (Hebreus 9:9, 23, 24).

Em Ezequiel, as águas procediam do santuário onde Deus habita; na nova Jerusalém procederão do trono, indicando que a vida e a satisfação verdadeira têm a sua origem em Deus e em nossa obediência ao Seu mando.

A palavra “*puro*” não está no texto grego neste versículo, mas a ideia de pureza está na expressão “*claro como cristal*”. Veja o comentário sobre 4:6 e compare com 21:11. Compare com os rios no Jardim do Éden (Gênesis 2:10-14).

Observe a menção do Cordeiro. Isto constitui mais uma prova irrefutável da Sua divindade e igualdade com o Pai, pois ambos são mencionados como fonte destas bênçãos. Mostra também que estes versículos estão descrevendo uma cena no Milênio (veja análise do capítulo 21). Veja como na descrição do estado eterno (21:1-8), Deus, o Deus Triúno, está proeminente, mas no resto do capítulo 21 e aqui no capítulo 22 vemos o Cordeiro associado com Deus no governo. No fim do Milênio, o Senhor Jesus entregará o reino ao Pai, para que Deus seja tudo em todos (1 Coríntios 15:24-28).

V. 2 — No meio da sua praça, e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações.

Continue comparando com Ezequiel 47:1-12.

A palavra traduzida “*praça*” pode significar “*rua*”; veja 21:21.

No começo da Bíblia encontramos um homem e sua esposa (Adão e Eva) com Deus no Jardim do Éden, onde havia um rio e uma árvore de vida; mas a serpente estragou aquela felicidade. Agora, no final da

Bíblia, vemos o Segundo Homem, o Último Adão, com a Sua esposa, a Nova Jerusalém, onde há um rio de água de vida e uma árvore de vida e onde a serpente jamais poderá atacar, pois nada que contamina entrará lá (21:27).

Note, mais uma vez, o número doze, característico da Nova Jerusalém.

As folhas são “*para a saúde das nações*”. Isto confirma a interpretação dada, de que esta passagem fala do Milênio, pois, no estado eterno, não haverá distinções nacionais, nem tampouco necessidade de medicina, mesmo preventiva.

Não devemos esquecer que estas coisas são figuras; mas são figuras eloquentes! O rio simboliza a vida, abundante em bênçãos, que estará na cidade (a esposa do Cordeiro). As folhas medicinais indicam a provisão benéfica para as nações da terra e, embora não seja revelado o uso do fruto, renovado de mês em mês, parece que deve ser para o refrigério do povo de Deus na cidade celestial.

V. 3 — E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os Seus servos O servirão.

A maldição foi mencionada na Bíblia pela primeira vez no Jardim do Éden, onde a felicidade foi destruída; a maldição é mencionada frequentemente na Bíblia, mas na cidade celestial jamais entrará! A maldição entrou no mundo pela desobediência do homem; na Nova Jerusalém haverá o trono; nunca mais haverá desobediência. Assentado sobre o trono está o Cordeiro, Aquele que Se fez maldição por nós (Gálatas 3:13).

Veja mais uma vez a divindade do Cordeiro; veja o comentário sobre o v. 1.

Jamais ficaremos ociosos na cidade celestial. Compare com Gênesis 2:15. A palavra traduzida “*servirão*” indica serviço religioso e é usada somente duas vezes no Apocalipse (veja também 7:16).

V. 4 — E verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome.

Os pecadores procurarão esconder-se do rosto dAquele que está assentado no trono (6:16); os céus e a terra fugirão daquele rosto (20:11); mas os salvos o contemplarão com alegria.

A palavra “*testa*” ocorre oito vezes no Apocalipse (não ocorre no resto do Novo Testamento). Os servos de Deus serão assinalados nas suas testas (7:3 e 14:1); os homens ímpios não terão o selo de Deus na suas testas (9:4); eles terão a marca da besta (13:16 e 14:9); a meretriz, a grande Babilônia, terá o seu nome escrito na sua testa (17:5) e os salvos, que não recebem a marca da besta na sua testa (20:4), terão o nome de Deus (22:4).

V. 5 — *E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia; e reinarão para todo o sempre.*

Não haverá “noite”; veja o comentário sobre 21:25. Veja o comentário sobre “lâmpada” em 18:23 e compare com 21:23. O verbo traduzido “alumia” está no tempo futuro no texto grego; compare com 21:23, onde está no passado. Estes servos do Senhor “reinarão para todo o sempre”; veja o comentário sobre 5:10.

2) O Epílogo; admoestações e promessas finais — vs. 6-21

V. 6 — *E disse-me: Estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor, o Deus dos santos profetas, enviou o Seu anjo, para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve hão de acontecer.*

Concluindo o livro, o Senhor Jesus mesmo fala (veja o v. 7), afirmando que esta revelação não é a ilusão de um sonhador; estas são as “palavras fiéis e verdadeiras” de Deus. Compare com 19:9 e com 21:5. Veja o comentário sobre 3:14.

O texto grego diz: “o Deus dos espíritos dos profetas” (veja a Versão Atualizada). Toda a profecia, através dos séculos, tem vindo de Deus, comunicando-se com o espírito dos profetas.

Agora, no fim do livro, temos a repetição, em parte, do primeiro versículo; veja o comentário sobre 1:1.

V. 7 — *Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.*

A palavra traduzida “presto” é a mesma que foi traduzida “cedo” em 11:14; veja o comentário. Compare com as palavras “em breve” do versículo anterior. Veja o comentário sobre as “bem-aventuranças” em 1:3.

V. 8 — *E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-as ouvido e visto. prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para o adorar.*

Esta é a segunda vez que João cai aos pés de um anjo para o adorar; compare com 19:10 e veja o comentário. Observe que, no capítulo 19, este ato é precedido pela afirmação que estas palavras são verdadeiras e também pelas bem-aventuranças dos salvos; compare com 22:6 e 7. Note bem que foi aos pés do anjo que mostrava estas coisas que João caiu para o adorar; não foi aos pés dAquele que falava com ele (o Senhor).

V. 9 — *E disse-me: Olha não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.*

Pela segunda vez, João é repreendido pelo anjo; veja o comentário sobre 19:10. As palavras do anjo aqui são muito semelhantes às de 19:10; note a descrição dos coescravos. Os “*profetas*” são aqueles através de quem Deus revelou a Sua vontade; os que “*guardam as palavras deste livro*” obedecem a revelação dada. Veja o comentário sobre “*os que guardam*” em 1:3. Adoração só pode ser dada a Deus; veja outra vez 19:10.

V. 10 — E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo.

Contraste com Daniel 12:4 e 9. A diferença é importante. Daniel, como representante de Israel, selou o livro, pois estas coisas serão conhecidas por Israel somente quando chegar o tempo do fim. Mas a Igreja não é deste mundo e, conseqüentemente, está fora da esfera de contagem de tempos e de fixação de datas.

Desde a sua formação, a igreja vive nos últimos tempos; veja 1 João 2:18. Tal é o privilégio concedido a nós que João, como representante da Igreja, ouve esta ordem: “*Não seles as palavras da profecia deste livro*”. Veja o comentário sobre isto e sobre “*tempo*” em 1:3.

V. 11 — Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.

A condição de um indivíduo é o resultado da escolha que fez e há de chegar a hora quando tal escolha se tornará irreversível. Veja “*o tempo está próximo*” (v. 10) e “*eis que cedo venho*” (v. 12). Então não haverá mais oportunidade de mudar.

Veja como a recompensa assemelha-se à escolha. Aquele que escolheu injustiça colherá mais injustiça e aquele que está sujo colherá mais sujeira ainda. Não há maior castigo do que ser entregue ao seu próprio caminho para colher as suas conseqüências naturais e inevitáveis. Compare com Romanos 1:21-28. Veja os muitos exemplos disto no Apocalipse (2:22; 11:18; 17:16 etc, e o comentário sobre 16:6). O prêmio do justo e do santo também será uma maior medida da boa parte que escolheu; compare com 3:4.

V. 12 — E eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.

A primeira parte deste versículo é repetição do v. 7; veja o comentário sobre “*cedo*” em 11:14.

Este versículo confirma e explica o anterior. A vinda do Senhor à terra será um tempo de julgamento para aqueles que estiverem vivos. A palavra traduzida “*galardão*” significa um prêmio ou recompensa. A primeira vez que ocorre em o Novo Testamento refere-se a um galardão no céu (Mateus 5:12); é usada várias vezes em relação ao galardão que

os servos de Deus não de receber (1 Coríntios 3:8, 14). Descreve também as vantagens desonestas que o pecador pode ganhar aqui (Mateus 6:2; Atos 1:18; 2 Pedro 2:13).

O Senhor virá, trazendo a recompensa de cada um, confirmando o v. 11. Compare com Mateus 25:31-46 e com 2 Tessalonicenses 1:6-10. Note a forma singular da palavra “obra”. Não se trata de atos isolados; o curso da vida é visto como uma obra só.

V. 13 — Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro.

Veja o comentário sobre “Alfa e Ômega” em 1:8 e sobre “o princípio e o fim” em 21:6. Veja o comentário sobre “o primeiro e o último” em 1:17. Observe como o Senhor Jesus aqui toma o mesmo título que o Pai tomou em 21:6, provando outra vez a Sua divindade.

V. 14 — Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.

Aqui encontramos a sétima bem-aventurança deste livro; veja o comentário sobre 1:3. Esta bem-aventurança é proveniente do sangue do Cordeiro. A expressão “no sangue do Cordeiro” não consta no texto grego neste versículo, mas, se compararmos com 1:5 e com 7:14, veremos que as suas vestiduras foram lavadas no sangue derramado no Calvário.

É um símbolo que todos entendem; eles foram lavados devido aos méritos daquele sangue e mantiveram-se limpos pelo mesmo sangue; veja também 12:11.

A palavra traduzida “*vestiduras*” significa uma vestimenta comprida, de honra. Ocorre cinco vezes no Apocalipse, sempre em referência aos santos na glória (6:11; 7:9, 13, 14; 22:14). Adão perdeu o direito à árvore da vida e à presença de Deus (Gênesis 3:22-24), mas tudo isto, num sentido muito mais profundo, é dado aos salvos; não é apenas permissão; é o direito à árvore e à cidade.

V. 15 — Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira.

No versículo anterior notamos o direito dos salvos de entrar na cidade; agora temos uma lista de pessoas estritamente proibidas de entrar. Embora seja necessária uma lista para descrever as diversas classes que não poderão entrar, nenhuma lista descreve aqueles que entram; idoneidade é adquirida somente pelo sangue do Cordeiro.

A primeira classe mencionada é de “cães”. Esta palavra não deve ser entendida literalmente, mas como uma descrição de certas pessoas. No Velho Testamento, o cão era um animal imundo (veja Levítico capítulo 11) e o preço de um cão era abominação ao Senhor

(Deuteronômio 23:18). Em o Novo Testamento, a palavra é usada como figura do desprezível e imundo (Mateus 7:6; Filipenses 3:2; 2 Pedro 2:22).

As demais palavras desta lista ocorrem também na lista de 21:8 entre o número daqueles que irão para o lago de fogo. Um versículo complementa o outro. Veja o comentário sobre 21:8.

V. 16 — Eu Jesus, enviei o Meu anjo, para vos testificar estas coisas nas igrejas: Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã.

Compare com 1:1 e com 22:6. Nestes versículos Deus enviou o Seu anjo; aqui, Jesus (o nome humano e desprezado) envia o Seu anjo; é uma declaração da Sua divindade e conseqüente igualdade com o Pai.

O verbo traduzido “*testificar*”, embora frequente em o Novo Testamento, ocorre somente três vezes no Apocalipse (veja também 1:2 e 22:20). Os substantivos da mesma raiz, porém, ocorrem frequentemente neste livro, traduzidos por “*testemunho*” e “*testemunha*”.

Observe a menção das igrejas. A maior parte deste livro não se refere às igrejas, mas tudo é para elas, para a sua edificação. No v. 12 vimos a vinda do Senhor à terra (veja comentário); agora vemos o Senhor como a resplandecente Estrela da Manhã; veja o comentário sobre 2:28. Na expressão “*raiz e geração de Davi*” vemos a Sua divindade e humanidade. Veja o comentário sobre 5:5.

V. 11 — E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida.

Diante desta apresentação do Senhor Jesus como a resplandecente “*Estrela da Manhã*”, “*o Espírito e a esposa dizem: Vem*”. A esposa anela a chegada do Noivo e diz: “*Vem*”. Muitas vezes ela falhou e manifestou a sua própria vontade, mas, em anelar a vinda do Noivo, ela expressa o desejo do Espírito Santo. Todo aquele que ouve (veja o comentário sobre 1:3) deve desejar a vinda do Senhor e é incentivado a dizer: “*Vem*”.

Agora o versículo muda de tom. A Igreja que anela a vinda do Noivo também anela a salvação dos perdidos; ela convida os sedentos. Note bem a diferença nesta segunda parte do versículo.

O Espírito, a esposa e aquele que ouve dizem: “*Vem*”; eles desejam a chegada do Noivo. Os sedentos não dizem: Vem; são convidados a vir. No fim do versículo, o convite é estendido a todo “*aquele que quiser*” (não só os sedentos). Veja a referência à “*água da vida*” em 7:17; 21:6; 22:1. Esta água da vida é de graça; compare com João 4:10.

V. 18 — Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que se alguém lhes acrescentar alguma

coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro;

Esta profecia foi dada ao Senhor Jesus Cristo (1:1) por Deus; aquele que acrescentar alguma coisa, sofrerá terrivelmente. Isto indica que a revelação é completa; não há necessidade de mais nada. Compare com 2 Timóteo 3:17. Deus já revelou tudo o que o homem de Deus precisa para que seja perfeitamente habilitado para toda a boa obra.

Veja o comentário sobre “*pragas*” em 15:1.

V. 19 — E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia. Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro.

Este versículo é o complemento do anterior. No v. 18 aprendemos que não falta nada neste livro; é completo. Agora aprendemos que não há nada supérfluo; nada pode ser tirado. Veja a menção da árvore da vida e da cidade no v. 14. Os salvos têm direito a estas bênçãos, mas quem tira algo deste livro não tem direito a elas.

Note a frase “*escritas neste livro*”, repetida nos vs. 18 e 19.

V. 20 — Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Ora vem, Senhor Jesus.

O Senhor enviou Seu anjo para testificar (v. 16), mas o anjo era apenas o mensageiro de Quem, de fato, testificava.

Esta é a terceira vez que encontramos a promessa “*cedo venho*” neste capítulo; veja os vs. 7 e 12. A palavra traduzida “*certamente*” ocorre quatro vezes no Apocalipse (1:7; 14:13; 16:7 e 22:20). Às vezes é traduzida por “*sim*” ou “*na verdade*”. Veja o comentário sobre 1:7, onde é usada juntamente com a forma hebraica “*Amém*”.

Mais uma vez é expresso o desejo que o Senhor venha (compare com o v. 17).

V. 21 — A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém.

As palavras “*Cristo*” e “*Amém*” não constam no texto grego neste versículo.

Note o contraste entre o final do Velho Testamento e o do Novo. Malaquias termina com uma ameaça de juízo, mas o Apocalipse termina com uma bênção, estendida a todos os santos. A vinda do Senhor Jesus Cristo ao Calvário mudou tudo.

.oOo.